

PEDRO ANTONIO DE FREITAS BRITO

SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL INERENTE À ARQUITETURA DO FUTEBOL:  
ASPECTOS DE CAUSALIDADE E A MORFOLOGIA DO NOVO MINEIRÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em  
Ambiente Construído e Patrimônio  
Sustentável da Escola de Arquitetura da  
Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio  
Penido de Rezende.

BELO HORIZONTE

2018

#### FICHA CATALOGRÁFICA

B862s

Brito, Pedro Antonio de Freitas.

Segregação socioespacial inerente à arquitetura do futebol [manuscrito] : aspectos de causalidade e a morfologia do novo Mineirão / Pedro Antonio de Freitas Brito. - 2018.

154 f. : il.

Orientador: Marco Antônio Penido de Rezende.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Futebol – Aspectos sociais – Teses. 2. Futebol – Aspectos Políticos – Teses. 3. Estádios – Arquitetura – Teses. 4. Estádios – Projetos e Plantas – Teses. I. Rezende, Marco Antônio Penido de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 725.827

Ficha catalográfica: Biblioteca Professor Raffaello Berti.

**PEDRO ANTONIO DE FREITAS BRITO**

SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL INERENTE À ARQUITETURA DO FUTEBOL. ASPECTOS DE CAUSALIDADE E A MORFOLOGIA DO NOVO MINEIRÃO.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

Comissão Examinadora:



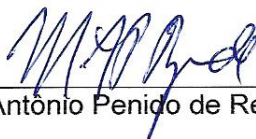
---

Prof. Dr. Daniel Medeiros de Freitas - EAUFMG



---

Prof.a. Dra. Maria Elisa Baptista – PUC Minas



---

Prof. Dr. Marco Antonio Penido de Rezende - EAUFMG

Belo Horizonte, 11 de Outubro de 2018.

## AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação é uma metáfora da própria vida. Para este pesquisador a concepção e a redação desta se tornaram uma *long and winding road*, canção em que Paul McCartney nos brinda com os versos: *Many times I've been alone, many times I've been cried. Any way you'll never know, the many ways I've tried*. Por me auxiliarem a manter a persistência de vencer o desafio pessoal que o destino me permitiu lutar, agradeço:

aos meus pais, Nilson e Elza por todo o apoio e privilégio do ensinamento diário.

Aos grandes amigos, e aqui me permito utilizar os nomes pelos quais me dirijo à eles: Zema, Moita, Paulista e Tonho, pela ajuda inestimável ao longo de processos pessoais complexos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marco Antônio Penido de Rezende, pela paciência, pela transmissão de conhecimento e principalmente por aceitar o desafio de continuar a me orientar, mesmo com uma mudança de tema tão significativa ao longo do curso. Mais do que um orientador, fiz um amigo.

Ao Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável e à Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Ao Exmo. Sr. Prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, pela entrevista concedida e por me receber de forma tão cordial em seu gabinete.

À José Júlio Rodrigues Vieira (Julinho), Chico Maia e Caio Cordeiro, pela articulação do encontro com o Prefeito.

Ao jornalista Thiago Reis, pela entrevista concedida e visão privilegiada do tema explorado por este pesquisador.

Aos amigos que fiz e tive o prazer de conviver no MACPS.

À sempre amiga Jovana Stosic, pela alegria e acolhimento.

Ao amigo Amaro Marques, pelas cervejas e conversas.

Ao amigo Georgino Jorge (Gino), pela indicação de literatura e disponibilidade.

À Profª Dra. Maria Elisa Baptista (Pixote), Prof. Dr. Daniel Medeiros de Freitas, Prof.ª Dra. Natacha Rena e Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas, pela troca de informações e ajuda no direcionamento da pesquisa.

À Profª Me. Fernanda Rabelo, por deixar o papel de coordenadora e assumir o de amiga em diversos momentos importantes.

À Thiago Costa, Luiza Macedo, Débora Tavares e José França, do Museu Brasileiro do Futebol no Mineirão, pela cordialidade e disponibilidade.

Aos novos (e grandes) amigos que pude fazer ao longo dos dois últimos anos.

Aos colegas de carona da UNA Bom Despacho, pelas músicas em dias que se tornaram alegres.

Aos amigos que se solidarizaram nas – aparentemente – intermináveis tabulações de fichas de jogo.

Aos amigos de adolescência de Montes Claros, por resgatarem laços importantes e por um tempo perdidos.

À Raissa Baptista, simplesmente por existir.

Por último – e não menos importante, à Nanã e Xangô.

Meu mais sincero obrigado!

“O nosso time nos representa – o lugar onde vivemos, o nosso povo – contra aqueles outros sujeitos de um lugar diferente.”

*Carl Sagan*

“Me dê um Mineirão lotado que eu faço a revolução”.

*Tarcísio Lage*

## RESUMO

Esta dissertação procura investigar de forma causal os fatores que levaram a arquitetura de estádios de futebol à geração de segregação socioespacial. Levando-se em consideração aspectos morfológicos de espaços de espetáculo desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade, são apresentadas as causas e analisadas as consequências da prática de agendas de determinação de público e em eventos de escala global à escala regional. A partir da sistematização da ação dos agentes e poderes envolvidos no filtro social e na determinação da geometria de poder que o futebol tem apresentado nas últimas décadas, poderá se identificar o fenômeno da elitização do esporte em detrimento à sua origem popular. A dissertação contempla ainda a atuação da arquitetura e a concepção de espaços nesse processo, que se iniciou na Europa no final da década de 1980 e se consolidou no Brasil nos anos – anteriores e – posteriores à realização da Copa do Mundo da FIFA de 2014.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura, Morfologia, Segregação socioespacial, Futebol.

## **ABSTRACT**

This dissertation seeks to investigate in a causal way the factors that led the architecture of football stadiums to generate socio spatial segregation. Taking into consideration morphological aspects of entertainment spaces from the Classic Antiquity to contemporaneity, the causes are presented and the consequences analyzed of the public determination agendas as much global scale events such as regional ones. From the agents systematization and actors involved on social filter and in geometry of power determination that football has been shown in the last decades, will be possible to identify the phenomenon of sport elitization itself to the detriment of your popular origin. This Dissertation also contemplates the acting of architecture and the spaces conception in this process, that had been started in Europe in late 80's and consolidated in Brazil – previously and – after the FIFA World Cup in 2014.

**KEYWORDS:** Architecture, Morphology, Socio spatial segregation, Football.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADEMG – Administração dos Estádios do Estado de Minas Gerais

BBC – British Broadcasting Company

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CBMMG – Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Minas Gerais

CMDPH-BH – Conselho Municipal Deliberativo de Patrimônio Histórico de Belo Horizonte

FA – Football Association

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

FMF – Federação Mineira de Futebol

PMMG – Polícia Militar do Estado de Minas Gerais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Setorização de acordo com o perfil funcional de público em estádios de futebol

FIGURA 2 – Planta do Coliseu de Roma e sua setorização

FIGURA 3 – Ilustração da morfologia dos estádios ingleses da chamada segunda fase

FIGURA 4 – Kenninton Oval, uma dos primeiros estádios de críquete a sediar partidas de futebol na Inglaterra

FIGURA 5 – Aspecto da fachada do Craven Cottage, um dos primeiros estádios de futebol da Inglaterra

FIGURA 6 – Aspecto da morfologia do Estádio das Laranjeiras, Rio de Janeiro

FIGURA 7 – Recorte de jornal de Belo Horizonte da década de 1920

FIGURA 8 – Estádio Mineirão visto a partir da lagoa da Pampulha, década de 1950/60

FIGURA 9 – Espetadores ingleses contra o alambrado no estádio Hillsborough, na Inglaterra em 1989

FIGURA 10 – Setor Geral do estádio Maracanã ocupado pelos usuários

FIGURA 11 – Manifestações espontâneas do público no setor Geral do estádio Mineirão

FIGURA 12 – Receita dos clubes brasileiros e sua composição

FIGURA 13 – Preço médio do valor do direito ao ingresso para o torcedor na bilheteria

FIGURA 14 – Getúlio Vargas entrega prêmio ao jogador Ademir por título Pan-americano em 1952

FIGURA 15 – Revista da década de 1930 exaltando o feito da Seleção Brasileira no exterior e seu retorno ao país

FIGURA 16 – Mapa de localização dos primeiros estádios de futebol em Belo Horizonte

FIGURA 17 – Estádio Alameda, pertencente ao América Futebol Clube, década 1940

FIGURA 18 – Estádio Antônio Carlos, pertencente ao Clube Atlético Mineiro, década de 1930

FIGURA 19 – Estádio Juscelino Kubitshek, pertencente ao Cruzeiro Esporte Clube, década de 1940

FIGURA 20 – Campo do Prado Mineiro, década de 1920/30

FIGURA 21 – Vista aérea do Estádio Independência e entorno imediato, por volta do ano 2000

FIGURA 22 – Vista aérea do Estádio Independência e entorno imediato, após a reforma

FIGURA 23 – Aspecto da volumetria e partido arquitetônico da Arena Independência, após a reforma

FIGURA 24 – Visada do campo de jogo do “antigo Independência” a partir dos muros e coberturas de edificações vizinhas

FIGURA 25 – Pelé e Zito observam as obras do Mineirão no ano de 1963

FIGURA 26 – Trabalhos de terraplanagem no terreno onde seria construído o Mineirão, década de 1960

FIGURA 27 – Montagem das ferragens do lanço superior da arquibancada do Mineirão, década de 1960

FIGURA 28 – Excerto do jornal O Estado de São Paulo, 5 de Setembro de 1965

FIGURA 29 – Objeto arquitetônico do Mineirão e agencimento externo em níveis, década de 1960

FIGURA 30 – Complexo esportivo do Mineirão e Mineirinho, vistos da Igreja de São Francisco de Assis, obra de Oscar Niemeyer

FIGURA 31 – Aspecto do anel externo de acesso ao estádio, com a bilheteria em primeiro plano por volta do ano de 1997

FIGURA 32 – Setorização nas fases 1 e 2 do Mineirão

FIGURA 33 – Veículo preparado para corrida no entorno imediato do Mineirão, década de 1970

FIGURA 34 – Aspecto interno da morfologia do Mineirão durante a Fase 2

FIGURA 35 – Esplanada do Mineirão em planta

FIGURA 36 – Objeto arquitetônico do Mineirão sobre esplanade concebida executada na Fase 3

FIGURA 37 – Croqui do arquiteto urbanista Bruno Campos ilustrando a relação entre o novo Mineirão e suas propostas de intervenção

FIGURA 38 – Esplanada do Mineirão sendo utilizada para a realização de evento de música

FIGURA 39 – Apropriação do espaço da esplanade do Mineirão por público diverso

FIGURA 40 – Vista aérea do Mineirão, agenciamento externo e entorno imediato

FIGURA 41 – Aspecto interno do Mineirão e demolição de parte das arquibancadas

FIGURA 42 – Esquema de escalonamento de assentor segundo Caderno de Encargos da FIFA

FIGURA 43 – Perspectiva artística ilustrando o novo esquema de arquibancadas do Mineirão

FIGURA 44 – Cortes esquemáticos da morfologia das arquibancadas

FIGURA 45 – Setorização interna do Mineirão, Fase 3

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO	13
OBJETIVO GERAL	14
OBJETIVO ESPECÍFICO	14
METODOLOGIA	15
ESCOPO	16
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL	18
1.1.1 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NA ARQUITETURA DO FUTEBOL	21
1.2 OS PRIMEIROS ESTÁDIOS INGLESES E SEU CONTEXTO SOCIAL	26
1.3 OS PRIMEIROS ESTÁDIOS BRASILEIROS E SEU CONTEXTO SOCIAL	32
1.4 DO ESTÁDIO À ARENA: A ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE	37
1.5 O ESTÁDIO COMO A “CASA DO POVO”	41
1.6 A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESTÁDIO PARA O TORCEDOR	45
1.7 ESTABELECIMENTO DA RELAÇÃO CAUSAL: CAPITAL, CAMPO E PODER	49
2. CAPITAL SIMBÓLICO E A APROPRIAÇÃO POLÍTICA DO FUTEBOL	52
2.1 O INTERESSE POLÍTICO NO FUTEBOL	52
2.2 A NECESSIDADE DE AFIRMAÇÃO MINEIRA	57
2.3 A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO “GIGANTE DA PAMPULHA”	66
2.4 O MINEIRÃO, DA CONCEPÇÃO À EXECUÇÃO	71
3. ANÁLISE MORFOLÓGICA	75
3.1 ASPECTOS FÍSICOS DO OBJETO ARQUITETÔNICO	76
3.2 AS FASES E REFORMAS	77
3.2.1 MINEIRÃO FASE 1	78
3.2.2 MINEIRÃO FASE 2	84
3.2.3 MINEIRÃO FASE 3	86
3.3 A CONSOLIDAÇÃO DA SEGREGAÇÃO PELA MORFOLOGIA	96

4. CONSOLIDAÇÃO DA SEGREGAÇÃO PELO VALOR DO INGRESSO	97
4.1 VALOR DO INGRESSO E POTENCIAL DE CONSUMO NO ESPORTE “MAIS POPULAR”	97
CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	110
APÊNDICES	113

## INTRODUÇÃO

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A arquitetura pode influenciar ou determinar o comportamento do usuário através da sua composição física. Aspectos conceituais aliados a soluções físicas arranjadas sob a lógica de elementos construtivos também podem influenciar a percepção de um objeto arquitetônico, determinar sua legibilidade (LYNCH, 2010) e gerar – ou não – sentimento de pertencimento.

A arquitetura esportiva, particularmente voltada ao futebol se apropriou ao longo do tempo de morfologias experimentadas na Antiguidade Clássica para definir um modelo de edificação onde convivem evento e espectador. Essa edificação possui uma dimensão simbólica secular e sua composição física pode eventualmente gerar segregação, dependendo da forma com que se configura e da influência de forças externas.

Dentro dessa concepção, a perspectiva de realização da Copa do Mundo da FIFA<sup>1</sup> no Brasil em 2014 trouxe ao país um panorama de consolidação de alguns dos aspectos supracitados e também a possibilidade de quebra de paradigmas. Ao anunciar em 2007 o Brasil como a sede do evento, criou-se instantaneamente uma expectativa positiva em uma grande parcela da sociedade brasileira, dado o profundo envolvimento da população com o esporte.

Chamado instantaneamente de “legado da copa”, a perspectiva de otimização de equipamentos e infraestrutura urbanos ratificou a expectativa positiva, projetando o que ficaria de fato como legado para usufruto da população. Esse panorama de

---

<sup>1</sup> Fédération Internationale de Football Association, órgão de regulamentação e normatização de assuntos relacionados ao futebol em âmbito mundial.

excitação se apoiou, entre outros fatores, à consolidada dimensão simbólica que a edificação do estádio de futebol apresenta no Brasil.

O envolvimento do brasileiro com o futebol parece se estabelecer também através de fatores atrelados à vitalidade de uma sociedade: sociologia, economia, política e saber abordados por diversos autores mais próximos da literatura voltada ao futebol. É importante salientar então que dentro deste contexto complexo de relações causais a arquitetura atua na definição dos graus de experiência que o usuário tende a vivenciar nessa edificação, através da setorização ou mesmo da segregação de determinado perfil de público. Esta questão será abordada neste trabalho por meio de uma análise comparativa da evolução dos estádios na Inglaterra e no Brasil e da investigação específica que inclui as modificações morfológicas identificadas no Estádio Governador Magalhães Pinto na preparação para sediar partidas na Copa do Mundo da FIFA de 2014.

## OBJETIVOS

### OBJETIVO GERAL

O objetivo principal desta pesquisa é identificar e compreender como a arquitetura atuou na segregação socioespacial de um determinado perfil de público do estádio Mineirão – pós Copa do Mundo de 2014 – através da relação Morfologia e segregação socioespacial.

A causalidade se estabelecerá na dissertação a partir da evolução do futebol como esporte, espetáculo, representação e aceitação social e as consequências geradas a partir da intervenção do capital, da definição dos campos de poder (BOURDIEU, 2003) e como estes atuaram para que a segregação se consolidasse.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos da pesquisa consistem em

- identificar a segregação em espaços de espetáculo e a arquitetura como seu agente;

- analisar a evolução da morfologia dos estádios de futebol na Inglaterra e no Brasil;
- determinar as forças que atuaram na mercantilização do futebol e suas consequências para a própria morfologia;
- determinar como e porquê houve segregação socioespacial no estádio Mineirão, no período pós Copa do Mundo de 2014.

## METODOLOGIA

É importante perceber que no desenvolvimento deste trabalho o termo segregação será citado em diversas oportunidades. Neste contexto, por segregação entendam-se tanto aspectos decorrentes da morfologia da edificação quanto aspectos atrelados às dinâmicas de gerenciamento do esporte ditadas pelo capital e assimilados pela população consumidora do produto futebol. Isso gera um sentimento de que há uma relação de causalidade.

Esta se estabelece na dissertação a partir da evolução do futebol como esporte, espetáculo, representação e aceitação social e as consequências geradas a partir da intervenção do capital, da definição dos campos de poder (BOURDIEU, 2003) e como estes atuaram para que a segregação se consolidasse.

A metodologia adotada para a pesquisa foi a exploratória bibliográfica com estudo de caso (GERHART, 2009).

Em um primeiro momento, buscou-se uma análise e discussão sobre o tema da segregação no sentido de construir a base teórica do trabalho. A segunda etapa da pesquisa consistiu na análise, sob o desdobramento da segregação socioespacial, da evolução na relação entre o usuário e o ambiente construído nas edificações voltadas para o futebol na Inglaterra – país de origem do esporte, e no Brasil.

Com isto, foi possível determinar os aspectos de causalidade entre a própria morfologia deste tipo de edificação e os aspectos que proporcionaram o processo de espetacularização do futebol, baseado na ideia da influência e da atuação dos

diversos tipos de capital e da dimensão simbólica do equipamento urbano estádio de futebol.

No terceiro momento da pesquisa, foi apresentado o estudo de caso, que cria um paralelo entre todos os aspectos apresentados anteriormente e as intervenções realizadas no estádio mais importante do estado de Minas Gerais, o Mineirão, para atender ao padrão FIFA e se habilitar a sediar jogos da Copa do Mundo de 2014. Para este momento, foram realizadas entrevistas com personalidades ligadas ao gerenciamento do futebol, jornalistas ligados ao esporte e análises de dados consolidados de renda, público pagante de acordo com a morfologia de cada período histórico do Mineirão.

Finalmente, a partir da contraposição dos resultados das fases anteriores foi possível criar uma ampla discussão dos dados obtidos e estabelecer as conclusões.

## ESCOPO

A dissertação será estruturada em: Introdução, capítulos 1, 2, 3 e Conclusão, organizados a partir dos assuntos:

Introdução. Neste capítulo será apresentado o contexto geral da dissertação, incluindo a perspectiva positiva em relação à realização da Copa do Mundo da FIFA no Brasil no ano de 2014 e a relação entre o usuário e a edificação voltada para o futebol, seus aspectos físicos – e simbólicos e as possíveis forças atuantes na modificação das dinâmicas do esporte.

Capítulo 1 – Revisão bibliográfica. Apresentação da segregação como característica inerente à edificações de espetáculo concebidas desde a antiguidade clássica até os estádios de futebol da contemporaneidade e os aspectos que apontam a atuação da arquitetura neste sentido. Neste capítulo também será apresentada a estatística que aponta a elevação significativa do valor do direito ao ingresso como estratégia para a legitimização da espetacularização do esporte, discutida mais à frente.

Capítulo 2 – Questão-problema. Apresentação do futebol como representação cultural e de força política relevante no contexto entre no final do século XIX, durante todo do século XX e início do século XXI.

Neste capítulo serão narrados os fatos históricos que provam a força de influência que o futebol possui. Como consequência, serão colocados à luz da verdade a dimensão simbólica marcante do equipamento urbano do estádio de futebol assim como sua importância dentro do contexto da própria investigação de arquitetura. Este capítulo servirá como pano de fundo para chegar ao estudo de caso, descrito a seguir. Além da análise factual, serão realizadas entrevistas com personalidades ligadas ao futebol, para consolidar a percepção do movimento de segregação elencado.

Capítulo 3 – Análise morfológica e estudo de caso. Neste capítulo será apresentada a análise das características físicas do Estádio Mineirão, desde a sua concepção e construção até a atualidade, passando inclusive pela profunda reforma pela qual passou o equipamento urbano para se adequar às normas da FIFA para sediar jogos na Copa do Mundo de 2014.

Por meio da modificação significativa na morfologia interna do estádio mais importante de Minas Gerais, determinado perfil de usuários foi deliberadamente segregado da vivência dos estádios. O estudo de caso consistirá na análise sistemática das decisões de projeto adotadas na reforma do Estádio Mineirão, em Belo Horizonte/MG, todos os aspectos que de fato caracterizam a segregação.

Capítulo 4 – Neste capítulo serão apresentados dados tabulados que irão gerar uma estatística que ilustra a evolução do valor do direito ao ingresso no Mineirão ao longo de 24 anos. Com isso, procuraremos caracterizar também a segregação socioespacial através da filtragem social que o campo econômico é capaz de gerar.

Conclusão. Após obter todos os dados elencados, análises e cruzamento sistemático dos aspectos de modificação da morfologia, serão concluídas as hipóteses. O resultado esperado é a identificação da atuação da própria morfologia

como consequência de uma agenda de transformação do futebol – e da arquitetura do futebol, e a efetivação da segregação de determinado perfil de usuários no estádio Mineirão após a Copa do Mundo de 2014.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

O dicionário Michaelis (2018) define o termo segregação como o ato de separar, afastar. A segregação socioespacial é aquela que toca os usuários tanto no âmbito da escala da edificação quanto na escala urbana, fazendo que com determinado público passe a não ter mais acesso à espaços e lugares. Este termo é um desdobramento do que foi elencado pela primeira vez pela chamada Escola de Chicago nas décadas de 1930 e 1940 (Vieira et al, 2003), que considerava a segregação urbana um fenômeno de origem “natural” gerado a partir da escolha do usuário em ocupar ou se apropriar de determinada vizinhança.

Essa discussão evoluiu para a ideia disseminada nas décadas de 1960 e 1970 com pensadores de formação marxistas, principalmente na França. A Escola de Sociologia Urbana Francesa, em explícito contraponto à Escola de Chicago pensava que a segregação socioespacial é na realidade, uma desnaturalização das relações entre o ser humano e o espaço habitável – e o ambiente construído. Para os pensadores franceses a segregação socioespacial é de fato:

[...] uma constatação da localização das diferentes classes sociais no espaço urbano (...) compreendendo que (...) é o resultado das contradições das relações sociais, das lutas de classe no sistema capitalista, refletidas e expressas na organização e estruturação do espaço urbano (...) (VIEIRA et al, 2003, p. 163)

Na obra *O direito à cidade* (2011), o pensador marxista Henri Lefebvre traz elementos que servem de argumento para a reflexão da questão da segregação socioespacial. O autor nos indica que a relação entre seres humanos no contexto da cidade é, em grande parte, de ordem funcional. Lefebvre (2011) sistematiza três dimensões básicas que geram desigualdade no contexto da sociedade. Segundo Vieira e Melazzo (2003), as duas primeiras dimensões se baseiam na concepção do espaço urbano como mercadoria, que gera uma luta de classes quanto ao acesso e principalmente quanto ao direito de usufruto da infraestrutura. Isso nos leva à terceira dimensão que consiste numa espécie de consequência das duas anteriores: a apropriação “subjetiva e ideológica dos espaços” (VIEIRA e MELAZZO, 2003).

Essa condição que se mostra inerente ao sistema capitalista, permite gerar ainda segundo Vieira e Melazzo (2003), espaços concebidos e gerenciados por quem têm a intenção criar homogeneidade de ordem socioeconômica. Com isso, ocorre o desencontro de indivíduos constituintes de uma sociedade e a desvalorização – ou valorização, a partir de uma ótica mais ortodoxa – do indivíduo enquanto representante de uma determinada classe social num determinado espaço.

Castells (apud Vieira e Melazzo, 2003) aponta ainda a intensa atuação dos atores políticos e econômicos no estabelecimento dessa agenda de exclusão a determinados grupos sociais. O autor indica que o Estado implementa políticas veladas de segregação ao determinar que espaços de habitação popular sejam historicamente concebidos numa intenção de afastar grupos menos favorecidos dos mais favorecidos, por exemplo.

Naturalmente, este fenômeno elencado por Castells pode ser justificado por fatos históricos, como o processo de urbanização intenso pelo qual passou o Brasil durante o século XX em função da industrialização (MONTEIRO e VERAS, 2017). Entretanto, isso nos permite pensar que os atores que detêm poder de gerar a segregação socioespacial o fazem de forma deliberada, já que

[...] as discontinuidades não se situam apenas nas formações urbanas, mas também entre relações sociais mais gerais, entre as relações imediatas dos indivíduos e dos grupos (...) Desestruturações e reestruturações se sucedem no tempo (...) sempre traduzidas na prática. (LEFREBVRE, 2011, p. 59, 60).

Além dos aspectos socioeconômicos citados acima, Caldeira (2000) inclui na discussão um importante aspecto gerador de segregação socioespacial: o medo, potencializado pela violência. A autora discute a forma com que as relações entre seres humanos têm acontecido em um grande centro urbano como São Paulo, por exemplo. Ao forjar o termo “enclaves fortificados”, Caldeira (2000) nos oferece uma imagem nítida dos espaços “privatizados, fechados e monitorados”, apropriados por classes sociais com maior acesso à renda que têm sistematicamente abandonado o espaço público sem barreiras para as classes sociais economicamente mais vulneráveis.

É o que Kovarick (2009) define como “a experiência da derrota” da convivência, dadas todas as disparidades presentes em um sistema de organização social como o que temos conhecimento. Sentimentos coletivos como medo e incerteza, abordados por Bauman (apud Frattari, 2008, p.398) levam uma sociedade a sentir-se ameaçada em sua ordem, o que nos leva ao sentimento de necessidade da criação de barreiras. Ao erguê-las – barreiras físicas ou invisíveis, estabelece-se uma divisão entre classes sociais e geram-se efeitos de separação, em sua grande maioria caracterizados por dinâmicas de exclusão lesivas à própria sociedade.

Há ainda questões – controversas – de direito à apropriação de espaços, que tocam o campo da ética e da democracia. Holanda (2018) aprofunda nessa discussão ao propor que a arquitetura e as edificações possuem uma dimensão ética que está relacionada às expectativas que usuário cria em relação à ela. Esta questão pode ser atrelada também ao deleite que pode ser criado ao se apropriar de um espaço de uso coletivo. O deleite, ou seja, o prazer de se apropriar de um espaço de uso coletivo, seja público ou privado, é condição básica para que tal espaço seja vivenciado em sua plenitude.

A questão se torna mais controversa quando são introduzidos fatores como propriedade privada, uso coletivo e direito de uso à narrativa, o que nos leva à uma pergunta: uma parcela da sociedade tem o direito de influenciar e/ou restringir o acesso de outra(s) à lugares e edificações? A discussão de ética proposta por Holanda (2018) nos ajuda a entender que a questão é profunda e não se encerra aqui, afinal a arquitetura e o urbanismo são construtos de ordem social e demandam debate para que uma ordem de igualdade seja de fato instaurada.

A segregação socioespacial é portanto, o conjunto de ações e/ou estratégias sob as quais determinada classe social age deliberadamente para restringir e/ou impedir que determinado indivíduo – ou grupo representativo de indivíduos – tenha acesso a determinado bem, espaço ou qualquer outro aspecto da vida na cidade.

### 1.1.1 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NA ARQUITETURA DO FUTEBOL

A segregação socioespacial se relaciona *a priori* com uma discussão de escala urbana. Entretanto, a arquitetura também é capaz de produzir este fenômeno mais próximo da escala da edificação, já que o objeto arquitetônico é composto por um conjunto de elementos que em uníssono evocam construtos no ser humano. A forma com que os elementos de arquitetura compõem um arranjo físico pode determinar que perfil de público está apto – ou inapto – a acessar determinado espaço. Num âmbito geral, a Teoria da arquitetura trabalha um termo que trata a questão da forma acima elencada: a setorização.

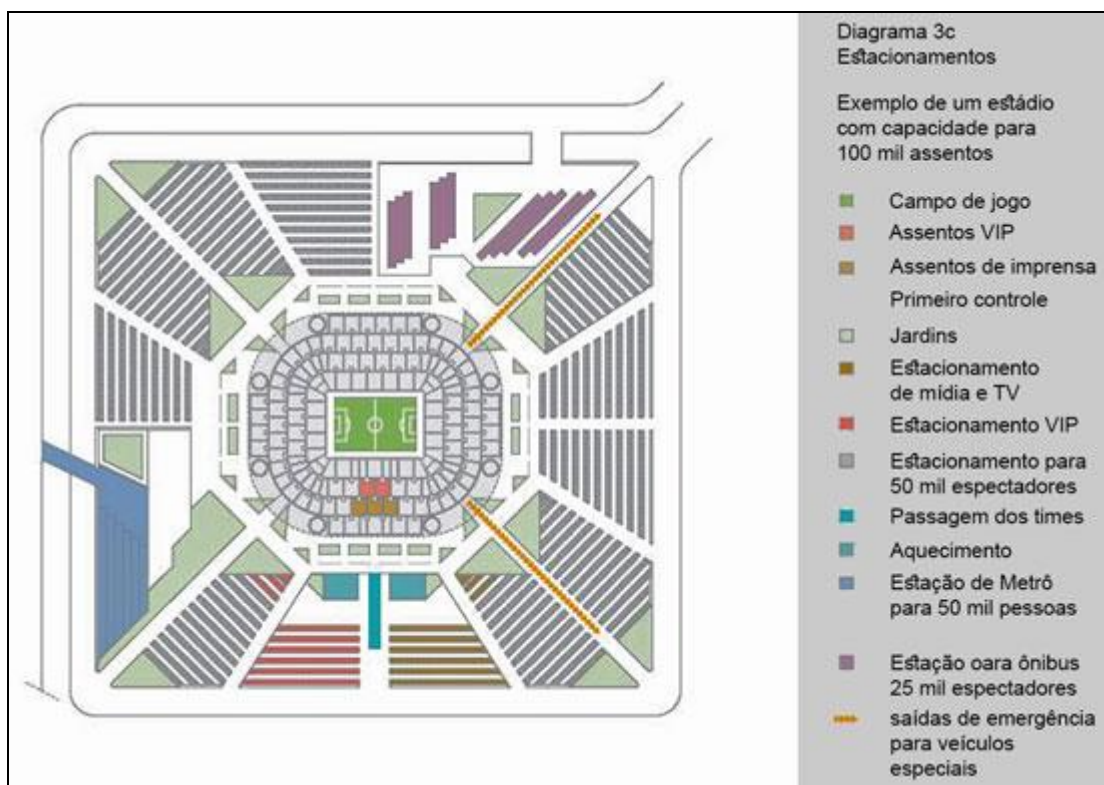
A setorização é um recurso que a arquitetura dispõe para tratar a segregação a partir da legitimização do poder de aquisição, acesso e apropriação de determinado lugar. Nascimento (2011) afirma que a setorização faz parte de um sistema que a arquitetura se apropria para definir “diagramas geradores da organização dos espaços”, assim como o zoneamento de funções e outros recursos próximos como o fluxograma, por exemplo. Embora a setorização não assuma necessariamente uma conotação negativa – como será tratado no próximo parágrafo, a segregação assume esta conotação, já que determina a seleção que acontece dentro de uma dinâmica econômica de definição de perfil de público.

Em um esquema de organização pragmático a arquitetura pode determinar acesso de um perfil de público a determinado espaço para que seu fluxograma funcione de forma efetiva. A arquitetura se apropria da questão da setorização em estádios de futebol de forma a sistematizar o acesso do público em relação à organização funcional no exterior e no interior da edificação. Dessa forma, o fluxograma planejado permite que públicos distintos possuam direcionamentos pragmáticos que prezam pela fluidez de público e evento. Embora a narrativa pareça se distanciar da questão da segregação ao elucidar questões funcionais, ela também relaciona intimamente os aspectos supracitados: seleção econômica – e de perfil de usuário – habilitado a acessar o ambiente construído.

Para ilustrar o argumento acima exposto no contexto das edificações voltadas ao futebol, a FIFA instrui os projetistas a definir os chamados *front of house* (frente da casa, tradução nossa) e *back of house* (fundos da casa, tradução nossa) como um recurso de setorização no entorno imediato dos estádios. Tratada de forma pragmática, esta instrução permite que o público composto por espectadores não ocupe o mesmo local que imprensa, atletas e comissão técnica.

A Figura 1, extraída da publicação *Football Stadiums, Technical recommendations and requirements* (Estádios de futebol, recomendações e requisitos técnicos, tradução nossa) da FIFA (2007), expõe de forma resumida a questão da setorização de acordo com o perfil de público desejado para cada evento, dentro de um contexto geral de edificações voltadas para a prática do futebol. Nela pode-se notar um direcionamento sugerido para diferentes perfis de público, como os assentos VIP's direcionados a espectadores, assentos para a imprensa, estacionamentos, acessos para profissionais da área da saúde, segurança, etc.

FIGURA 1 – Setorização de acordo com o perfil funcional de público em estádios de futebol.



FONTE: Adaptado de *Football Stadiums, Technical recommendations and requirements*, FIFA (2007)

No vocábulo da arquitetura, morfologia refere-se à composição e ao aspecto formal que uma edificação assume. A forma na arquitetura é o resultado de uma interface entre diversos aspectos conceituais que geram um partido arquitetônico. Mitchell (2008) afirma que a forma de uma edificação está associada à ideia de ordem e se mostra dependente de características como ritmo e proporção, por exemplo.

À ideia de ordem, podem-se incluir noções de volumetria, escala, modulação, etc. A morfologia é portanto, o arranjo físico que uma edificação assume utilizando-se das características e interfaces dos elementos de composição formal. Quando uma morfologia tem o modelo replicado, configura-se uma tipologia, ou seja, um tipo de arranjo físico comum a vários objetos arquitetônicos.

Um breve resgate histórico nos mostra que desde a Antiguidade clássica os espaços fechados voltados para o espetáculo são setorizados e inerentemente geram segregação a partir da morfologia. Na Roma antiga, as arenas apresentavam segregação de público que fazia clara distinção do perfil social dos espectadores. Um exemplo disso é o Anfiteatro Flávio, também conhecido como o Coliseu de Roma.

O Coliseu era um equipamento urbano importante tanto para a cidade de Roma quanto para o Império Romano. Sua tipologia foi replicada em diversas partes do território ocupado pelos romanos como estratégia de disseminação não só da tecnologia construtiva como também de sua cultura. O Coliseu foi para Roma um marco urbano (LYNCH, 2010) sendo possível fazer uma analogia com os estádios de futebol e sua relação com o contexto urbano do mundo contemporâneo.

As primeiras tipologias de arquitetura voltadas para o espetáculo, mais especificamente para atrações esportivas surgiu, segundo Brombilla (2014), na Grécia durante a Antiguidade clássica. A configuração em planta destas edificações não era fechada e se assemelhava a um “U” alongado. A morfologia das arenas da antiguidade segue uma ordem pragmática que está relacionada à sua função: de exibição. Dos anfiteatros gregos às arenas romanas, a forma dessas edificações

seguiu uma lógica de composição espacial que prezava um dos aspectos relevantes neste contexto funcional: o ponto focal do usuário a partir das arquibancadas.

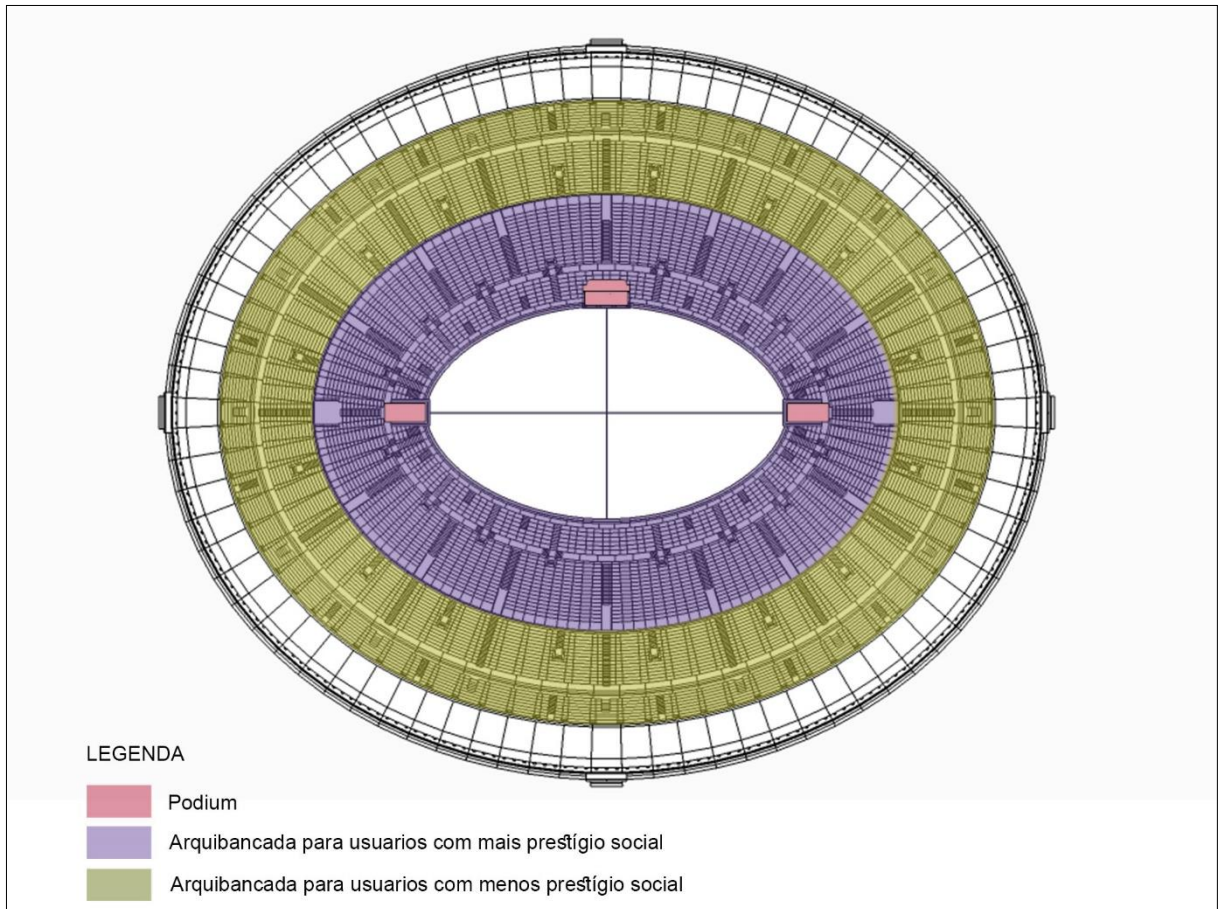
Nesta tipologia, espera-se que cada um dos espectadores tenha acesso visual à área destinada à exibição. Assim, a forma em planta das arquibancadas podia variar de circular – ou semicircular no caso dos teatros – à elíptica, sempre tendo o ponto focal abaixo da linha de assentos. O número de usuários de cada arena era definida de acordo com a escala do núcleo urbano onde seria implantada e a solução concebida para aumentar o número de espectadores em condições de visualizar a atração foi a sobreposição de fileiras de arquibancada sob um sistema de escalonamento.

É na Roma antiga inclusive, que surge a terminologia arena (BOMBRILLA, 2014) ou arena épica, onde o escalonamento da arquibancada e a tipologia de planta fechada permite acomodar um maior número de espectadores e proporcionar melhor visibilidade do evento que se passa no ponto focal. Nestes equipamentos urbanos eram realizadas disputas épicas entre gladiadores, animais selvagens e eventualmente encenações de batalhas navais.

O Coliseu apresenta planta elíptica configurando o desenho da área de espectadores e da arena. O nível da arena se encontra a 4 metros abaixo do primeiro lanço da arquibancada, chamado de *podium*. No subsolo da arena existem espaços de transição e de permanência prolongada que são compartimentados segundo a função, como as celas dos animais e dos gladiadores.

A configuração de escalonamento, circulação e acessos das arquibancadas sugere uma setorização no Coliseu de Roma (Figura 2). A setorização é neste caso um dos aspectos formais que expõe como a arquitetura determina a segregação de público pré estabelecida pela hierarquia social da sociedade de Roma. É uma forma de entender a arquitetura como um agente de segregação socioespacial.

FIGURA 2 – Planta do Coliseu de Roma e sua setorização



FONTE: Elaborado pelo autor.

No Coliseu de Roma, os lugares privilegiados – e mais próximos da arena como o *podium* – eram destinados ao imperador ou às personalidades importantes do império: conselheiros e senadores, por exemplo. Os assentos localizados em pontos intermediários da arquibancada eram reservados a grandes mercadores e figuras em ascensão na sociedade romana e o ponto mais alto da arquibancada era destinado a receber um público indiferenciado aos olhos da sociedade de Roma (PLATNER, 1929). Estes eram assentos populares e não marcados. Assim sendo, a lógica de ocupação no Coliseu é: quanto mais próximo da arena, mais representatividade social tem aquele que possui acesso ao setor.

Com a elevação do objeto arquitetônico do solo no anfiteatro romano, o acesso do público para a arquibancada, tribuna ou podium era feito pelas escadarias, que direcionava o público para seus respectivos setores e conseqüentemente o

segregava. Dos corredores externos que acompanham o desenho da elipse, passando pelas escadarias, o acesso à área de visualização da arena era realizado somente pelos vazios de ritmo constante criados na arquibancada: os vomitórios. A noção de divisão do público em partes iguais para fins de sistematização do acesso – tanto da entrada quanto da saída – é um fato notável em anfiteatros romanos<sup>2</sup> e influenciou a concepção dos estádios da contemporaneidade em diversos aspectos.

Em suma, o Coliseu de Roma apresenta uma característica forte de setorização que gerava segregação de público, determinada pelo arranjo físico da edificação e ratificada pela organização social de Roma. Isso já nos dá indícios de como a arquitetura pode se envolver no processo de segregação de público como um agente. Isso denota claramente que a morfologia indica uma relação de geometria de poder estabelecida entre a intenção e o uso de determinada edificação. Esta lógica se aplica de forma análoga nos estádios de futebol, como será exposto em seguida.

## 1.2 OS PRIMEIROS ESTÁDIOS INGLESES E SEU CONTEXTO SOCIAL

Os estádios de futebol surgiram da necessidade de espaço destinado não só à prática do esporte mas também à acomodação do público que tem interesse em assistí-lo. Logicamente, há um salto histórico entre a concepção das arenas da antiguidade – exemplificada anteriormente pelo Coliseu de Roma – e os estádios da contemporaneidade. Embora uma das principais diferenças entre as arenas da antiguidade e os estádios de futebol resida na dimensão tecnológica, a dimensão funcional (MALARD, 2006) destas edificações não sofreu modificações significativas ao longo da história. Veremos, entretanto, que a dimensão simbólica passou por uma resignificação, principalmente no recorte do final do século XX e na primeira década do século XXI.

---

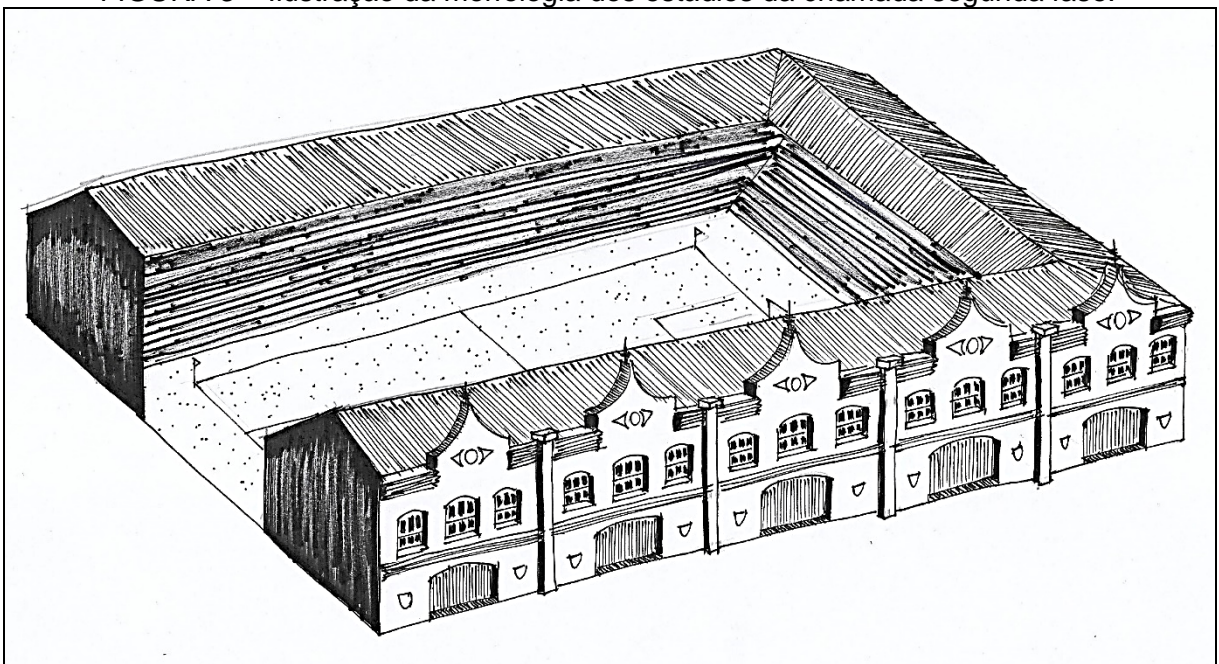
<sup>2</sup> Atualmente há uma preocupação em gerenciar o público em função de eventuais situações de emergência e pânico. Existem estudos e teorias (Lógica Fuzzy, entre outras) que abordam a questão com o auxílio da Inteligência Artificial para identificar algoritmos e gerar cálculos de simulação. A Inteligência Artificial – também chamada de Redes Neurais Artificiais – é um conjunto de sistemas de processamento de informação e geração de resultados obtidos através de computadores programados para a função. Esse recurso é utilizado quando a capacidade de cognição ou de geração de resultados de cálculos realizados pelo ser humano deve ser otimizada.

Amaral (2013) aponta um estudo morfológico desenvolvido por Sheard (2004) que sistematiza as cinco fases de evolução dos estádios de futebol. Do início do século XX até as primeiras décadas do século XXI:

[...] é possível encontrar estádios sendo construídos atualmente com características comuns aos edifícios pertencentes à terceira, segunda e primeira gerações, especialmente em países onde a concepção deste tipo de edificação é restringida pelo pequeno orçamento disponível [...] (AMARAL, 2013, p.35)

O pesquisador supracitado expõe em sua Dissertação de Mestrado que os estádios de futebol passaram por transformações que o permitiram identificar tais fases. Como se verá no desenrolar deste capítulo, de estruturas simples e de função pragmática em sua primeira fase, os estádios passaram a prezar pelo conforto do usuário na segunda. Arquibancadas com assentos mais confortáveis além de um sistema de cobertura foram inovações implantadas neste sentido (FIGURA 3). Amaral (2013) ainda expõe que o partido arquitetônico de alguns dos estádios da segunda para a terceira fase apresentou uma modificação no desenho em planta, com concepção elíptica ou retangular de cantos arredondados.

FIGURA 3 – Ilustração da morfologia dos estádios da chamada segunda fase.



FONTE: Croqui elaborado pelo autor.

A análise da terceira fase dos estádios de futebol – a esta altura já não mais se restringindo aos estádios ingleses – chega à década de 1990 e relaciona a capacidade deste tipo de equipamento urbano atender a um público não tão habituado ao futebol. O pesquisador utiliza o termo “parque temático” para se referir ao tipo de entretenimento presente nesta fase. As fases quatro e cinco se relacionam, segundo Amaral (2013) ao processo de mercantilização ou espetacularização do esporte (Mascarenhas, 2007).

O argumento acima exposto ratifica a ideia de que a morfologia dos estádios de futebol em pelo menos duas das primeiras fases não sofreu mudanças significativas, já que sua função pragmática se desenrolava à época de forma satisfatória em sua grande maioria, com casos isolados de questões construtivas que possam indicar efeito contrário.

Oliveira (2012) relata que o futebol não era considerado um esporte até meados do Século XIX. A prática esportiva era um privilégio das classes sociais mais favorecidas. A equitação e o arco-e-flecha além do atletismo, eram preferidos pelos ingleses mais ricos. O futebol, que já havia sido concebido, consistia em uma prática mal conceituada pela nobreza e pelo clero. O esporte chegou a ser considerado vulgar e responsável por incitar a violência entre os praticantes (OLIVEIRA, 2012). Este fato contribuiu para que o futebol fosse disseminado principalmente entre a plebe.

Segundo Martinez (2013), o esporte se consolidou na Inglaterra a partir da concessão do sábado de folga aos trabalhadores. A prática acabou se disseminando pelo território inglês entre trabalhadores das regiões portuárias e de áreas industriais. A partir da Segunda Revolução Industrial a classe burguesa procurou dificultar a prática do esporte sob o pretexto de que este diminuía a produtividade da classe trabalhadora (OLIVEIRA, 2012). Até o ano da criação da FA<sup>3</sup> e do

---

<sup>3</sup> Football Association, criada em 23 de Outubro de 1863 é a entidade que regula o futebol na Inglaterra. As regras do esporte foram concebidas pelo advogado inglês Ebenezer Cobb Morley e pela primeira diretoria da FA, assim como as atribuições de cargos, salários e planos de carreira. Atualmente, a FA é membro da UEFA, União das Federações Europeias de Futebol e da FIFA, a Federação Internacional de Futebol.

estabelecimento de regras, o futebol era praticado em vazios urbanos sem infraestrutura específica. Com a disseminação do esporte e a consequente profissionalização em 1863, houve a necessidade do estabelecimento de regras, assim como em conceber espaços apropriados tanto para a prática quanto para eventuais espectadores. Surgiram assim os primeiros estádios de futebol na Inglaterra (LUEDTKE, 2012).

Antes da concepção do estádio de futebol propriamente dito, o esporte era praticado em estádios de críquete e rúgbi, modalidades comuns no Reino Unido. O *Kenninton Oval*, construído em 1845 foi utilizado até 1892 como sede das finais da liga da FA (FIGURA 4). O *Sandygate Road*, um estádio de críquete inaugurado em 1804 também foi utilizado com frequência para a prática do futebol. Em 1862 foi feito o lançamento da pedra fundamental do *Bramall Lane*, estádio na cidade de Sheffield, a leste de Liverpool e em 1896 foi inaugurado o *Craven Cottage*, sede do clube Fullham, de Londres (FIGURA 5). As duas últimas citadas, são as primeiras manifestações no sentido de se conceber espaços e consequentemente, objetos arquitetônicos com morfologia destinada especificamente ao futebol e seus espectadores.

FIGURA 4 – Kenninton Oval, um dos primeiros estádios de críquete a sediar partidas de futebol na Inglaterra.



FONTE: Internet. Disponível em: <https://goo.gl/DMVJon> Acesso em 13 Mar 2018

FIGURA 5 – Aspecto da fachada do Craven Cottage, um dos primeiros estádios de futebol da Inglaterra.



FONTE: Internet. Disponível em: <https://goo.gl/pSbNHx> Acesso em 13 Mar 2018

Os dois estádios pertencem a clubes históricos do futebol inglês e possuem em comum a morfologia de arquibancadas que acompanham o desenho retangular do campo de jogo. As arquibancadas escalonadas apresentam um lanço, ainda sem setorização nos primeiros anos. Esta ainda é uma fase embrionária dos estádios concebidos especificamente para o futebol.

Tais aspectos morfológicos foram replicados sistematicamente pelo território inglês, quando se inicia a atuação do arquiteto escocês Archibald Leitch<sup>4</sup>. Entre os anos de 1900 e 1939, após uma bem sucedida atuação em projetos de tipologia industrial, Leitch foi responsável pelo projeto dos principais estádios dos clubes de futebol da Inglaterra (DA CRUZ SANTOS, 2014).

Sua atuação na concepção dos principais estádios foi tão marcante que a tipologia ficou conhecida por “archie”. Ela é na realidade, um desdobramento da morfologia minimalista dos primeiros estádios. O primeiro projeto de Leitch para o futebol foi

---

<sup>4</sup> Archibald “Archie” Leitch (1865-1939), arquiteto escocês responsável pela concepção do modelo de estádios ingleses para a prática do futebol na primeira metade do século XX. Leitch foi responsável pela disseminação do modelo chamado de “partido inglês”.

para o *Rangers Football Club*, o *Ibrox Park*, o primeiro estádio de futebol com infraestrutura destinada a sediar uma partida entre seleções, entre Escócia e Inglaterra no ano de 1902.

Os estádios de tipologia *archie* geralmente apresentam partido arquitetônico similar: um lanço – eventualmente dois – de arquibancadas de morfologia fechada acompanhando o desenho retangular do campo de jogo. As arquibancadas eram cobertas e a princípio não havia setorização. Entretanto, após a virada do século XX, houve a necessidade de introduzir a setorização como justificativa da cobrança do direito ao assento. Como afirma Da Cruz Santos (2014), os estádios de Leitch deste período começaram a possuir setores:

[...] mais confortáveis para membros da direção e seus convidados integrantes da elite; setores melhores para a classe média capacitada a pagar um valor maior pelos ingressos; e por fim aqueles chamados *terraces*, onde ficavam amontoados aqueles que pagavam os ingressos mais baratos, oriundos da classe trabalhadora, atrás dos gols. (DA CRUZ SANTOS, 2014, p.7)

Os principais exemplos dessa tipologia são os já citados *Bramall Lane* e *Craven Cottage*. São estádios que apresentam uma atmosfera intimista entre o campo de jogo e a arquibancada pois a primeira fileira de cadeiras está localizada a poucos metros da linha lateral do campo, sem nenhuma barreira física. Isso revela o caráter de proximidade entre evento e espectador com que os primeiros estádios foram concebidos. Essa concepção acabou sendo subvertida ao longo do tempo em função de aspectos considerados negativos que serão elencados mais à frente.

Os primeiros estádios da Inglaterra eram essencialmente pragmáticos (BOMBRILLA, 2014). Possuíam uma dimensão funcional mais relevante que as dimensões simbólica e tecnológica e foram pensados para oferecer uma infraestrutura mínima capaz de dar suporte à prática do esporte, tanto para atletas quanto para espectadores. Havia certa preocupação na inserção urbana, pois os estádios não eram de fato um equipamento urbano que atraía grande número de pessoas, comparado a outras modalidades esportivas do período.

Na realidade, a implantação deste tipo de edificação se aproximava mais da localização das fábricas e dos portos, dada a participação significativa de operários na prática do esporte até então. Com a profissionalização, os clubes passaram a se preocupar mais com a “sua casa” e foi neste período que a tipologia archie se consolidou como um modelo a ser seguido. Introduzindo inovações de ordens funcional, estética e tecnológica nos estádios, Leitch contribuiu para que o futebol assumisse a partir dali um caráter de evento social (DA CRUZ SANTOS, 2014).

### 1.3 OS PRIMEIROS ESTÁDIOS BRASILEIROS E SEU CONTEXTO SOCIAL

Quando o futebol chegou ao Brasil em 1894, o contexto sociopolítico que vivia o país contribuiu para a disseminação do esporte. Enquanto na Inglaterra houve um movimento em que as elites não aceitaram o futebol no início, no Brasil houve aceitação do esporte por parcelas antagônicas da sociedade. Jovens da elite se organizaram em torno do futebol em clubes de imigrantes e escolas e a recente abolição da escravatura levou ex-escravos a também praticar o esporte (OLIVEIRA, 2012).

Com as reformas urbanas ocorridas no Rio de Janeiro no início do século XX, grandes vazios urbanos foram gerados e isso contribuiu efetivamente para que alguns destes espaços fossem apropriados informalmente para a prática do futebol (DA CRUZ SANTOS, 2014). Além dos clubes de imigrantes, isso deu a oportunidade para que as classes sociais menos favorecidas praticassem o esporte de forma extremamente amadora. São os chamados campos de várzea.

Mascarenhas (2007) relata a importância dos campos de várzea neste período: espaços apropriados pela população em vazios urbanos para a prática do esporte. Os exemplos acima ratificam esta prática e contribuem para a ideia de que o futebol é de fato um esporte popular no Brasil e que os estádios serão considerados em períodos subsequentes como a “casa do povo”, dada a importante dimensão simbólica não só do esporte mas da edificação que o “abriga”.

Um dos primeiros estádios de futebol construídos no Brasil foi o das Laranjeiras (FIGURA 6), do Fluminense Football Club do Rio de Janeiro. Concebido na virada do

século XX, o estádio das Laranjeiras passou por diversas reformas entre os anos de 1915 e 1920 até chegar a configuração que pode ser vista parcialmente na atualidade. O arquiteto responsável pelo projeto foi Hipolyto Pujol, que adotou o partido inglês, seguindo o arranjo físico comum aos estádios construídos na Inglaterra por Archibald Leitch.

FIGURA 6 – Aspecto da morfologia do Estádio das Laranjeiras, Rio de Janeiro.



FONTE: Internet. Disponível em: <<http://cacellain.com.br/blog/?p=76978>> Acesso em 13 Mar 2018

Em Belo Horizonte, o gramado do Parque Municipal foi utilizado para a primeira exibição do futebol no dia 03 de Maio de 1904, como afirma Souza (2017). Assim como no caso de Charles Muller em São Paulo, o futebol foi trazido para Minas Gerais por Vitor Serpa, um estudante que havia morado na Europa durante o período de disseminação do esporte. Na pesquisa intitulada Campos Invisíveis, Souza (2017) afirma que os praticantes do futebol acabaram não se apropriando somente do Parque Municipal, mas de diversos espaços na região Centro-sul da capital. Ruas, praças e terrenos não edificadas foram utilizados para a prática amadora do futebol nas primeiras décadas da capital de Minas.

O jornal *O Football* destaca em uma publicação de 1917 a necessidade “urgente” (Souza, 2017) de se estabelecer um espaço apropriado para a prática do esporte na cidade (FIGURA 7). Neste período, o campo do Prado Mineiro era utilizado para a prática do futebol. Entretanto o espaço não proporcionava a infraestrutura adequada para tal, dada a principal atividade do espaço, relacionada à equitação. Outra publicação da época, a revista *Tank* relata que as instalações do antigo hipódromo já não serviam à demanda de infraestrutura do “já considerado o principal esporte de Belo Horizonte” (Souza, 2017), fato ratificado por Souza Neto (2014) ao identificar o futebol como o “divertimento mais popular da cidade” (SOUZA NETO et al, 2014).

FIGURA 7 – Recorte de jornal de Belo Horizonte da década de 1920



FONTE: Campos Invisíveis. Disponível em: <https://goo.gl/7g9QQu> Acesso em 15 Mar 2018

Nota-se já neste período a existência de clubes organizados em torno da prática do futebol em Belo Horizonte, como o *Club Athletico Mineiro*, fundado em 1908, o *Yale Athletic Club*, fundado em 1910, o próprio *América Football Club*, fundado em 1912 e o *Societá Sportiva Palestra Italia*, fundado em 1920 (SOUZA NETO et al, 2014). Neste ambiente favorável para que a prática do futebol pudesse se formalizar em Belo Horizonte, o América anuncia em 1921 a construção do seu estádio.

Com um equipamento urbano com infraestrutura específica para o futebol em Belo Horizonte, o esporte se consolida, assim:

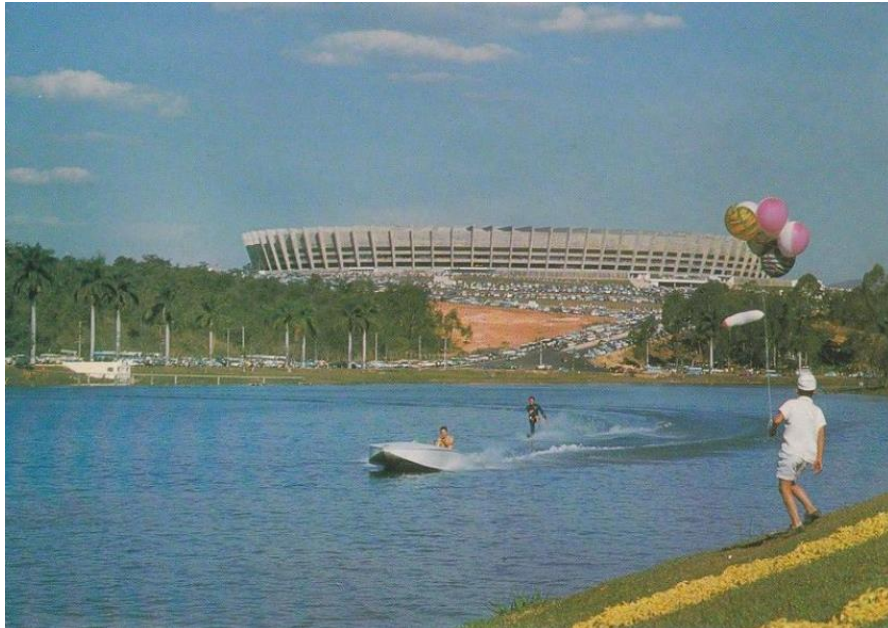
(...) a aceitação do futebol como esporte preferido em detrimento aos outros pôde ser percebida na interferência deste na dinâmica da cidade. A fundação de equipes e organização de torneios expôs a predileção da população pelo futebol, notada na numerosa assistência aos jogos e identificação com as equipes. A tradicional sociedade mineira ia se rendendo ao futebol. (NETO apud MOURA, 2014, p8).

O período entre o surgimento do esporte e sua disseminação no Brasil pode ser considerado entre o final do século XIX e o início do século XX, mais especificamente até 1930, ano de realização do primeiro evento esportivo de futebol em âmbito mundial, a Copa do Mundo do Uruguai. A FIFA definiu um intervalo de quatro anos para a realização do evento, sempre em períodos em que não seriam realizadas as Olimpíadas, que também possuíam o futebol como modalidade. Durante o período entre 1942 a 1946 o evento não foi realizado em função da Segunda Guerra Mundial.

Vale lembrar que durante o período em que a Copa do Mundo não foi realizada, o futebol já havia se consolidado como esporte mundial. Dessa forma, quando o evento voltou a fazer parte do calendário oficial da FIFA, a grande maioria dos países que haviam adotado o esporte já possuíam suas respectivas federações e profissionalização. Isto contribuiu para que os primeiros estádios, de infraestrutura acanhada e obsoleta – para os padrões da época – fossem sistematicamente sendo substituídos por outros de escala mais abrangente.

Mascarenhas (2007) afirma que a partir da decretação do Estado Novo, em 1937, o poder público inicia um intenso esforço para construir estádios ao longo do território nacional, como afirmação do poder simbólico que o futebol atinge nas diversas camadas da sociedade. O Estádio Mário Filho (Maracanã), no Rio de Janeiro, onde foram disputadas as finais das Copas do Mundo de 1950 e 2014, assim como o Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) são exemplos disso. São edificações superdimensionadas (MASCARENHAS, 2007, p.62) concebidas e executadas com técnicas e materiais que já não faziam mais alusão ao partido inglês. São objetos arquitetônicos de escala abrangente, que procuraram atender um número superior de público em relação aos primeiros estádios do Brasil.

FIGURA 8 – Estádio Mineirão visto a partir da lagoa da Pampulha, década de 1950/60



FONTE: Internet. Disponível em: < <https://goo.gl/LBdt2L> > Acesso em 16 Mar 2018

Os estádios brasileiros deste período apresentam uma morfologia que não se distancia muito daquela adotada pela maioria dos estádios pelo mundo: arquibancadas escalonadas, geralmente de concreto armado e sem cadeiras, campo de jogo, vestiários e espaço para imprensa (NASCIMENTO et al, 2013). Os principais estádios brasileiros eram apropriados semanalmente pelos espectadores de forma sistemática, ratificando a experiência que Mascarenhas (2007) trata como “espaços de expressão do poder” (FIGURA 6). Entretanto, tal experiência do usuário passou a ser desvalorizada pelos gerentes do futebol, culminando no que Nascimento (2013) chama de “um processo iminente de elitização do futebol”.

Este fenômeno se iniciou em meados da década de 1980 quando o esporte assumiu um caráter de mudança nunca visto. O que ocorreu de fato foi uma quebra de paradigma que levou os estádios, comumente lotados, a uma redução significativa da sua capacidade e modificação do perfil do usuário. Uma intensa política de segurança tendo a mídia como aliada num processo de espetacularização do esporte culminou na concepção do termo arena em detrimento ao estádio e o

estabelecimento de uma nova dinâmica de gerenciamento do esporte determinada pela FIFA.

#### 1.4 DO ESTÁDIO À ARENA: A ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE

Em uma concepção contemporânea – e naturalmente divergente à concepção Romana – a arena é um equipamento urbano de influência tanto regional quanto nacional, com infraestrutura capaz de sediar eventos de alcance plural. É um desdobramento do estádio de futebol propriamente dito, de função pragmática e com infraestrutura restrita à esta prática e todos os aspectos funcionais atrelados. Embora a definição da atualidade dá a entender que o equipamento urbano passa a ser mais acolhedor ao se tornar uma arena, de acordo com nossa análise, a partir do momento em que um estádio se torna uma arena, perdem-se os principais aspectos que permitem que parcelas diversas da sociedade ocupem o mesmo espaço. O que será exposto a seguir irá auxiliar o leitor a compreender todo o contexto.

Diversos fatores podem ser elencados para a justificativa da chamada “modernização” do futebol. A introdução de grandes receitas pelos patrocinadores e pelos direitos de transmissão das partidas, mais recentemente a adoção dos programas de sócio-torcedor pelos clubes, entre outros. Entretanto, o que ocorre de fato é uma sinalização de que o futebol não pretende mais ser um esporte que aceita diversos perfis socioeconômicos.

Ao longo do período supracitado – entre das décadas de 1950 e 1990 – a concepção das edificações voltadas para a prática do futebol passou por intensas modificações. A arquitetura se mostrou novamente um agente da segregação de público, desta vez não só pela setorização, mas por decisões de projeto que visam a princípio o cumprimento de normas de segurança e conforto impostas tanto pela FIFA quanto por gestores locais, mas que na realidade podem ter gerado um efeito negativo principalmente quanto ao alcance do esporte e o acesso a ele.

E este fenômeno pode ter tido origem numa sequência de episódios trágicos envolvendo espectadores dentro de estádios de futebol, tanto na Europa quanto em outros continentes. A década de 1980 foi particularmente decisiva neste processo.

Dois acidentes com vítimas fatais em estádios europeus contribuíram significativamente para que a gerência do futebol concebesse esse novo modelo a que nos referimos anteriormente.

No ano de 1985, 39 espectadores, italianos em sua maioria, morreram em decorrência de confrontos com espectadores ingleses na parte interna do estádio de *Heysel*, na Bélgica, durante os preparativos da partida entre os clubes *Liverpool*, da Inglaterra e *Juventus*, da Itália (NOLASCO, 2016). Neste período, a imprensa e o poder público ligado à questão da segurança haviam identificado os torcedores do Liverpool como subversores da ordem pública e lhes atribuído a alcunha de *Hooligans*. Atos de violência ligados à rivalidade simbólica do futebol usualmente eram atribuídos a eles, em sua grande maioria em território inglês. Neste caso, com o ocorrido fora do Reino Unido, a má impressão disseminada na imprensa mundial a respeito dos *Hooligans* contribuiu para que fosse criado um grande mito em torno do espectador e torcedor do *Liverpool*. Nesta ocasião, ninguém foi identificado ou responsabilizado pelas mortes.

Outro acidente notório, desta vez em território inglês, ocorreu em 1989 em *Sheffield*. A partida realizada em função da disputa de fase eliminatória da Copa da Inglaterra, envolveu – novamente – o *Liverpool* e o *Nottingham Forest* no estádio de *Hillsborough*. Comunicação falha entre autoridades de segurança no local da partida e má gestão no direcionamento da multidão resultaram na morte de 96 torcedores do *Liverpool* esmagados contra um alambrado no interior do estádio (FIGURA 9). Este episódio resultou na abertura de um inquérito que gerou o chamado Relatório Taylor, um documento oficial da coroa inglesa em que os fatos eram postos à luz da investigação.

FIGURA 9 – Espectadores ingleses contra o alambrado no estádio de Hillsborough, na Inglaterra em 1989.



FONTE: Internet. Disponível em: < <https://goo.gl/stkRLE> > Acesso em 12 Mar 2018

Este documento, encomendado pela primeira ministra Margaret Thatcher serviu de base para o plano de reformulação pelo qual o futebol inglês passaria nos próximos anos. Por meio de sua gestão neoliberal, Thatcher introduziu o modelo de gerenciamento do futebol que chamamos de espetacularização, que para o pesquisador do futebol Gilmar Mascarenhas também pode ser chamado de “hipermercantilização (...) do (...) esporte e das formas sociais de vivenciá-lo” (MASCARENHAS, 2017, p.77). Com intervenção do Estado nas questões específicas de legislação e seu cumprimento, o futebol passou a ser gerenciado diretamente pelos clubes e federações e indiretamente pelos mercados fornecedores de capital: patrocinadores, televisão, empresas de gerenciamento de carreiras de atletas, etc. Com a ideia de que *There’s no alternative* (Não há alternativa, tradução nossa), o futebol passou a substituir as infraestruturas – consideradas – obsoletas e introduziu medidas que – segundo a concepção da época – garantiriam que outro episódio como o de *Hillsborough* não se repetisse.

Dessa forma, o futebol na Inglaterra se tornou oneroso. Alguns dos principais clubes se tornaram empresas e acabaram sendo adquiridos por fortes representantes da iniciativa privada, como os casos de *Chelsea* e *Manchester City*. Como consequência, a segregação do público se daria em função do repasse do custo dos

grandes investimentos e melhorias que seriam feitas nos estádios pela iniciativa privada, em parceria com os interessados em tornar o esporte um espetáculo sob a vigilância do Estado. Com isto uma determinada parcela da população, geralmente os que pagavam os ingressos mais baratos, foram deliberadamente excluídos da vivência do estádio.

Havia inclusive a ideia de que excluindo os *Hooligans* do interior dos estádios a partir da elevação dos preços dos ingressos, questões como insegurança e medo poderiam ser sanadas de forma definitiva. O preconceito por trás dessa concepção é abordado por EBLING (2016) ao confirmar uma origem economicamente menos favorecida e as ações de combate à presença dos Hooligans nos estádios. Ele afirma que:

[...] O hooliganismo conhecido na Inglaterra pode ser comparado à atuação das torcidas organizadas no Brasil. Donas de imenso poder político, elas funcionam como facções criminosas, sustentadas, em sua maioria, por poderosos diretores dos clubes, que necessitam de seu apoio para conquistar determinado cargo. (EBLING, 2016, p-64)

Após quase três décadas do episódio de *Hillsborough* e da influência de todas as consequências do processo acima elencado, o estádio parece ser hoje um modelo de edificação obsoleto. O modelo da arena é uma realidade. Os clubes de futebol que não possuem uma arena, vislumbram e direcionam seus esforços para tal. Aqueles que já possuem uma arena, tentam de toda forma incrementar a experiência do usuário com serviços e atividades complementares ao futebol. Não é raro encontrar arenas de futebol que possuem centros de compras integrados ao acesso visual do campo de jogo, por exemplo.

Ainda sobre a nova concepção econômica de gestão do futebol, Darn (2011) afirma que:

(...) a necessidade de mudanças organizacionais e de aumento das receitas dos clubes reconfigurou o futebol. A lógica do mercado passou a organizar os torneios e a própria finalidade das entidades, definindo novos parâmetros para o futebol-empresa. As cifras

milionárias que envolvem as transações de atletas, as receitas das transmissões de jogos pela televisão, o comércio da indústria de marketing e material esportivo, os preços dos ingressos vêm transformando o futebol brasileiro e mundial em espetáculos que, cada vez mais, se tornam um mercado lucrativo. O jogo de futebol transformou-se em um negócio e os clubes em empresas. A partir desta estratégia adotada pelos gestores do futebol, incluindo clubes e federações, a arquitetura se mostrou condescendente e se revelou novamente um agente de segregação, sujeitando-se à normatização e restrições de projeto que tornariam possível a quebra do paradigma do estádio de futebol como a “casa do povo”. Vale ressaltar que este fenômeno se iniciou de fato na Inglaterra mas se disseminou pela Europa ao longo da década de 2000, chegando ao Brasil em meados desta mesma década. (DARN, 2011, p.12)

Mascarenhas (2007) cita o escritor inglês Nick Hornby ao refletir sobre a nova dinâmica de ocupação dos estádios ingleses após a adoção das medidas propostas pelo Relatório Taylor: “Os grandes clubes parecem ter se cansado de suas torcidas, e sob certo aspecto, quem pode culpá-los? (...) As famílias de classe média – o novo público alvo – não só irão se comportar bem, como pagar muito mais para fazê-lo” (HORNBY apud MASCARENHAS, 2007, p63). Estabelece-se assim o conceito das arenas do futebol.

### 1.5 O ESTÁDIO COMO A “CASA DO POVO”

Os estádios de futebol são lugares de representatividade institucional, capazes de mobilizar nações (COSTA *apud* MASCARENHAS, 2005), são objetos arquitetônicos que delimitam áreas de influência, são marcos urbanos que contribuem na formação da noção de lugar e de composição da paisagem. Já que a paisagem urbana é uma colagem de elementos que, segundo Lynch (2010) contribui para a legibilidade do lugar, os equipamentos urbanos de maior significação tendem a representar uma legibilidade mais relevante dentro de um determinado contexto. Eles atraem o olhar, criam expectativas e conseqüentemente outorgam significado para um número relevante de usuários.

No Brasil, o estádio de futebol ratifica essa dimensão simbólica. Embora a função seja pragmática, para alguns pesquisadores o significado do estádio não se resume à questão do esporte. Mascarenhas (2005) afirma que o futebol é um “vigoroso

agente produtor de paisagens, tradições e identidades [...] significado e expressão na cidade”. O espaço destinado à prática do futebol se mostra tão presente na sociedade brasileira que:

[...] nos menores sinais de aglomeração humana, mesmo nas regiões mais remotas, notar-se-á que dois objetos na paisagem caracterizam o essencial de nosso ecúmeno: um pequeno templo católico e um campinho de futebol. (MASCARENHAS, p.59, 2007).

Segundo Darn (2011), “as experiências vividas no futebol, seja pelos torcedores ou pelos praticantes, demonstram sentimentos de paixão por esses lugares”. Os lugares do futebol representam um lugar de vivência coletiva. Ainda segunda a pesquisadora:

(...) O lugar onde é produzido o futebol demonstra existir este “espírito do lugar” e esta “alma dos lugares” que os autores sugerem, dada a paixão que leva, desde pequenos grupos de jogadores ou torcedores a praticarem ou assistirem uma pelada numa rua, praça ou campinho, até multidões a assistirem um jogo num estádio, criando um elo afetivo das pessoas com estes lugares. (DARN, 2001, p. 14)

O estádio é o lugar onde a coletividade se expressa de forma espontânea, onde convivem pessoas das mais diversas opiniões e convicções. Por isso, o estádio foi durante muito tempo de fato a casa do povo.

Embora este conceito esteja consolidado em textos de diversos pesquisadores, a concepção foi sendo sofrendo mutação nas últimas décadas. Da Cruz Santos (2014) afirma que ao longo do desenvolvimento do futebol, o público do estádio foi ressignificado diversas vezes, como será discutido mais à frente. O autor ainda argumenta que a segregação não é provocada somente pelo efeito morfológico que a arquitetura impõe ao usuário, ela também acaba “desenvolvendo diferentes culturas torcedoras que passam a ter interesses antagônicos [...] a corresponder ou a prejudicar os interesses dos diferentes atores econômicos do futebol”. É uma indústria cultural forjada sob valores que atuam no fascínio do esporte e acabam por gerar um efeito social vinculado ao valor simbólico do estádio.

Como vimos anteriormente, desde a antiguidade há segregação de público (PLATNER, 1929). Assim como em Roma, a motivação da segregação é notada nos estádios ingleses de Archibald Leitch e nas arenas da FIFA. A setorização proposta desde o Coliseu de Roma, passando pelo Craven Cottage e chegando ao Mineirão – pré e pós reforma para a Copa do Mundo – indica que a arquitetura direciona e segrega o público de acordo com o interesse da ordem socioeconômica vigente. Não será objeto de estudo da dissertação questionar se a segregação acontece em estádios de futebol e sim como e porquê ela acontece no Brasil da atualidade. Além disso, é de interesse do estudo identificar como a arquitetura se mostra um agente das forças que atuam neste sentido.

Associando aspectos de morfologia a essa discussão de âmbito social, há um elemento de composição dos estádios de maior escala na América do Sul que não foi elencado nas análises anteriores e possui relevância na questão da segregação: o fosso. Estádios concebidos na América do Sul e especialmente no Brasil adotaram esse elemento como recurso para dissuadir potenciais invasões ao campo de jogo por pessoas não autorizadas vindas das arquibancadas.

A partir da adoção desse elemento de segregação, o nível de arquibancadas quase ao nível do campo conhecido como setor geral passou a ser disseminado entre os projetos de estádios no Brasil. Os estádios Maracanã (FIGURA 8) e Mineirão, por exemplo, apresentavam o setor geral antes das intervenções de reforma para a Copa do Mundo de 2014. Este setor apresentava acesso precário, visibilidade limitada do campo de jogo e não possuía cadeiras. Durante muitas décadas, os ingressos para os lugares não marcados dos setores gerais dos estádios brasileiros foram os mais acessíveis ao torcedor. Isso acabou por gerar um perfil de usuário característico e um apelido: o geraldino.

O perfil socioeconômico do geraldino era aquele vindo de camadas menos favorecidas da sociedade, sem condições de ter acesso aos ingressos mais onerosos, geralmente nos setores mais elevados das arquibancadas. Esta relação espacial antagônica, típica da ocupação segregada de espaços públicos gerou outro perfil notável dentro do contexto do futebol brasileiro. Em detrimento ao geraldino,

surgiram os arquibaldos, aqueles que tinham condições de adquirir os ingressos mais caros das arquibancadas e se comportavam de forma distinta do geraldino. O geraldino era espontâneo e folclórico, o arquibaldo contido e organizado (MASCARENHAS, 2007).

FIGURA 10 – Setor geral do estádio Maracanã ocupado por usuários



FONTE: Internet. Disponível em: < <https://goo.gl/LzcJVj> > Acesso em 12 Mar 2018

Em Roma, os populares ocupavam as partes mais altas das arquibancadas e esses assentos ofereciam menor visibilidade e percepção do evento do que no podium, lugar reservado e geralmente ocupado pelo imperador ou seu representante. Na Inglaterra aconteceram movimentos contrários à essa lógica: nos primeiros estádios, não havia segregação. Pouco depois o esporte assumiu caráter de evento social e a setorização criou a segregação a partir do preço do direito aos assentos. Acidentes graves no ambiente do estádio de futebol levaram a sociedade inglesa a rever a arquitetura desse tipo de edificação e conceberam um local setorizado e segregado pelo valor elevado do direito ao assento. No Brasil e em países da América do Sul ocorreu um movimento inverso ao da Inglaterra. Antes das intervenções para a Copa do Mundo de 2014, os estádios mais importantes de cada estado apresentavam valor mais oneroso do direito ao ingresso à medida que sua localização ficava mais elevada na arquibancada.

FIGURA 11 – Manifestações espontâneas do público no setor geral do estádio Mineirão.



FONTE: Internet. Disponível em: <<https://goo.gl/GRofzK>> e <<https://goo.gl/zW2sNY>>, respectivamente. Acessos em: 13 Abr. 2018.

Essa mudança de estratégia de ocupação dos estádios contribuiu para a ressignificação que o equipamento urbano passou ao longo do tempo. De um lugar de dimensão simbólica importante tanto para o pobre quanto para o rico, o estádio de futebol no Brasil passou a excluir o geraldino e estimular a frequência de um usuário mais qualificado do ponto de vista econômico. Ao longo deste processo, a “casa do povo” se tornou uma arena com ingressos de preço elevado que segregou e classificou um novo perfil desejado de usuário.

### 1.6 A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESTÁDIO PARA O TORCEDOR

O estádio de futebol é uma edificação que apresenta diversos aspectos formais e simbólicos que desperta o comportamento de massa. O esporte é capaz de movimentar grande número de pessoas em função da afinidade com os clubes e seleções, pelos serviços gerados e prestados em um grande evento e também pela sua dimensão simbólica. O estádio de futebol é o lugar onde as pessoas se relacionam em função de um evento comum, é um marco urbano que representa uma agremiação ou o local de sua atuação. É uma edificação capaz de produzir territorialidades e até mesmo campos de poder (DARN, 2001).

Por estes motivos, o estádio de futebol é capaz de despertar um sentimento de pertencimento e de identidade entre o usuário e o espaço construído (LYNCH, 2010). O arranjo físico que o estádio assume, sua localização, formas de acesso, circulação interna, visibilidade e contato com o evento são características importantes dentro dessa concepção de identidade e pertencimento. A partir disso pode ser gerado um marco urbano de valor simbólico significativo.

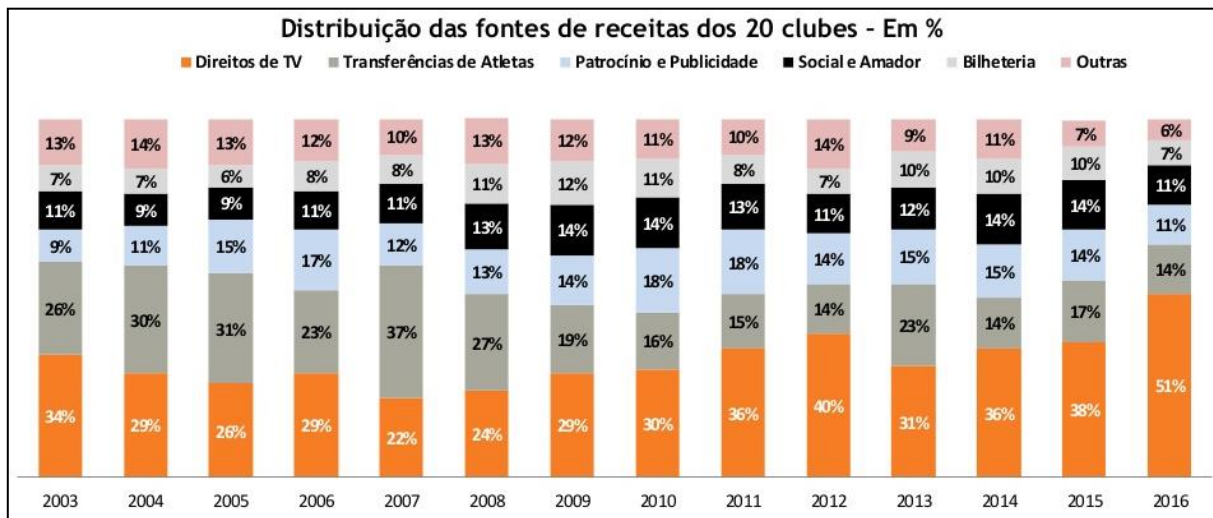
O que se pode perceber, principalmente após as reformas das arenas para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil é que o perfil de usuários dos estádios de futebol se modificou em função de diversos aspectos. Com isso, foram alteradas as noções de percepção de todos os usuários em relação ao estádio de futebol. Com o fim do setor geral, por exemplo, a morfologia dos estádios brasileiros, agora chamados de arenas, se alterou de forma perceptível. A parcela da população que frequentava o setor geral aparentemente perdeu o laço de pertencimento com a arena, pois seu acesso foi restringido de forma velada. Para atender ao chamado padrão FIFA, que atua entre outros aspectos, na determinação do comportamento do público frequente neste tipo de edificação, o perfil dos usuários sofreu um processo de elitização. Isso contribuiu também para que os lugares do futebol passassem por um processo que Da Cruz Santos (2014) classifica como a criação de um público mais “capacitado”.

Em muitos aspectos, o novo comportamento do usuário do estádio de futebol no Brasil é reflexo do conteúdo do modelo proposto pelo Relatório Taylor e das reformas que Margaret Thatcher impôs ao futebol na Inglaterra no final da década de 1980 e anos seguintes. Com a criação do termo “arenas”, os estádios brasileiros teriam um novo perfil: o cliente fidelizado em detrimento do torcedor comum. Esse cliente é aquele:

[...] capacitado a consumir os mais variados produtos oferecidos dentro das praças desportivas que vão muito além do mero jogo de futebol, como restaurantes, cinemas, espaços privilegiados de consumo e toda uma variedade de estabelecimentos comerciais. Trata-se de um novo momento que está criando, portanto, a intersecção histórica entre o processo que já estava em curso, de elitização, com o processo de arenização. (DA CRUZ SANTOS, 2014, p. 12)

Recentes levantamentos das receitas dos clubes de futebol no Brasil apontam que a composição do capital de entrada é formada por diferentes fontes: direitos de transmissão das partidas (Televisão), patrocínios (nas camisas, produtos e publicidade em geral associada ao clube), transferências de atletas, programas de sócio-torcedor e bilheteria, entre outras (SOMMOGI, 2017).

FIGURA 12 – Receitas dos clubes brasileiros e sua composição




FONTE: Sommogi (2017).

O que se pode interpretar é que o movimento de segregação da população que não tem condições de pagar pelo futebol em seu atual modelo econômico é ratificada pelo gráfico acima (FIGURA 12). Percebe-se que atualmente, a renda advinda das bilheterias é a menor dentre todas as fontes de renda dos clubes. A lógica então nos permite dizer que, entre outras forças citadas anteriormente, os clubes de futebol concentram esforços atualmente em cativar o sócio-torcedor em detrimento do geraldino, pois o primeiro vai à arena, disfruta de uma grande infraestrutura com serviços incorporados, gera renda e o geraldino só deseja ir ao estádio assistir à partida.

A continuação desta análise mostra que o custo do ingressos nas bilheterias é cada vez mais alto (FIGURA 13). Isso vem cada vez mais corroborar a ideia de que o futebol contemporâneo não depende mais da presença do torcedor no estádio para existir. Parece se tornar um negócio independente das pessoas que se identificam com o equipamento urbano do estádio e tudo o que ele representa. O sentimento de

pertencimento dos usuários com a edificação e com os clubes, a sensação dos campos de poder, de territorialidade, de expressão popular se perdem neste novo contexto de gestão econômica do futebol.

FIGURA 13 – Preço médio do valor do direito ao ingresso para o torcedor na bilheteria

 <b>O PREÇO DO FUTEBOL</b>			
País	Preço médio do ingresso*	Renda média mensal**	Ingressos por mês***
 Brasil	R\$ 38,00	R\$ 2.042,47	53
 Espanha	R\$ 71,62	R\$ 4.796,01	66
 Itália	R\$ 74,71	R\$ 5.382,93	72
 Turquia	R\$ 23,42	R\$ 1.730,80	73
 México	R\$ 22,53	R\$ 1.675,52	74
 Reino Unido	R\$ 84,21	R\$ 6.387,45	75
 Portugal	R\$ 42,25	R\$ 3.271,93	77
 Argentina	R\$ 23,44	R\$ 1.915,52	81
 Chile	R\$ 23,10	R\$ 2.551,60	110
 Costa Rica	R\$ 13,52	R\$ 1.592,10	117
 França	R\$ 48,69	R\$ 6.734,87	138
 Estados Unidos	R\$ 54,34	R\$ 8.243,06	151
 Uruguai	R\$ 15,86	R\$ 2.434,25	153
 Alemanha	R\$ 43,79	R\$ 6.813,99	155
 Holanda	R\$ 44,82	R\$ 7.604,16	169
 Japão	R\$ 45,54	R\$ 7.762,07	170

FONTE. Internet. Disponível em: < <https://goo.gl/Pu2vyk> > Acesso em 18 Mar 2018

Logicamente, a adoção do chamado padrão FIFA das arenas segue um modelo de viabilidade econômica que tornam os eventos possíveis, dados os investimento em larga escala. A dissertação não procurará questionar a legitimidade de apropriação do estádio de futebol por este novo perfil concebido, mas sim constatar que houve um movimento no Brasil recente de segregação de público através das soluções de arquitetura – e conseqüentemente pela morfologia das arenas – em consonância com a dinâmica econômica que indica a hipermercantilização do esporte (MASCARENHAS, 2017, p. 77).

Um estudo recente publicado pela BBC na Inglaterra vai além na questão da segregação e da filtragem de perfil de público dos estádios. Lá, os clubes mais bem estruturados e detentores de capital não dependem mais da presença dos usuários torcedores para lucrar. Segundo Aloia (2018), “mais da metade dos clubes da

*Premiere League*<sup>5</sup> podem jogar em estádios vazios e ainda sim terem lucro na primeira metade da temporada somente com os acordos de direitos de transmissão das partidas”. Isto ocorre em um período de grande investimento das empresas de difusão e mídia, ou seja, grandes rendas provenientes de direitos de transmissão das partidas.

Nesta linha, há de se conceber a influência primordial da ocupação e apropriação da arquitetura na legibilidade do estádio de futebol como equipamento urbano. Questões como a noção de lugar e identificação do usuário com a edificação estão relacionadas à noção da dimensão simbólica que o estádio de futebol apresenta. O estádio é um marco urbano (LYNCH, 2010), é um objeto arquitetônico configurador de espaço (MALARD, 2006) e um local de vivência coletiva (RASSMUSSEN, 1998). Assim, sua morfologia é capaz de segregar, excluir e resignificar, a partir de determinada ordem econômica e interesses de Mercado, como se verá a seguir.

### 1.7 ESTABELECIMENTO DA RELAÇÃO CAUSAL: EVOLUÇÃO DA MORFOLOGIA E SEGREGAÇÃO

A relação de causalidade a que nos referimos nesta dissertação consiste na identificação de uma causa – ou várias causas na realidade, que indicam que a própria modificação – ou evolução – da morfologia dos estádios gerou aspectos que possibilitaram a segregação socioespacial. Este aspecto pode ser percebido em estádios de futebol na Inglaterra, no Brasil e em outros países que praticam o esporte profissionalmente.

À medida que percebemos que, de edificações com infraestrutura básica para a prática do futebol – às vezes até adaptadas de outros esportes, até chegarmos ao conceito de arena forjado pela FIFA, a morfologia dos estádios de futebol foi sendo modificada até chegar a um formato que nos permite identificar um poder de definição de perfil de público inapto a frequenter o ambiente construído do estádio de futebol.

---

<sup>5</sup> Liga de Futebol profissional da Inglaterra. Competição realizada sob as normas da FA, da UEFA e da FIFA. É a competição oficial mais importante do esporte no Reino Unido.

O panorama é tão abrangente que, ao chegarmos ao estudo de caso dessa dissertação, perceberemos que, até os vendedores ambulantes que prestavam serviço no anel exterior do Mineirão foram excluídos dessa dinâmica social e econômica. Isso sem expor nesse momento uma situação análoga que ocorre com o perfil do usuário torcedor de menor poder aquisitivo, que é de fato um dos focos da dissertação.

Para se definir as forças que atuam no futebol, pode-se criar uma analogia à Teoria de Campos de poder de Pierre Bourdieu. A estrutura aqui elencada acaba se configurando como a de um estado de relação de forças entre agentes e instituições dominantes de determinado capital. Assim,

[...] pensar em campo significa também pensar em espaço social (...) multidimensional, constituído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição que, constituídos pelo conjunto das propriedades atuantes dentro de determinado universo, conferem poder ao seu detentor. (OLIVEIRA, 2012, p. 26).

Para consolidar a ideia de campo, Bourdieu define os capitais cultural, simbólico, social e econômico. Se os atores de determinado campo possuem maior capital eventualmente irão monopolizar e/ou manipulá-lo, estabelecendo-se uma relação de poder sobre os atores – ou grupo de atores – que possuem menor capital. Para Bourdieu o capital pode ser elencado em quatro definições: cultural, social, simbólico e financeiro. O capital cultural refere-se a um conhecimento – também definido como cultura – sobre assunto específico. Já o capital social se caracteriza pelo conjunto de relações entre indivíduos como sociedade. O capital simbólico depende de representatividade e significado entre instituição e indivíduo para se consolidar. Existe ainda o capital financeiro, que se refere basicamente ao valor de bens materiais e aos aspectos em torno destes.

Para a nossa dissertação, são abordadas questões relacionadas ao capital simbólico e financeiro, que nos parecem ser as chaves para estabelecer a relação causal entre as forças que atuaram na segregação socioespacial no Mineirão pré e pós copa do Mundo de 2014.

Para estabelecer a analogia supracitada no contexto do futebol, Oliveira (2012) apresenta uma caracterização do capital simbólico atuante no esporte. A pesquisadora reconhece que parte deste também reside no papel dominante dos indivíduos que produzem o espetáculo – atletas, árbitros, espectadores – e isso contribui para ratificar a ideia de campo de Bourdieu, já que o futebol é em linhas gerais, uma construção social.

Entretanto, seu pensamento vai além. A FIFA, possui grande parte da responsabilidade do capital simbólico do futebol, já que é a instituição que controla e regulamenta todos os assuntos relacionados ao esporte, através de um sistema hierárquico, composto pelas confederações continentais, federações nacionais e regionais. A FIFA é segundo definição, a “entidade máxima do futebol”. É nela que todos os atores envolvidos com o esporte reconhecem autoridade e representatividade institucional. A FIFA é portanto, o grande representante do capital simbólico do futebol.

Definido o capital simbólico do futebol, passamos ao capital financeiro, que por sua vez pode ser definido por uma composição de vários atores. Dentre eles, podem-se elencar as empresas de difusão (OLIVEIRA, 2012) e mídia – televisão, rádio e internet, as empresas de infraestrutura, transporte e bens duráveis (AMARAL, 2013), as empresas parceiras – ou patrocinadoras – dos clubes e os próprios clubes, que também visam lucro associado às conquistas nas competições reguladas pela FIFA.

A partir da lógica neoliberal permitiu-se que o mundo se tornasse globalizado e isso fomentou que atores específicos do capital financeiro penetrassem em mercados ainda não explorados e abertos à novas dinâmicas (AMARAL, 2013). É uma lógica que pode ser identificada no futebol, principalmente com a possibilidade dos grandes clubes europeus tornarem-se capital privado e começarem a moldar-se pelo interesse no lucro em detrimento de uma prática social popular.

Como comentado anteriormente, somente um dos capitais não seria suficiente para determinar a modificação que a dissertação irá trabalhar em sua análise. Com o poder dos capitais simbólico – capaz de gerar significado, e financeiro – capaz de

gerar domínio, paulatinamente os atores que não participam de tais poderes foram subjulgados e excluídos de forma velada da ambiência do futebol no Brasil e em Belo Horizonte. Um processo relativamente rápido e assimilado pela sociedade em geral.

Para que fique clara a distinção e de acordo com a ideia de Bourdieu, o futebol se tornou um espetáculo capaz de segregar um determinado perfil socioeconômico, dentro de uma dinâmica de domínio e determinação de poder. Resgatando termos anteriores, no estádio conviviam geraldinos e arquibaldos. Na arena, os geraldinos não têm mais acesso. Assim, o campo de poder se define em um interesse do capital financeiro apoiado pelo capital simbólico, estabelecendo na arquitetura um agente de segregação que termina por subjugar o usuário torcedor. Este passa a não ter mais a possibilidade de acesso e apropriação do espaço interno do estádio de futebol.

## 2 CAPITAL SIMBÓLICO E A APROPRIAÇÃO POLÍTICA DO FUTEBOL

Nesta parte da dissertação, iremos expor de forma cronológica o interesse político que o futebol despertou no início do século XX tanto na Europa quanto no Brasil. Após isso, será exposta a necessidade de afirmação do futebol no estado de Minas Gerais apoiada na popularidade que o esporte atingiu e na sua capacidade de mover multidões. Em seguida, iremos narrar de forma objetiva os espaços do futebol em Belo Horizonte e sua evolução para estádios maiores até finalmente chegarmos na concepção do estudo de caso deste trabalho, o Mineirão.

### 2.1 O INTERESSE POLÍTICO NO FUTEBOL

O futebol possui um poder de movimentação de massas em que nenhum outro esporte se aproxima. Hobsbawn apud Wisnik (2008) caracteriza essa questão como a “religião leiga da classe operária”. A relação que o torcedor do futebol expressa se aproxima de forma quase literal àquela vista em festividades e templos religiosos. Os cantos em uníssono, as palavras de ordem, a cobrança por uma boa performance por parte dos atletas, o uso das camisas e as chamadas torcidas organizadas

apresentam características que segundo Oliveira(2012), podem se assemelhar com um comportamento de ordem militar. Aproveitando-se dessa manifestação espontânea das massas, governos e autoridades viram – e vêem – uma possibilidade clara de expressar e conduzir ideias e doutrinas.

Tanto Guterman (2014) quanto Assumpção (2005) nos oferecem uma perspectiva de controle de massas que é citada com frequência na literatura que trata do futebol. Benito Mussolini, por exemplo, se utilizou da popularidade do esporte para gerar uma sinergia com o Fascismo<sup>6</sup> entre os anos 1920 e a realização da Copa do Mundo de 1934. Com a institucionalização e regulamentação do futebol pelo Estado, houve nesse período na Itália uma grande disseminação de estádios de futebol e a exploração da imagem da seleção do país como uma espécie de brigada nacionalista. Em sua pesquisa, Gutermann (2014) levanta uma suspeita de que a intervenção do Estado no futebol chegou às vias da pressão aos árbitros para favorecimento de resultados da seleção italiana. A intenção acabou gerando frutos positivos para o regime, com dois títulos mundiais em Copas do Mundo e um título olímpico. Isso estabeleceu a prática de unir um esporte simples, sob o aspecto normativo, a uma agenda política de controle em voga na Europa.

No Brasil, pode-se fazer menção ao interesse que o governo de Getúlio Vargas também assumiu pelo futebol, como agenda para a “afirmação da identidade nacional” (GUTERMAN, 2014). Sua contribuição influenciou o futebol a ponto da legislação esportiva contemplar a partir do Estado Novo<sup>7</sup> a profissionalização do jogador de futebol<sup>8</sup>, contribuindo ainda mais com a imagem de “pai dos pobres” de Vargas. A partir de leituras complementares, o leitor pode notar que nesse período

---

<sup>6</sup> Fascismo é a doutrina política que trata o indivíduo como parte de um interesse coletivo, não tendo este nenhum direito ou privilégio fora do que o Estado etende como coletividade. Incluem-se nesse contexto, decisões e medidas de controle de caráter ditatorial.

<sup>7</sup> Estado Novo é o período histórico ocorrido no Brasil entre 10 de Novembro de 1937 e 29 de Outubro de 1945. É considerado um desdobramento político da Revolução de 1930 em que Getúlio Vargas ocupou a função de presidente constitucional. É considerado por historiadores um período de ações ditatoriais, com aparelhamento do Estado e medidas políticas populistas.

<sup>8</sup> A profissionalização do futebol no Brasil há havia acontecido na década de 1920, com o exemplo dos clubes ligados à indústria que, segundo Gutermann (2014), não queriam “abrir mão de certos atletas desempregados” e “inventavam empregos fictícios para eles, apenas para constar”. (GUTERMANN, 2014, p. 54). Entretanto a legislação passou a contemplar o ofício do jogador de futebol a partir dos termos estabelecidos por Getúlio Vargas no período supracitado.

os atletas do futebol vinham em sua maioria de origem humilde, sem recursos ou perspectiva de uma carreira profissional apoiada em educação escolar. Wisnik (2008) tem uma interessante visão inclusive, sobre a relação entre os menos e mais favorecidos e a bola. Ela se insere aqui como uma observação pontual, mas que pode ajudar a compreender a relação entre os “donos do jogo” e os “participantes do jogo”, abordado também por Oliveira (2014) de uma forma extremamente completa e complexa.

[...] os “ricos” tendem a se comportar desde a infância como donos do campo, privilegiando o controle da bola em função da ocupação organizada do território; já os “pobres” se aproveitam, no futebol, da oportunidade de se adestrar o mais possível na intimidade com a bola pois, dentro do mesmo jogo (e até do mesmo time) (...) faz parte da riqueza específica do futebol e do modo como ele combina em si princípios múltiplos: campo e bola, “dialética” e “diferença”, prosa e poesia. (WISNIK, 2008, p. 155)

A agenda de Vargas foi a fundo na exploração do poder simbólico do futebol na Copa do Mundo de 1938, sediada na França. Da escolha de sua filha, Alzira Vargas como madrinha da seleção à contribuição do Estado com as despesas de deslocamento e estadia da delegação, o futebol – através da sua seleção – assumia ali um papel nacionalista e de representação do povo brasileiro nunca antes visto. Com uma delegação de jogadores de várias raças, Leônidas da Silva, negro e virtuoso, simbolizava o poder de um país exótico e peculiar. Foi a oportunidade de expor à Europa tomada de xenofobia e nacionalismo (GUTERMAN, 2014) a capacidade de produzir uma equipe esportiva competitiva – e miscigenada.

FIGURA 14 – Getúlio Vargas entrega prêmio ao jogador Ademir por título Pan-americano em 1952.



FONTE: GUTERMAN, Marcos. O Futebol explica o Brasil (p.80)

As transmissões em tempo real das partidas pelo rádio em fins da década de 1920, a criação do Departamento Oficial de Propaganda, que depois viria a se tornar o Departamento de Imprensa e Propaganda e a “Hora do Brasil” foram recursos que Vargas utilizou para trazer à população uma proximidade com os assuntos do país, que naturalmente incluía o sentimento de nacionalismo incorporado na representatividade da sua seleção de futebol. Assim como na Inglaterra, berço do futebol “moderno” o “esporte cumpriu um papel importante na reconstituição da identidade do povo (...) num período de transição da vida no campo para a vida urbana” (DARN, 2011). No Brasil esse processo também caracterizou um redescobrimto de possibilidades e principalmente da capacidade coletiva de virtude e realização.

Essa identificação do brasileiro com o futebol acaba se apoiando em uma perspectiva de representatividade nacionalista para forjar termos como “pátria de chuteiras” e “país do futebol”. A imprensa e os intelectuais da época têm um papel decisivo na consolidação dessa ideia. O futebol foi considerado por Gilberto Freyre (apud GUTERMAN, 2005) como a “expressão da democracia racial”. Jornais

impressos como *A Gazeta*<sup>9</sup> (1938) chegavam a exaltar a “missão” bem sucedida da seleção brasileira no exterior em detrimento a determinadas relações diplomáticas mal resolvidas entre o Brasil e outros países do mundo. Vale a pena citar que na Copa do Mundo de 1938 o Brasil terminou a competição em terceiro lugar. Uma “vitória” do país, do regime e de certa forma, dos brasileiros.

FIGURA 15 – Revista da década de 1930 exaltando o feito da Seleção Brasileira no exterior e seu retorno ao país.



FONTE: Internet. Disponível em <https://goo.gl/i6cohA> Acesso em 14 Jun 2018.

Como forte candidato no cenário internacional, a Segunda Guerra Mundial foi um fator determinante para que uma Copa do Mundo não fosse realizada durante a década de 1940 no Brasil, por motivos óbvios. Com a Europa em guerra e posteriormente com a necessidade de reconstrução, entre 1938 e 1950 o evento não foi realizado. Por fim, o Brasil sediou a primeira Copa do Mundo do pós-guerra, ainda na primeira metade do século, em 1950. Na oportunidade, criou-se um esforço entre vários poderes para a construção do Maracanã, o maior estádio do mundo e símbolo do Brasil que prosperava.

<sup>9</sup> “O jogo Brasil-Polônia e a confraternização das colônias”, *A Gazeta*, São Paulo, 8 jun. 1938, p.1.

A disputa da Copa do Mundo da FIFA de 1970 também serviu como grande pano de fundo para a consolidação do sentimento de nacionalismo relacionado ao futebol. A partir de bordões que se tornaram populares durante o regime militar iniciado em 1964, como “Brasil, ame-o ou deixe-o”, por exemplo, a seleção nacional passou a representar o próprio país quase como um instrumento militar análogo às forças armadas compostas pelo Exército, Marinha e Aeronáutica. Cantos e hinos de entonação belicosos foram apropriados pela sociedade e apresentavam termos de unificação nacionalista em torno da prática do esporte. O maior representante disso foi o hino não oficial da seleção brasileira, “Pra frente, Brasil”, composto por Miguel Gustavo. Segue trecho da letra:

[...] Noventa milhões em ação  
 Pra frente Brasil, no meu coração  
 Todos juntos, vamos pra frente Brasil  
 Salve a seleção!!!  
 De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil  
 deu a mão!  
 Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração!  
 Todos juntos vamos pra frente Brasil!  
 Salve a seleção! [...] (GUSTAVO, 1970)

Assim, a narrativa do panorama brasileiro se consolida dentro da intenção de exploração e do interesse político pelo futebol. Passamos então a analisar a mesma intenção política, desta vez no contexto do estado de Minas Gerais.

## 2.2 A NECESSIDADE DE AFIRMAÇÃO MINEIRA

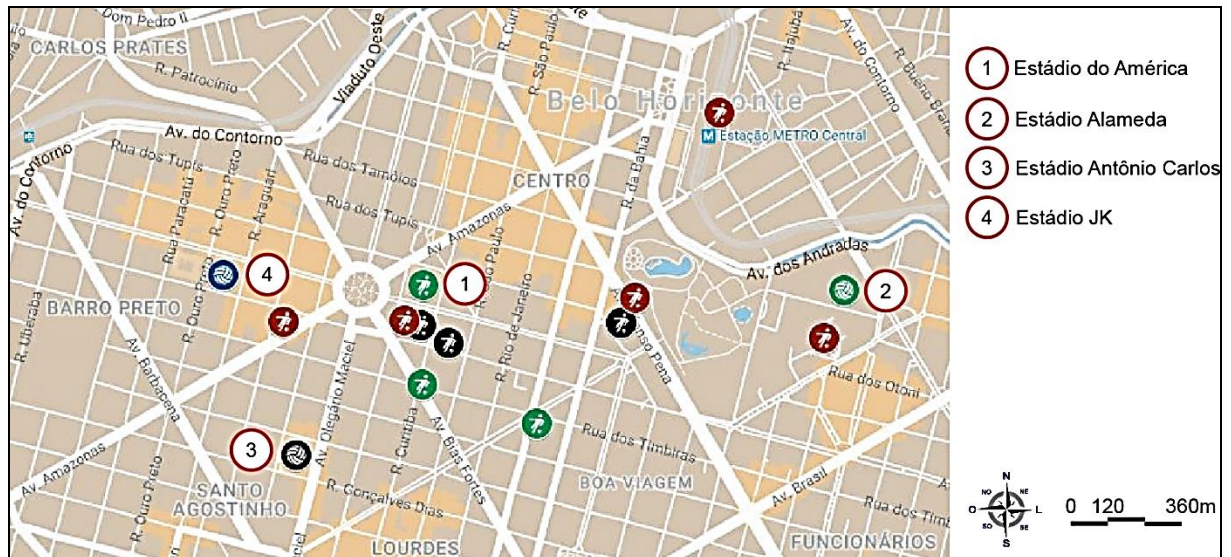
As primeiras décadas do século XX foram um período de afirmação e consolidação do futebol no Brasil. Assim como no contexto do país, Minas Gerais também teve um papel importante. Belo Horizonte adotou o esporte e o tornou popular desde o início. Como citado anteriormente, vazios urbanos e equipamentos urbanos destinados à outras funções eram utilizados com frequência para a prática do futebol. A princípio sob um caráter amador e em um segundo momento profissional, a partir dos anos 1930. Martins (2014) afirma que:

[...] o desejo de construir um grande estádio de futebol em Belo Horizonte nasceu bem antes da existência do Maracanã. E ganhou força e sentido porque a cidade já contava com bons times, embora a população e a imprensa ainda demonstrassem mais interesse pelos campeonatos do Rio de Janeiro. (MARTINS, 2014, p. 14)

Segundo pesquisa desenvolvida por Neto (2017), antes da década de 1950, existiam quatro estádios de futebol na cidade. O Estádio do América, que pertencia ao América Futebol Clube, inaugurado em 06 de Maio de 1923, que posteriormente construiu o Estádio da Alameda (FIGURA X), inaugurado em 09 de Setembro de 1928, o Antônio Carlos (FIGURA X), do Clube Atlético Mineiro, inaugurado em 30 de Maio de 1929 e o Juscelino Kubitschek (FIGURA X), do Cruzeiro Esporte Clube, inaugurado em 23 de Setembro de 1929. Além dos quatro estádios – três deles em épocas coexistentes – ainda existia o campo do Prado Mineiro (FIGURA X), inaugurado em 08 de Julho de 1906, que, como citado em capítulo anterior, não dispunha de infraestrutura dedicada ao futebol. A capacidade de público não era superior a dez mil espectadores em nenhum dos quatro estádios.

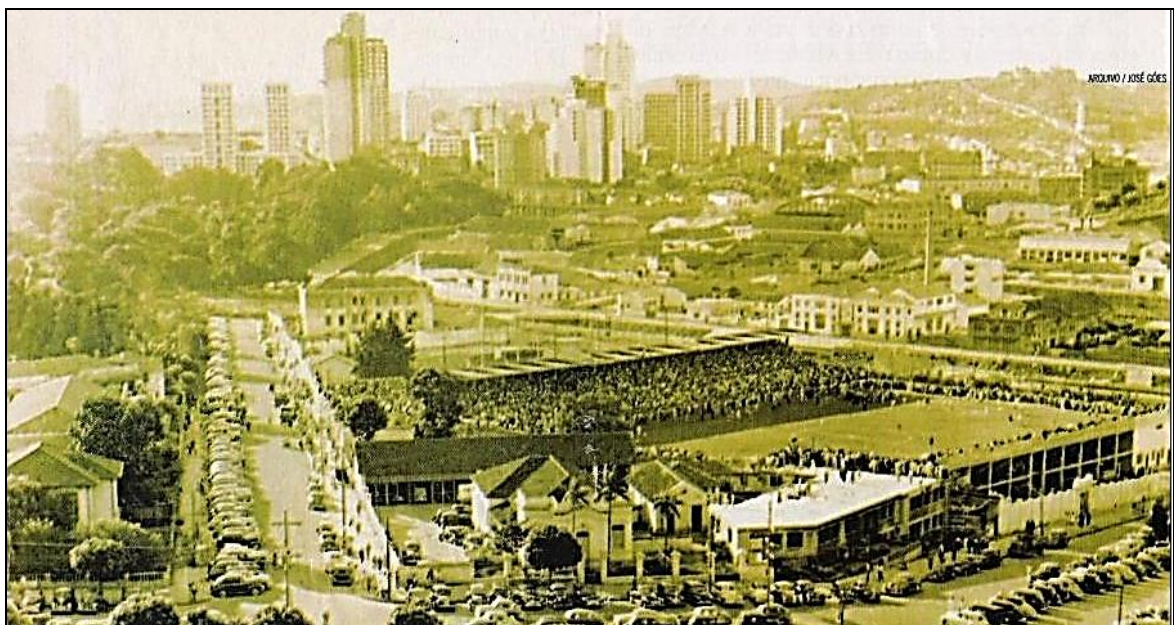
Àquela altura, Minas Gerais já se destacava como a terceira força do futebol no Brasil, submetendo-se ao protagonismo do eixo Rio-São Paulo. A questão de afirmação e posicionamento como uma suposta terceira força é abordada por Assumpção (2005) ao afirmar que “a nova ordem do futebol avançava lentamente [...] e [...] alterar o eixo hegemônico do futebol brasileiro é um processo sociohistórico que envolve, anos, décadas, gerações”.

FIGURA 16 – Mapa de localização dos primeiros estádios de futebol de Belo Horizonte.



FONTE: Adaptado pelo autor de <https://goo.gl/5YtjQs>

FIGURA 17 – Estádio Alameda, pertencente ao América Futebol Clube, década de 1940.



FONTE: Internet. Disponível em <https://goo.gl/IjPbd3> Acesso em 14 Jun 2018.

FIGURA 18 – Estádio Antônio Carlos, pertencente ao Clube Atlético Mineiro, década de 1930.



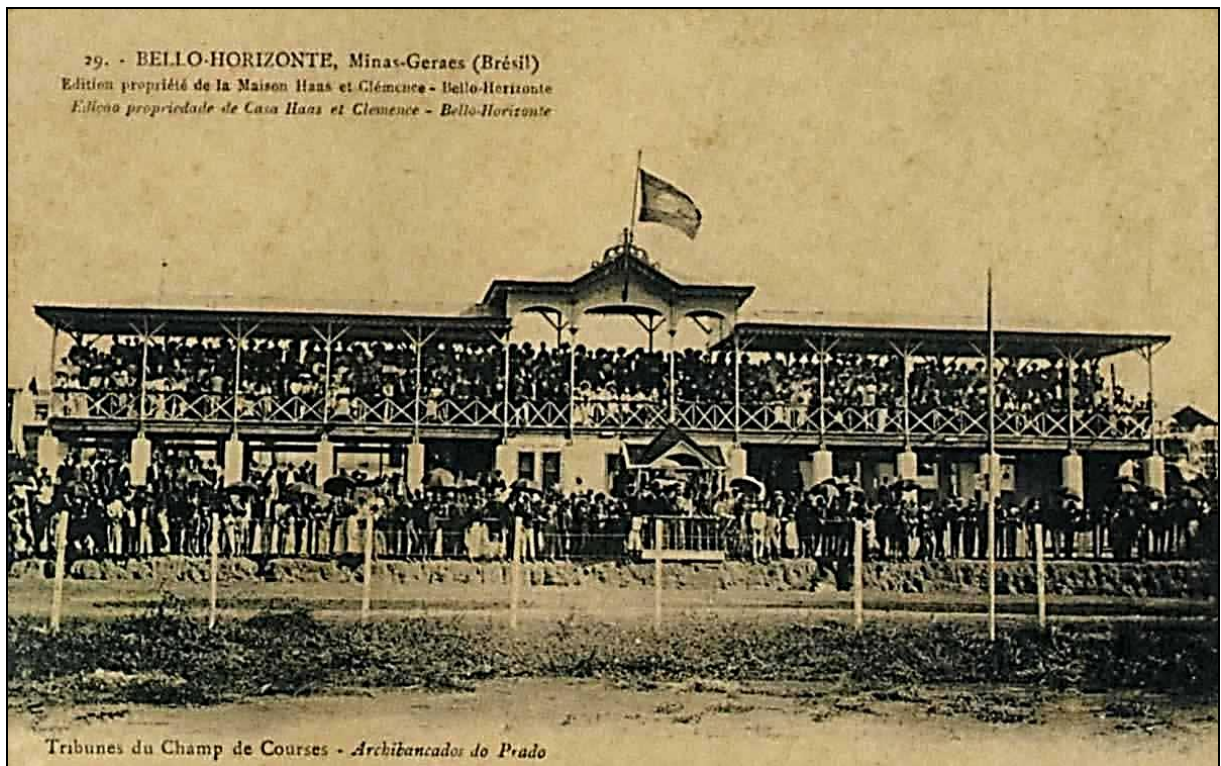
FONTE: Internet. Disponível em <https://goo.gl/b8mro7> Acesso em 14 Jun 2018.

FIGURA 19 – Estádio Juscelino Kubitshek, pertencente do Cruzeiro Esporte Clube, década de 1940.



FONTE: Arquivos do jornal Estado de Minas. Disponível em <https://goo.gl/3o2kVH>. Acesso em 14 Jun 2018.

FIGURA 20 – Campo do Prado Mineiro, década de 1920/1930.



FONTE: Internet. Disponível em <https://goo.gl/baZfVC> Acesso em 14 Jun 2018.

Os clubes de Minas Gerais começavam a se destacar no cenário nacional e a transmissão de jogos pelo rádio contribuiu para que os jogos pudessem ser acompanhados por torcedores a longas distâncias dos estádios. É inclusive na década de 1940 que percebe-se, ainda segundo Assumpção (2005), uma difusão da cultura de massa, da exploração da imagem do atleta como ídolo nas revistas esportivas e da consolidação da identificação do torcedor com seus respectivos clubes. Posteriormente, com os recursos da televisão introduzidos por Assis Chateaubriant, a imagem do esporte associada ao movimento gera uma nova perspectiva ao torcedor. O futebol difunde-se ainda mais, não só em Belo Horizonte, como em todo o país.

Fato curioso é que apesar da grande popularidade, até a década de 1940, ainda havia certo preconceito por parte da elite mineira em relação ao futebol, considerado por alguns como uma “diversão de malandros e desocupados” (MARTINS, 2014). A

partir do momento em que personalidades da própria elite começaram a participar ativamente da vida do futebol, essa visão passou a ser modificada. Quando o político Antônio Abrahão Caram assume a presidência da Federação Mineira de Futebol, Belo Horizonte se credencia a sediar uma partida da Copa do Mundo de 1950. É nesse período que nos parece sintomática uma primeira necessidade de se construir um estádio de futebol de maior escala em Belo Horizonte. Necessidade esta, sinalizada pelo poder político e econômico e endossada pela sociedade, que vislumbrava na figura de Caram ideais como virtude, capacidade de realização e transparência.

Assumpção (2005) afirma que “apesar de concebida mediante um plano urbanístico moderno”, Belo Horizonte ainda possuía ares provincianos na primeira metade do século XX. De fato, um dos indícios de desenvolvimento das cidades brasileiras se relaciona com o adensamento e a verticalização. Dois grandes marcos dessa quebra de paradigma se deram com o lançamento e o início da construção do Conjunto Juscelino Kubitschek, um conjunto modernista projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e a grande expansão industrial (ASSUMPÇÃO, 2005). O futebol – e todos os aspectos que o acompanham – se juntou a esse espírito de reafirmação de Belo Horizonte e procurou através de apoio político modernizar-se e ressignificar seus lugares e infraestruturas.

Nesse momento, Belo Horizonte já não ofertava mais tantos vazios urbanos em que um dia foi possível praticar o futebol de forma amadora e desprezível. A cidade se transforma e sobrepõe-se em camadas. O Modernismo se estabelece na arquitetura e no modo de vida em um lugar que já apresentou fortes características ecléticas e Art Déco. Neste período a cidade se tornaria um rico núcleo de disseminação cultural. É nesse contexto que se insere na narrativa o Estádio Independência, como espécie de transição para a concepção e execução do então Estádio Minas Gerais, posteriormente chamado de Mineirão.

De acordo com o que argumenta Schetino apud Neto (2017), o Estádio Independência representou não só uma capacidade de articulação política em torno

do futebol, mas também uma nova fase desse tipo de equipamento urbano na cidade de Belo Horizonte. A dimensão simbólica da edificação, a intenção de grandiosidade e de consolidar práticas esportivas e sociais numa determinada região da cidade se concretizam. Além desses aspectos, há uma grande evolução com relação à escala do estádio. Os exemplos citados anteriormente possuíam limitação na capacidade de acomodar mais que 10 mil espectadores. Neste momento, a intenção é criar um “gigante no Horto”<sup>10</sup>. Amplamente divulgado na imprensa à época, a construção do Estádio Independência representou de fato uma ruptura na ordem vigente, pois esse estádio não pertenceria a nenhum dos grandes clubes da capital (NETO, 2017), seria na teoria, de todos.

Martins (2014) afirma que a pressão pela construção do estádio se apoiaria muito na pretensão de Belo Horizonte em sediar partidas da Copa do Mundo de 1950, confirmada junto à então CBD<sup>11</sup> no final da década de 1940. Com esforços do então prefeito Otacílio Negrão de Lima e do presidente da CBD, Rivadávia Correa Mayer, o estádio foi sendo de fato concebido.

Inaugurado em 25 de Junho de 1950, o Estádio Independência possuía arquibancadas em concreto, com capacidade aproximada para 30 mil espectadores. Sua morfologia se configurava em um lanço de arquibancadas que acompanhavam o desenho do campo nas laterais e apresentava duas curvas junto às linhas de fundo (FIGURA X). A primeira partida a ser realizada no estádio foi na Copa do Mundo de 1950, entre as seleções da Iugoslávia e Suíça (MARTINS, 2014). Após longo período sendo utilizado pelo América Futebol Clube, no ano de 2010 o estádio foi cedido temporariamente ao Estado de Minas Gerais para uma reforma completa, que é a morfologia apresentada na atualidade (FIGURA X).

---

<sup>10</sup> Embora o Estádio Independência tenha sido chamado de “gigante do horto”, o equipamento urbano acabou sendo construído no bairro Sagrada Família, região leste da capital. É comum a associação dos usuários e moradores da região com o Horto Florestal, outro equipamento urbano que se apresenta na mesma região da cidade.

<sup>11</sup> Confederação Brasileira de Desportos, entidade responsável pelo fomento do esporte no Brasil. Fundada em 1914, cumpriu esta função até 1979 quando se tornou CBF – Confederação Brasileira de Futebol. Essa mudança estrutural ocorreu muito em função do decreto da FIFA que exigia que os países membros da federação passassem a controlar o futebol a partir de uma entidade centralizadora.

FIGURA 21 – Vista aérea do Estádio Independência e entorno imediato, por volta do ano 2010.



FONTE: Skyscrapercity. Disponível em <https://goo.gl/aXw6em> Acesso em 14 Jun 2018

Pode-se notar a partir das imagens que a morfologia do estádio foi completamente reconfigurada, das dimensões do campo de jogo ao arranjo físico de arquibancadas e concepção de forma e partido arquitetônico. O Estádio Independência passou a se chamar Arena Independência e apresenta instalações que atendem ao padrão FIFA.

FIGURA 22 – Vista aérea do Estádio Independência e entorno imediato, após a reforma.



FONTE: Google Earth. Disponível em <https://goo.gl/UDL3Rv> Acesso em 26 Jun 2018

A Arena Independência foi concebida e executada em estrutura de concreto pré-fabricado para as arquibancadas, parte apoiada no terreno desnivelado, parte suspensa para gerar três níveis. O objeto arquitetônico se configura numa volumetria sóbria e de aparência simples, utilizando materiais de pouco refinamento estético como o blocos de concreto aparentes e telas metálicas sobre estes, por exemplo. A forma em planta se assemelha a um “U” e possui a abertura das arquibancadas voltadas para uma interessante visada da Serra do Curral. Nesse vazio, foram edificadas os vestiários e instalações de apoio aos eventos realizados no espaço. Assim, os três lanços de arquibancadas são cobertos por material translúcido, o que garante certa proteção contras as intempéries para os espectadores.

FIGURA 23 – Aspecto da volumetria e partido arquitetônico da Arena Independência, após a reforma.



FONTE: Google Earth. Disponível em <https://goo.gl/UDL3Rv> Acesso em 26 Jun 2018

Entretanto, a arena possui questões de projeto que, em certa medida não atendem ao próprio padrão FIFA. O exemplo mais claro disso é a questão dos pontos cegos entre as arquibancadas dos níveis mais altos e o campo de jogo. Isso foi veiculado na mídia durante a execução das obras e foi observado pelos próprios usuários à medida que a nova morfologia foi sendo apropriada. Em matéria assinada por Prêta (2012), há relatos de mais de seis mil pontos cegos entre as arquibancadas e o campo de jogo. Naturalmente, a análise que se faz para este aspecto não é aprofundada e serve somente para contextualizar a intervenção realizada em um

equipamento urbano concebido em meados do Século XX, totalmente reformado e entregue ao público no ano de 2012.

Fato curioso na história do Estádio Independência e que se relaciona diretamente com a questão da visibilidade – e da dimensão simbólica, é o relato dos espectadores que conseguiam assistir aos jogos a partir dos muros e telhados das edificações do entorno imediato antes da reforma. A altimetria de algumas edificações da Rua Alexandre Tourinho que faziam divisa com uma das partes baixas da arquibancada, davam condições para que isso acontecesse. Durante décadas esse tipo de espaço foi apropriado pela população e até explorado comercialmente pelos proprietários. A nova forma da arena, que apresenta um objeto arquitetônico claramente de altimetria superior ao anterior impede que esse recurso seja explorado pelos usuários nos dias atuais (FIGURA 24).

FIGURA 24 – Visada do campo de jogo do “antigo” Independência a partir dos muros e coberturas de edificações vizinhas.



FONTE: Arena Independência. Disponível em <http://www.arenaindependencia.net/timeline/> Acesso em 26 Jun 2018

### 2.3 A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO “GIGANTE DA PAMPULHA”

Martins (2014) afirma que “o Maracanã não foi o pai do Mineirão”. E de fato não foi, como exposto no início do subcapítulo anterior. O poder político em Minas Gerais já

havia percebido a força com que o futebol podia “conduzir” as massas. Com uma forte intenção de tornar o estado uma referência de modernidade e vanguarda no país, em um primeiro momento o Estádio Independência foi concebido e na sequência, o Mineirão. A ideia por trás do Mineirão era construir o “segundo maior estádio do mundo”, equilibrando a importância de Minas Gerais com a do Rio de Janeiro, por exemplo. Embora o Maracanã possuísse o título simbólico de “maior estádio do mundo” e “templo do futebol mundial”, o Mineirão enquanto projeto representou também um marco simbólico da ressignificação da cidade de Belo Horizonte.

A concepção de um equipamento urbano dessa escala e importância trouxe a Belo Horizonte novas dinâmicas de ocupação e apropriação do espaço público. Como se verá a seguir, o Mineirão não seria somente um estádio de futebol. Além de fomentar o esporte, direcionou esforços para o adensamento de uma nova região da cidade, a Pampulha, que já havia sido contemplada com o complexo arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer quando Juscelino Kubitschek foi prefeito na década de 1940. Martins (2014) apresenta um interessante cenário dessa ressignificação quando afirma que “o Colosso ou Gigante da Pampulha (...) deu à cidade novos sons, cores, modas, costumes, manias e conflitos próprios das metrópoles”.

Santos (2005) nos proporciona uma leitura que indica também a importância dada à construção do estádio e principalmente à sua associação com a questão da “modernidade”. O Mineirão foi concebido desde o início com a aspiração de ser grande e moderno – para os padrões da época, afinal estamos tratando de um contexto da década de 1960. Comparações entre o projeto do novo estádio e o principal estádio existente na cidade eram constantes, tanto no imaginário popular quanto no entusiasmo dos homens fortes da política que trabalharam na sua concepção. A expectativa por trás da existência do Mineirão era tão significativa que há relatos de que a comparação foi além de território nacional.

[...] Mas o Estádio Minas Gerais não foi comparado apenas com os estádios brasileiros. Não raro apontado como “o mais moderno do mundo”, era orgulhosamente comparado a outros famosos

estádios internacionais. O construtor do estádio, Gil César Moreira de Abreu, viajou até o Japão para travar conhecimento com os modernos estádios que foram erguidos em Tóquio para sediar os Jogos Olímpicos de 1964. Os projetos de outros estádios mundo afora também foram estudados a fim de se obter um estádio "perfeito sob todos os pontos de vista" (SANTOS, 2005, p. 1)

Todos os aspectos mencionados contribuem para a ideia de que a construção de estádios de futebol de escala metropolitana também apresenta um forte viés populista (Assumpção, 2005). A construção desse tipo de equipamento urbano concretiza perspectivas de realização coletiva, são espécies de monumentos dedicados à capacidade progressista dos grupos dominantes em resposta às expectativas populares. Mascarenhas (2007) concorda com essa ideia quando se refere à evolução do futebol como expressão da realização supracitada:

[...] Estádios são memória acumulada, vivida coletivamente. Gigantescos templos de concreto, nos quais Freud já havia detectado uma dimensão "sagrada". O formato "circular" das grandes arenas nos evocaria o eterno retorno dos tempos, exercício facilmente associado ao ciclo das temporadas esportivas (...) Contando com amplas arenas, excessiva cobertura midiática e subsídio governamental, o futebol durante décadas atraiu público numeroso no Brasil, tornando-se uma das principais diversões populares. Nos estádios, freqüentemente lotados, o povo desenvolveu rituais próprios, carnavalizantes, ruidosos e coloridos, um cenário de festa ritualizada. (MASCARENHAS, 2007, p.62).

Oliveira (2012) apresenta uma visão pragmática – e extremamente relevante ao contexto, dos motivos pelos quais os diversos tipos de capital investem esforço na construção dos estádios de futebol. Isso vem de encontro ao pensamento político que tratamos neste momento, que visa, entre outras agendas, a popularização do evento e seus consequentes investimentos.

[...] Ao mesmo tempo em que se apresenta como resultado das estruturas econômicas existentes nos processos históricos de sua formação, a configuração do campo de produção do espetáculo esportivo não acontece sem a interferência objetiva da ação de

sujeitos individuais e coletivos que nele atuam. (OLIVEIRA, 2012, p. 25).

O interesse político na construção do Mineirão foi intenso, tanto pelos aspectos mencionados anteriormente quanto nos apresentados por Assumpção (2005) em sua tese de Doutorado. Nesta pesquisa abrangente, o autor demonstra os vários aspectos que tornaram possível a construção do Mineirão. A narrativa construída por Assumpção expõe o chamado “complexo de inferioridade” dos mineiros em relação ao eixo Rio-São Paulo, o caráter monumental desse novo estádio que viria a se consolidar e as estratégias de legitimização do projeto e sua consequente aceitação popular. É um texto rico em detalhes de todo o contexto histórico da concepção do Mineirão. A passagem abaixo pode nos oferecer parte disso, quando afirma que:

[...] Em nosso olhar, o Mineirão configura-se como um símbolo de um momento crucial do País, do estado de Minas Gerais, da capital mineira. O estádio, em sua lógica simbólica, transcende os limites de Belo Horizonte e torna-se referência para o país inteiro à medida que, na hierarquia do imaginário coletivo, assume o lugar de segundo maior estádio coberto do mundo. (ASSUMPÇÃO, 2005, p. 145.)

Nesta perspectiva, vê-se claramente a importância da dimensão simbólica do Mineirão, equipamento urbano de influência não só metropolitana mas que transcende os limites do estado de Minas Gerais. Embora estejamos narrando fatos e argumentos da época da concepção do estádio, essa dimensão simbólica viria a se consolidar ao longo do tempo no imaginário popular. Isso legitima a tese de que o Mineirão foi, desde sempre, um espaço que tornava possível a convivência de classes sociais distintas em torno de um evento esportivo. O que pode se observar a partir de determinado momento na história do estádio é que essa dinâmica de ocupação foi sendo modificada, como afirma o jornalista Thiago Reis, da Rádio Itatiaia, em entrevista concedida a este pesquisador.

Reis (2018) nos apresenta alguns aspectos da modificação do Mineirão em sua dimensão simbólica.

[...] O estádio de futebol não é mais a casa do povo. É a casa de quem pode pagar, e hoje tem de pagar caro, apesar dos clubes estarem criando pacotes e programas de sócio torcedor. Evidente (mente) e de acordo com a realidade do país, isso fica muito distante de grande parte da população. Tanto é que temos jogos de Atlético e Cruzeiro – que até têm sido uma exceção – com cinco mil, seis mil torcedores, o que há bem pouco tempo era praticamente impensável. Em Belo Horizonte, que sofre uma carência de lazer muito grande, o Mineirão era sem dúvida uma grande atração. Já não é mais, já não é dessa forma e fica clara a diferença do perfil do torcedor. Aquele torcedor que cantava o jogo inteiro, que chorava após o fim dos jogos. Quantos já entrevistei em pânico, dizendo que “o time perdeu, o time está caindo, vai ser rebaixado, não está num bom momento”. Hoje são analistas. (REIS, 2018)

Em contraponto à declaração de Reis (2018), buscamos o relato de Martins (2014) numa narrativa que apresenta o Mineirão como um “efeito de integração social” à época da inauguração, na década de 1960 e nos anos seguintes: “virou um evento ir aos jogos, que passaram a receber todo tipo de gente, de ricos e pobres a mulheres e idosos” (MARTINS, 2014). O atual prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, que foi presidente do Clube Atlético Mineiro entre os anos de 2008 e 2014, concedeu a este pesquisador uma entrevista que confirma em determinado momento o caráter plural da possibilidade de apropriação e ocupação do estádio por parcelas economicamente distintas da sociedade. Em um questionamento que tratava do fim do setor geral do Mineirão – com a reforma e adequação da morfologia para sediar partidas da Copa do Mundo de 2014, Kalil nos contou que:

[...] eu me lembro (...) quando meus filhos eram meninos, com 13 (...) 15 anos, eles tinham um programa de ir para o Mineirão para a geral. São meninos que tinham condições de ir para a cadeira cativa<sup>12</sup> - nós tínhamos nove cadeiras cativas. (KALIL, 2018)

A declaração de Kalil expõe que, apesar de segregado pela setorização, o Mineirão proporcionava sentimento de pertencimento de diversos perfis de públicos em lugares que, numa análise mais superficial não eram “dedicados” à eles. O que se

---

<sup>12</sup> Assentos vendidos na época da construção do estádio, que visava uma espécie de parceria entre a sociedade e o poder público no intuito de viabilizar a execução do estádio. As cadeiras cativas, como chamadas foram durante décadas de propriedade de pessoas físicas, que tinham o direito de ocupar assentos específicos durante as partidas realizadas no estádio.

entende disso é que o setor geral não só atraía usuários que tinham condições de viabilizar o acesso a outros setores mais onerosos do estádio, mas fazia com que tivessem de fato vontade de ocupá-lo. É uma declaração importante que nos remete ao questionamento deste trabalho quanto à segregação de determinado perfil de público a partir das reformas pelas quais passou o Mineirão no período pré Copa do Mundo de 2014.

A partir da exposição da importância da dimensão simbólica do Mineirão, passamos a narrar então o contexto específico dos assuntos que tocam a articulação política no período da construção do Mineirão.

#### 2.4 O MINEIRÃO, DA CONCEPÇÃO À EXECUÇÃO

Com o relato do esforço por parte dos políticos para que o Mineirão existisse, passamos a narrar os condicionantes que o tornaram possível. Os relatos de Martins (2014) e de Assumpção (2005) são bastante relevantes nesse contexto, já que apresentam uma visão direcionada ao “acontecimento” Mineirão.

O projeto de lei que tornou possível a construção do Mineirão foi sancionado pelo governo Bias Fortes, em 12 de Agosto de 1959. O autor do projeto de lei foi o deputado estadual Jorge Carone Filho. Assumpção (2005) relata que o projeto arquitetônico é de autoria de Eduardo Mendes Guimarães e Gaspar Garreto. Os primeiros estudos do estádio contemplavam uma capacidade de público próxima aos 35 mil espectadores, o que foi refutado pelo engenheiro designado pelo governo do estado para conduzir as obras, Gil César Moreira de Abreu. À época, houve um entendimento de que o estádio deveria ser mais grandioso e por consequência, de maior escala. Assumpção (2005) nos oferece um relato do próprio engenheiro:

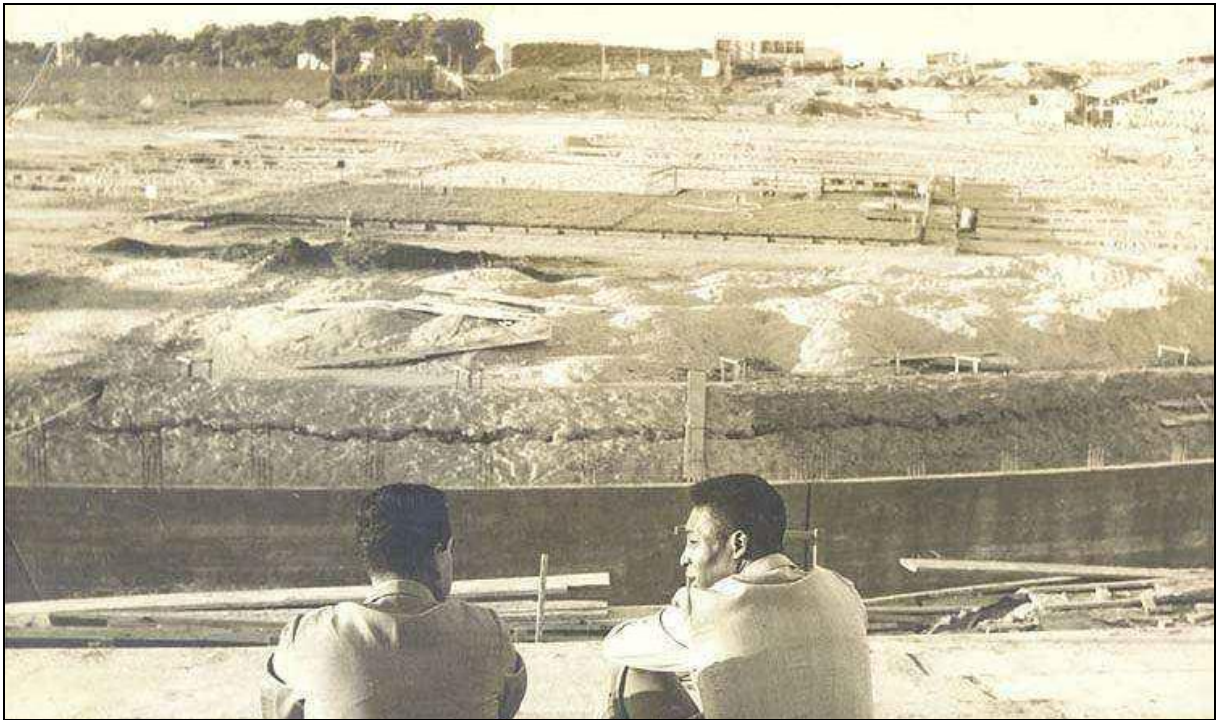
[...] O projeto ficou para a Universidade (UFMG) fornecê-lo (...) Criamos um clube universitário, começou a haver competição entre as escolas. Queríamos fazer – e o reitor enxergou isso – com que a parte esportiva também ajudasse a levar a universidade para a Pampulha. (ASSUMPÇÃO, 2005, p. 156)

O estádio passou então a ser concebido numa escala maior, ratificando a intenção de ser o “segundo maior estádio do mundo”, citada anteriormente. Da primeira concepção de abrigar 35 mil usuários, o Mineirão passou a ser projetado para públicos superiores a 70 mil usuários. Em 1960 a União e a Universidade Federal de Minas Gerais cederam ao estado uma área de 300 mil metros quadrados na região da Pampulha, nas imediações da chamada Cidade Universitária, onde hoje se encontra o Campus da UFMG. Essa área foi cedida por comodato, a princípio por um período de 40 anos. Participaram desta operação o então presidente da república, Juscelino Kubitshek e o então governador do estado, Bias Fortes.

O entusiasmo por trás do Mineirão ficou claro quando a Seleção Mineira foi campeã brasileira de seleções, em 1963. Assumpção (2005) relata que a repercussão foi de extrema expressividade e que isso atraiu ainda mais a atenção da sociedade para o futebol no – e do – estado. Magalhães Pinto, governador neste momento, foi cumprimentado publicamente pelo feito, considerado histórico. Dada a sua intenção de concorrer à Presidência da República nas eleições de 1965, Pinto viu nesta uma oportunidade única de criar empatia com o público massificado do esporte.

A estratégia de legitimização do estádio frente à opinião pública não terminou nisso. Da aprovação do projeto de lei, em 1959 à inauguração oficial do estádio, em 1965, o governo do estado se utilizou da imprensa como um meio de comunicação “quase oficial” do andamento das obras, da grandiosidade do projeto e de sua importância para todo o contexto que Minas Gerais vivia naquele momento.

FIGURA 25 – Pelé e Zito observam as obras do Mineirão no ano de 1963.



FONTE: Internet. Disponível em: < <https://goo.gl/Dk1P2J>> Acesso em 24 Jul 2018.

FIGURA 26 – Trabalhos de terraplanagem no terreno onde seria construído o Mineirão. Déc. 1960. Acima na imagem, a edificação da Reitoria da UFMG também em construção.



FONTE: Acervo ADEMG. Disponível em < <https://goo.gl/nLEJdg>> Acesso em 24 Jul 2018.

FIGURA 27 – Montagem das ferragens do lanço superior da arquibancada do Mineirão.



FONTE: Acervo ADEMG. Disponível em < <https://goo.gl/2dFrn2>>. Acesso em 24 Jul 2018.

O Estádio Minas Gerais, que logo recebeu o apelido de Mineirão, foi inaugurado oficialmente no dia 5 de Setembro de 1965. Um grande evento foi organizado com uma festa oferecida no dia anterior para os operários (Santos, 2005) e a programação da inauguração contemplou ainda salva de canhões a partir da lagoa da Pampulha, saltos de pára-quedas, esquadilha da fumaça e naturalmente, futebol. A partida inaugural do estádio aconteceu entre a Seleção Mineira e o clube River Plate de Buenos Aires, Argentina. Estima-se que nesta data, aproximadamente 80 mil pessoas estiveram presentes no interior do estádio (ASSUMPÇÃO, 2005, p.171).

FIGURA 28 – Excerto do jornal O Estado de São Paulo, de 5 de Setembro de 1965



FONTE: Internet. Disponível em: <<https://goo.gl/et9Awb>> Acesso em 24 Jul 2018.

Em sua Tese de Doutorado, Campos (2016) redige um relato do modo de ocupação do Mineirão no período anterior à reforma para a Copa do Mundo de 2014. A pesquisadora vai além do óbvio e explora tipos de usuários que extrapolam o conceito do usuário torcedor masculino, que utiliza o equipamento urbano em sua função mais pragmática. São relatadas situações como a presença das mulheres assumindo o papel de usuárias torcedoras e demonstrando o mesmo tipo de sentimento que os homens demonstram pelo esporte e pelo próprio estádio.

Esse trabalho nos dá a dimensão da importância do Mineirão para a população, desde a sua concepção e construção até o momento em que pode ser de fato ocupado e apropriado pela população interessada não só em futebol, mas em qualquer evento que pudesse ali ser realizado. Isso vem ratificar tudo o que foi relatado nos últimos dois itens da dissertação, quando elencamos a relevância do equipamento urbano como objeto de reconhecimento de identidade coletiva e principalmente o esforço do poder político em torná-lo uma realidade.

Ainda segundo Campos (2016):

[...] Assim, no cotidiano da cidade, foi se tornando um espaço para a realização e concretude da vida humana, possibilitando experiências, criando vínculos e narrativas. A interação

estabelecida entre o sujeito e o objeto, dada pelas formas de uso ao longo do tempo, tornou possível uma identidade com o estádio, de modo que ele passou a ser uma fonte de significados para as pessoas e para a própria cidade.

Todo esse processo exige como o Mineirão é carregado de sentidos e simbolismos. Segundo Moranta e Pol (2005), a mudança de significado se dá pelo processo de apropriação. No caso do Mineirão, a construção simbólica partiu primeiramente das instâncias de poder, isto é, dos políticos que quiseram vincular o seu nome à obra, margeado pela construção de algo monumental, depois a população transformou esse simbolismo inicial em algo diferente e (até) contrário.[...] (CAMPOS, 2016, p.93-94)

Após reformas e intervenções pontuais realizadas durante as próximas décadas – que serão elencadas mais à frente, em 6 de Junho de 2010 o Mineirão passa a não receber mais eventos e é fechado para as obras de reforma que visavam as adequações previstas para sediar jogos da Copa do Mundo de 2014. Após dois anos de intensa transformação, o estádio é entregue novamente à população pela então Presidente da República, Dilma Rousseff, no dia 21 de Dezembro de 2012.

### 3. ANÁLISE MORFOLÓGICA DO MINEIRÃO

O estádio Governador Magalhães Pinto, popularmente conhecido como Mineirão será descrito a seguir sob a ótica da interpretação da forma e das características físicas – morfologia – do objeto arquitetônico. Essa análise se mostra relevante sob vários aspectos. Um dos principais é a própria modificação pela qual o estádio passou através dos anos e que gerou, segundo os argumentos apresentados ao longo desta dissertação, segregação socioespacial. Outro aspecto relevante da mesma análise é determinar como a morfologia pode gerar a segregação socioespacial, seja através da setorização, seja através da reconfiguração de espaços de dimensão simbólica consolidada para os usuários do equipamento urbano.

Mas de fato o que é o objeto arquitetônico? Como se estabelece a relação entre o homem, o espaço e o ambiente construído? Como a morfologia do objeto arquitetônico influencia a experiência do usuário?

### 3.1 ASPECTOS FÍSICOS DO OBJETO ARQUITETÔNICO

Segundo Freitas et al (2014) citando a fenomenologia da percepção fundamentada por Merleau-Ponty<sup>13</sup>, a relação do ser humano com o espaço e conseqüentemente com o objeto arquitetônico se consolida a partir da fundamentação do sistema que o corpo constitui com o ambiente construído. A noção de “espaço vivido” de Heidegger<sup>14</sup> (MALARD, 2006) nos permite entender que a percepção é o canal de comunicação entre objeto arquitetônico, espaço e corpo.

Essa relação se estabelece também para Zevi (1996) ao afirmar que o espaço é o protagonista da arquitetura. É nele que acontece a perspectiva de ocupação do vazio e dessa perspectiva surgem as representações da materialidade possível: o partido arquitetônico, a forma, o volume, todos estes elementos constituintes do objeto arquitetônico.

Ainda segundo Zevi (1996), a arquitetura e o espaço estão sujeitos a alguns pressupostos para definir um objeto arquitetônico: os pressupostos sociais, que definem o objeto como o resultado de uma demanda pessoal, os pressupostos intelectuais, que integram fatores de ordem cultural ao anterior, os pressupostos técnicos, que envolve diretamente a questão da tecnologia e modos de fazer e por fim os pressupostos estéticos, que são determinados pelo vocabulário figurativo que a arquitetura admite dentro do processo de concepção.

Todos estes fatores compõem uma equação que vai gerar um objeto arquitetônico, inserido em um espaço que configura a cena que a arquitetura vai protagonizar. São “fatores materiais, psicológicos e metafísicos” que são comuns a todas as sociedades e épocas em que a arquitetura foi realizada e vivenciada em sua plenitude (ZEVI, 1996).

---

<sup>13</sup> Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), filósofo francês, trabalhou a questão da fenomenologia abordando também aspectos da teoria geral da Gestalt.

<sup>14</sup> Martin Heidegger (1889-1973), filósofo alemão, trabalhou a corrente existencialista. Professor e escritor, influenciou autores posteriores como Jean-Paul Sartre.

A realidade física decorrente de todo este processo caracteriza o objeto arquitetônico: uma realização em três dimensões de um conceito que é posto à interpretação do usuário. O objeto arquitetônico é a sistematização dos pressupostos supracitados e a espacialização é um fenômeno inerente ao ser humano (MALARD, 2006). A partir de um desejo, o ser humano atua pela arquitetura para criar o objeto arquitetônico que por sua vez gera sentido através de significados possíveis.

Sistematizada anteriormente, a morfologia – que é o resultado da configuração física dos elementos de Arquitetura, é capaz de gerar sentimentos diversos no usuário, dependendo da maneira com que foi concebida.

### 3.2 MORFOLOGIA DO MINEIRÃO – FASES 1, 2 E 3

Para esta dissertação procuramos dividir a análise da morfologia do Mineirão em três fases distintas, quais sejam:

Fase 1 – Da inauguração em 1965 até a primeira reforma, em 2004;

Fase 2 – Período entre a reforma de 2004 e o fechamento total para as obras de reconfiguração para a Copa do Mundo de 2014;

Fase 3 – Período de reabertura para o público, que inclui a reinauguração, as partidas da Copa das Confederações de 2013, da Copa do Mundo de 2014 e as partidas de clubes até os dias atuais.

Assim sendo, é interessante que o leitor retorne aos itens 2.3 e 2.4 desta dissertação sempre que houver necessidade de contextualização político-histórico dos períodos elencados acima.

#### 3.2.1 MINEIRÃO FASE 1

Ao se descrever um objeto arquitetônico de forma objetiva, é interessante que seja observada uma ordem de apresentação das informações. Desta forma, o Mineirão será apresentado de forma pragmática, a partir da sua evolução formal. Segue

portanto a análise, respeitando a cronologia partindo do ano de 1965 e chegando aos dias atuais.

O Mineirão é um objeto arquitetônico inserido em malha urbana consolidada próximo à lagoa da Pampulha, região norte de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Sua função é de espaço de espetáculo, apresentando um campo – análogo à arena da Antiguidade, arquibancada escalonada e espaços de transição, acesso e apoio. O estádio na sua primeira configuração física era composto por um objeto arquitetônico principal, de morfologia estereotômica<sup>15</sup> e estética monocromática, com agenciamento externo composto por estacionamentos e áreas de circulação em desnível, respeitando a topografia do terreno natural. Sua forma em planta se assemelha a uma elipse. O acesso ao interior da edificação era realizado a partir do estacionamento e circulação por um anel externo pavimentado, que por sua vez dava acesso à bilheteria e aos portões distribuídos ao longo da elipse.

---

<sup>15</sup> O termo estereotômico é utilizado como uma variação de uma das premissas da Teoria da Tectônica da Arquitetura, iniciada com os Gregos e sistematizada na era moderna por Gottfried Semper na obra *Der Stijl*, publicada em 1860. Para este autor, a Arquitetura e seus modos de fazer se dividem em quatro partes essenciais: o têxtil, a cerâmica, a tectônica – que se relaciona com a carpintaria e a estereotomia – que se relaciona com o corte da pedra para chegar a um resultado próximo à cantaria. Uma edificação de morfologia estereotômica é classificada assim por possuir características que se aproximam da forma com que metaforicamente “a pedra” se apoia no terreno para gerar um objeto arquitetônico. Geralmente, edificações de morfologia estereotômicas aparentam peso e forma que se aproximam do monolítico. Embora no caso do Mineirão outra interpretação quanto à sua apresentação morfológica possa ser aceita – principalmente com relação ao ritmo dos pilares que se tornam pórticos de apoio da cobertura – consideraremos a interpretação estereotômica como a que mais se aproxima do objeto arquitetônico em questão.

FIGURA 29 – Objeto arquitetônico do Mineirão e agenciamento externo em níveis. Década de 1960/70.



FONTE: Internet. Disponível em < <https://goo.gl/25SXjf> > Acesso em 24 Jul 2018.

O sistema construtivo consistia em estrutura de concreto armado aparente moldado *in loco* e fechamento e vedação nos anéis interiores em alvenaria de bloco cerâmico vazado. A cobertura era composta por laje de concreto aparente modulada de acordo com os 88 pilares que se tornam apoio atuando como viga invertida. As arquibancadas também foram executadas em concreto armado moldado *in loco*.

FIGURA 30 – Complexo esportivo do Mineirão e Mineirinho, vistos da Igreja de São Francisco de Assis, obra de Oscar Niemeyer.



FONTE: Acervo Gazeta Press. Disponível em < <https://goo.gl/DCWHM1> > Acesso em 24 Jul 2018.

No ano de 1984, o IPHAN ratificou o tombamento do conjunto arquitetônico da Pampulha, que inclui a Igreja de São Francisco de Assis, a Casa do Baile, o antigo casino – atualmente Museu de Arte, o late Clube e a própria lagoa e suas imediações limitadas pela Avenida Otacílio Negrão de Lima. Como consequência deste fato, o CMDPH-BH aprovou no ano de 2003 a inscrição definitiva de todo o complexo no livro de tomo municipal e incluiu o Mineirão na lista de edificações protegidas por lei (FIGURA 30). A deliberação nº 106/2003 informa que:

[...] Como decorrência natural do tombamento, salvo autorização expressa dos órgãos e entidades responsáveis pelo tombamento, o projeto de modernização deverá assegurar a preservação da fachada e cobertura do Estádio do Magalhães Pinto, bem como o seu perímetro de entorno, de forma a não impedir ou reduzir a visibilidade dos demais bens tombados integrantes do Conjunto

Arquitetônico da Lagoa da Pampulha. (MINAS GERAIS, 2010, p.13)

No interior, o Mineirão apresentava um lanço de arquibancada estruturado, dois lanços de arquibancadas apoiados no terreno, fosso e o campo de jogo. Abaixo da arquibancada superior foram implantados os anéis de circulação, que tinham seu acesso realizado por escadas respeitando a modulação dos vomitórios. A partir dos vomitórios era realizado o acesso aos diferentes níveis da arquibancada superior. Já a arquibancada inferior e setor conhecido como geral tinham o acesso realizado por aberturas na contenção do terreno em nível com o pavimento térreo e o anel exterior de acesso.

FIGURA 31 – Aspecto do anel externo de acesso ao estádio, com a bilheteria em segundo plano por volta do ano de 1997.

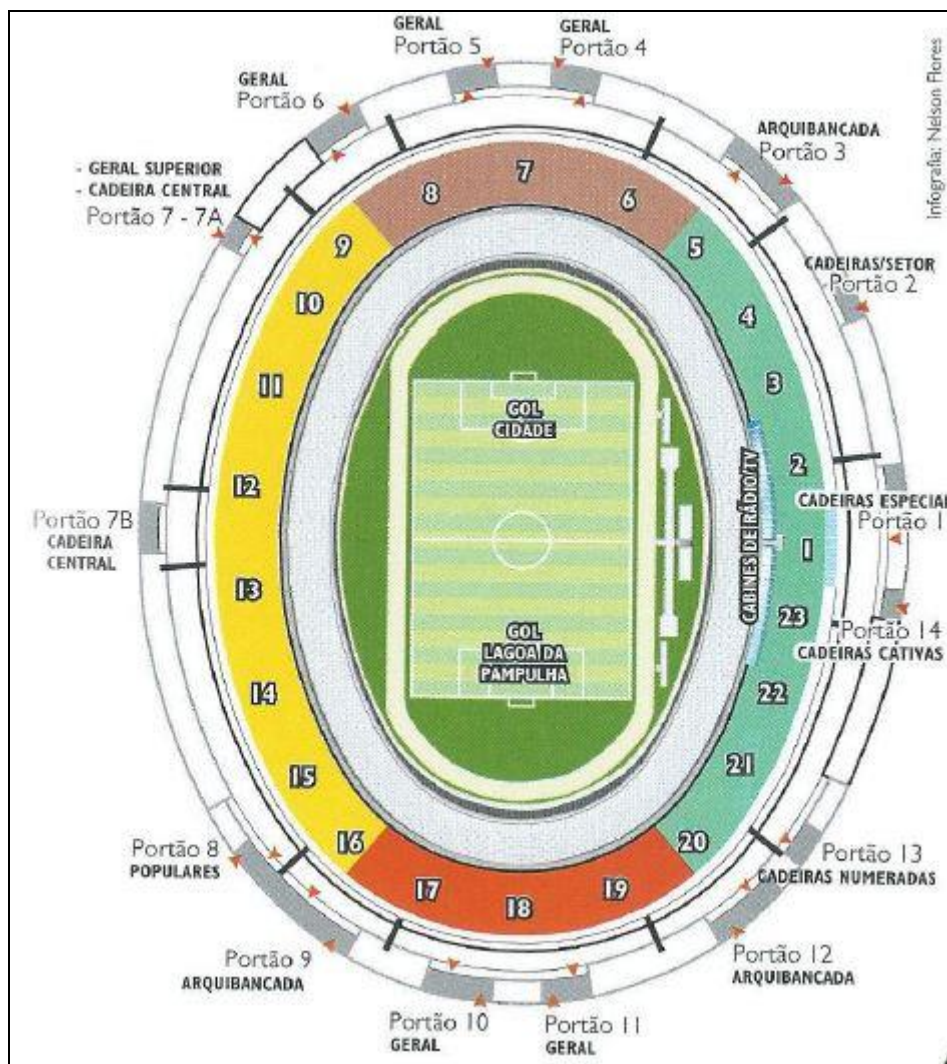


FONTE: Globo Esporte. Disponível em < <https://goo.gl/mRUH3Y> > Acesso em 24 Jul 2018.

A setorização do Mineirão nesta fase seguia basicamente a descrição acima: arquibancada superior, arquibancada inferior e geral. A única particularidade aplicada consistia no acesso às cabines de radio de televisão, à tribuna de honra e às cadeiras cativas, implantadas na parte mais próxima do campo no anel superior da arquibancada. Exceto no setor das cadeiras cativas, o Mineirão não apresentava

cadeiras nas arquibancadas, o que fazia com que sua capacidade de público superasse estimativas de 80 a 100 mil usuários. A hierarquia de preços do direito ao ingresso seguia a seguinte lógica: quanto mais ao alto na arquibancada, mais oneroso. Quanto mais próximo ao campo, menos oneroso. Isso implica que o setor geral, quase ao nível do campo de jogo foi durante décadas o ingresso menos oneroso oferecido ao usuário.

FIGURA 32 – Setorização nas Fases 1 e 2 do Mineirão.



FONTE: Adaptado de Campos (2016)

No ano de 1996, foram instalados amortecedores nas arquibancadas inferiores no intuito de diminuir a vibração da superestrutura em eventos de maior público. Estudos à época apontavam que os índices de vibração das arquibancadas do Mineirão superavam os tolerados pelas normas. Outra medição realizada no ano de 2009 indicou que a ocorrência permanecia em desconformidade com o órgão internacional de normatização *National Building Code of Canada* (ARAÚJO, 2011) o que culminou na troca dos amortecedores previamente instalados.

Vale ressaltar também que o equipamento urbano do Mineirão não restringia sua influência somente ao futebol. Sua função de espaço de convergência social permitiu que outros eventos fossem realizados tanto no interior da edificação quanto no seu agenciamento externo e entorno imediato. A figura X ilustra um momento captado durante evento de corrida de automóveis realizado na década de 1970 nos anéis externos do estádio. Isso vem ratificar o caráter de multifuncionalidade que o estádio permitia. O equipamento urbano Mineirão também se tornou referência para um público não habituado ao futebol. No caso específico das corridas, nota-se que a infraestrutura urbana do entorno imediato do estádio se mostrava convidativa e apropriada para que outro tipo de atividade fosse praticada, mesmo com limitações técnicas.

FIGURA 33 – Veículo preparado para corrida no entorno imediato do Mineirão. Década de 1970.



FONTE: Acervo Estado de Minas. Disponível em < <https://goo.gl/bh3Rms> >. Acesso em 24 Jul 2018.

### 3.2.2 MINEIRÃO FASE 2

A morfologia apresentada acima foi mantida até o ano de 2004, quando o Mineirão recebeu da FIFA a oportunidade de sediar uma partida das Eliminatórias da Copa do Mundo de 2006, que seria realizada na Alemanha. As seleções envolvidas no evento foram Brasil e Argentina. Embora a infraestrutura geral do Mineirão ainda atendesse aos clubes – locais e visitantes – de forma relativamente satisfatória, houve exigências da FIFA no sentido da realização de obras de adequação de determinadas instalações visando, segundo a entidade, conforto e segurança aos usuários.

A instalação de cadeiras numeradas nas arquibancadas, melhorias nos acessos externos e readequação dos vestiários de uso exclusivo dos atletas, comissão técnica e comissão de arbitragem foram algumas das exigências que a FIFA impôs ao Mineirão para sediar o evento. Como esta dissertação tem interesse em analisar a influência das modificações na morfologia do estádio principalmente em relação ao usuário torcedor, nota-se que a instalação de cadeiras numeradas já trouxe uma alteração no modo de ocupação do estádio. As arquibancadas que antes não possuíam demarcação física dos lugares, agora faziam com que os ingressos estivessem vinculados a um lugar específico no estádio. Ocorre que ao longo deste período os mesmos usuários que não estavam habituados à esse sistema não respeitavam a designação dos lugares.

FIGURA 34 – Aspecto interno da morfologia do Mineirão durante a Fase 2.



FONTE: Rodrigo Marques. Disponível em < <https://goo.gl/ufv2HG> > Acesso em 24 Jul 2018.

Isso já denotava de certa forma uma modificação no comportamento do usuário do estádio. Assim como nos estádios de Archibald Leitch no início do Século XX, houve uma tentativa de atrair uma massa de torcedores mais qualificada em detrimento ao usuário vibrante e subversivo à algumas regras de convívio das primeiras décadas do Mineirão. A partir de meados da década de 1960 até o início da década de 2000 foi comum assistir às partidas de pé nas arquibancadas livres de obstáculos ou barreiras físicas, nesta fase configurada pelas cadeiras. A partir da instalação destas, os usuários passaram a ficar de pé nas próprias cadeiras, na tentativa de melhorar a visibilidade do evento que acontecia no campo de jogo.

Este aspecto de subversão às regras de convívio foi abordado por Campos (2016) ao caracterizar a violência simbólica que os usuários torcedores assumem no estádio de futebol.

[...] No que tange aos torcedores, a violência simbólica era de cunho sexista, de gênero e racista. Dava-se, principalmente, pelos cânticos das torcidas organizadas e pelas imagens a elas vinculadas (e por elas veiculadas), embora tivesse coro entre os torcedores não organizados e que esses, individualmente,

expressassem esse tipo de violência. A violência, de um modo geral, é um dos principais vilões do futebol e há a tentativa de coibi-la por meio de normas, aparatos tecnológicos de identificação do torcedor e penalização da *equipe agressora*. Atualmente, cânticos de caráter sexistas e racistas estão proibidos nos estádios. (CAMPOS, 2016, p.97)

A questão da violência relacionada ao futebol é assunto frequente, tanto na literatura científica quanto no senso comum. Faz-se necessário atentar inclusive para o fato de que é este um dos argumentos para que a elitização do futebol fosse consolidada (ver item 1.4). Ao procurar excluir uma parcela da população ingenuamente culpada pela violência, atesta-se a incapacidade de evolução como sociedade para práticas de convívio social sadio e plural.

### 3.2.3 MINEIRÃO FASE 3

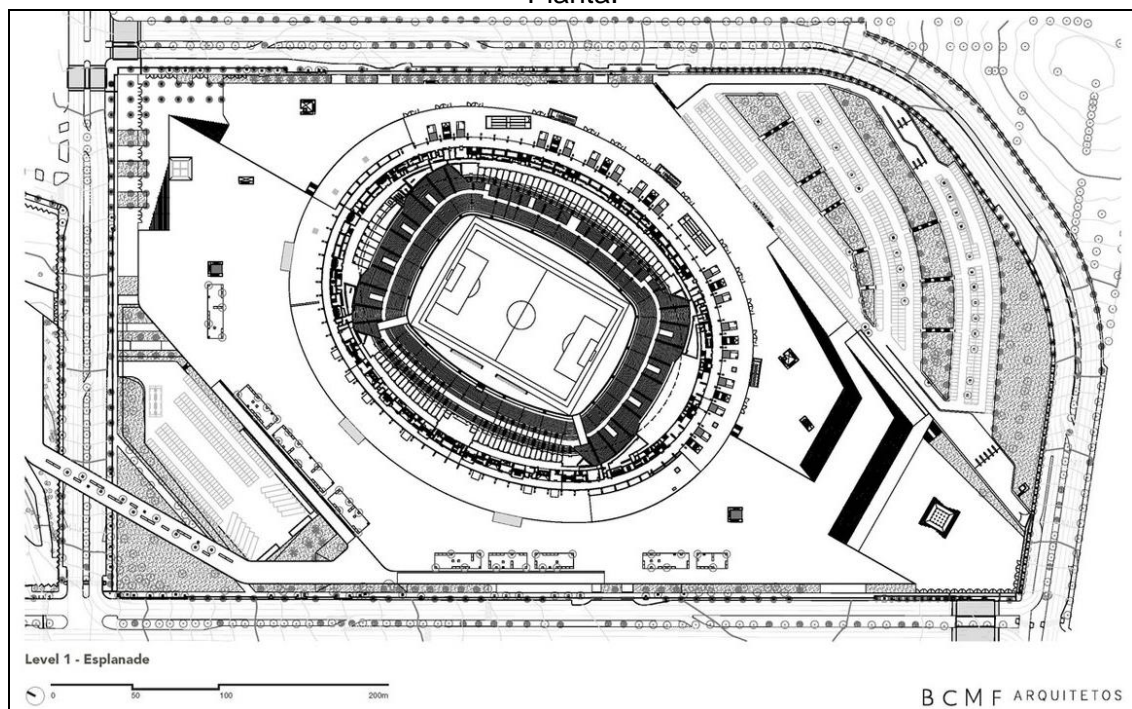
Como citado ao final do item 2.4 desta Dissertação, o ano de 2010 ficou marcado pelo o fechamento do estádio para o início das obras de reforma para a Copa do Mundo de 2014. Esta fase é considerada por este pesquisador a de maior impacto na morfologia do Mineirão. Seguindo as recomendações do Caderno de Encargos da FIFA para estádios e por força de legislação – neste caso o tombamento da volumetria da fachada do estádio, o Mineirão foi quase completamente demolido e reconstruído. Tanto a parte interna quanto a externa sofreram modificações consideráveis e é a morfologia que pode ser vista na atualidade.

É importante ressaltar neste momento que esta dissertação não tem a intenção de questionar decisões de projeto. Se têm qualidade ou não. Este pesquisador respeita-as enquanto arquiteto urbanista e procura entender as intenções projetuais dos profissionais que se dedicaram ao Mineirão nesta que chamamos de Fase 3. O que se pretende aqui é interpretar de que forma as intervenções propostas e consequentemente as novas instalações físicas contribuíram para que houvesse, aliados à ação dos atores políticos e econômicos, segregação socioespacial no contexto do estádio. Isto posto, passamos a descrever de forma objetiva as intervenções na morfologia do estádio.

A Fase 3 consiste na descrição e análise das modificações executadas como preparação do Mineirão para sediar jogos dentro do chamado padrão FIFA, quais sejam: partidas da Copa das Confederações e da Copa do Mundo, nos anos de 2013 e 2014, respectivamente. O método utilizado para esta análise será, assim como nas fases anteriores: do exterior para o interior da edificação. Na parte exterior, serão contempladas as intervenções no agenciamento externo e entorno imediato e na parte interior as intervenções que se caracterizam próprias da morfologia.

Como descrito em item anterior o agenciamento externo do Mineirão se configurava em platôs que respeitavam a topografia original do sítio. Nesses platôs estavam implantadas espaços de transição e estacionamentos. Os acessos dos níveis mais baixos ao anel externo do estádio eram realizados por escadas e/ou rampas pavimentadas para automóveis. A proposta para a Fase 3 reconfigura completamente e dá outra leitura para a questão dos desníveis ao criar uma grande esplanada em concreto e suprimir parte da vegetação presente nas Fases 1 e 2.

FIGURA 35 – Esplanada do Mineirão em Planta.



FONTE: BCMF Arquitetos. Disponível em < <http://www.bcmfarquitetos.com/> > Acesso em 25 Jul 2018.

Nesta esplanada, executada em estrutura de concreto pré-fabricado e laje em placas também pré-fabricadas estão presentes elementos de controle de acesso do público, mais próximos ao alinhamento do terreno com a via pública. Esta é uma das recomendações descritas no Caderno de Encargos da FIFA, que trata este aspecto no intuito de gerenciar multidões em grandes eventos. No subsolo gerado estão implantados por setor os estacionamentos do *front of house* e acessos do chamado *back of house* (para definição, ver Capítulo 1, p.16). Além disso, a esplanada cria um embasamento onde o estádio é visto pelo usuário se erguendo no plano do horizonte (Figura 36). Essa concepção explora uma visada que não era possível com tamanha dramaticidade nas Fases 1 e 2, quando os acessos ao estádio eram realizados pelos platôs. Nesta configuração, o estádio fica em pleno destaque na visada do usuário, como ilustra a figura X abaixo.

FIGURA 36 – Objeto arquitetônico do Mineirão sobre esplanada concebida e executada na Fase 3.

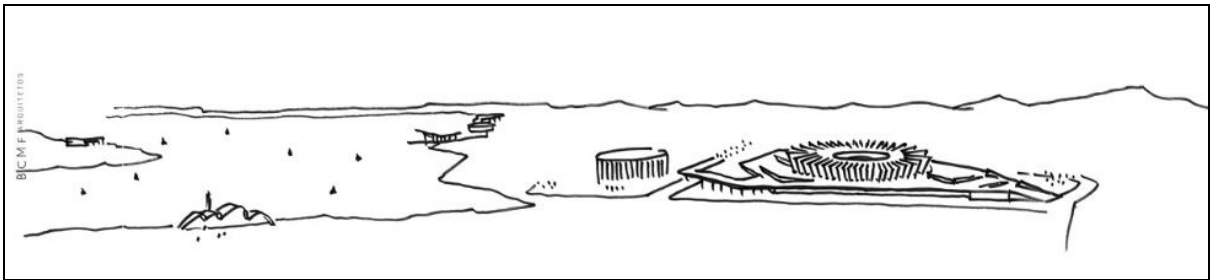


FONTE: Archdaily/BCMF Arquitetos. Disponível em < <https://goo.gl/pRjKPC>> Acesso em 25 Jul 2018.

Mesmo dentro da concepção de gerar um grande plano horizontal na base do objeto do estádio, a esplanada acaba não ocupando toda a área do agencimento externo do Mineirão e também gera desníveis de acordo com a topografia remanescente dos platôs das Fases 1 e 2, alguns deles mantidos no projeto inclusive. A relação da paisagem com a esplanada também é um fato notável, que faz menção à lagoa da Pampulha e elementos do complexo arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer,

próximos ao estádio. Este aspecto foi inserido aqui pelo fato de que atualmente, a esplanada também tem sido utilizada para eventos não relacionados necessariamente ao futebol. Isto também influencia no modo de apropriação e ocupação do equipamento urbano e direciona sua legibilidade junto à população.

FIGURA 37 – Croqui do arquiteto urbanista Bruno Campos ilustrando a relação entre o novo Mineirão e suas propostas de intervenção.



FONTE: BCMF Arquitetos. Disponível em <<https://goo.gl/P4hsfm>> Acesso em 26 Jul 2018.

Em certo momento, é plausível interpretar esta oferta de um novo espaço no agenciamento externo do Mineirão como uma proposta de aproximar mais ainda o equipamento urbano dos usuários, já que é uma área plana e de acesso permitido – exceto quando indicado pela Minas Arena, empresa que administra o Mineirão após o fim do contrato com a ADEMG, antiga administradora do estádio. Isto nos faz refletir em um possível paradoxo, já que a ideia central desta dissertação é afirmar que após a reforma da Fase 3 do Mineirão houve segregação socioespacial. E de fato, embora esta interpretação da esplanada seja plausível, a tese da segregação se sustenta muito mais quando tratamos das intervenções realizadas no interior da edificação, como será visto mais à frente neste mesmo capítulo.

Segundo um dos arquitetos responsáveis pelo projeto Bruno Campos, o objetivo da esplanada é:

[...] minimizar o impacto da inserção da imensa área construída ao redor do estádio, facilitar a acessibilidade por todos os lados e valorizar a presença do Mineirão, um bem tombado pelo Patrimônio Histórico, na paisagem da Pampulha. (CAMPOS, 2016)

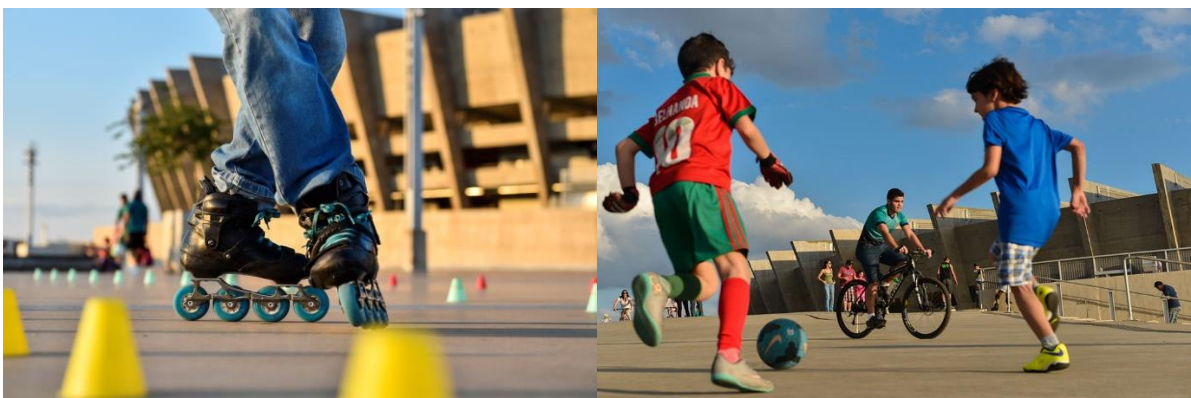
FIGURA 38 – Esplanada do Mineirão sendo utilizada para a realização de evento de música.



FONTE: Acervo Jornal Hoje em Dia. Disponível em < <https://goo.gl/5MQi47>> Acesso em 25 Jul 2018

Além dos shows, pode-se perceber o espaço sendo utilizado para passeios e prática de esportes como patinação sobre rodas, skate e aeromodelismo, por exemplo. Isso permite afirmar que a esplanada propõe também um novo tipo de apropriação do espaço (Figura 38), anteriormente utilizado de forma pragmática na função de estacionamento e circulação, com eventuais desdobramentos em que a configuração do agenciamento externo permitia. A Minas Arena informa que a esplanada está aberta ao público diariamente das 7h às 22h, com restrições apenas em dias de jogos e eventos.

FIGURA 39 – Apropriação do espaço da esplanada do Mineirão por público diverso.



FONTE: Minas Arena. Disponível em <http://estadiomineirao.com.br/esplanada/> Acesso em 25 Jul

Para fechar a análise do agenciamento externo do Mineirão, sugere-se ao leitor uma comparação entre as Figuras 29 e 40, que ilustram respectivamente a situação das áreas de acesso nas Fases 1 e 2 e na Fase 3 do Mineirão, já com a esplanada executada. Isso contribuirá para que a interpretação das informações oferecidas acima seja de fato assimilada.

FIGURA 40 – Vista aérea do Mineirão, agenciamento externo e entorno imediato.



FONTE: Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em <<https://goo.gl/MtGRWR>> Acesso em 25 Jul 2018

Além das intervenções do agenciamento externo, foram realizadas obras no entorno imediato, principalmente nas vias de circulação de veículos e passeios. Embora o traçado original das avenidas Antônio Abrahão Caram, Coronel Oscar Paschoal e Avenida C tenha sido mantido, diversos pontos de confluência de tráfego foram reformulados. Os pisos foram elevados ao nível do passeio em pontos de travessia de pedestres com tonalidade de alerta e os semáforos foram reposicionados. Com isso, a setorização proposta para o *back of house* não se alterou de forma considerável em relação ao projeto original.

Quanto à inserção urbana, o local de implantação do Mineirão apresenta uma particularidade. O equipamento urbano é servido por duas grandes vias de circulação, as Avenidas Presidente Antônio Carlos e Presidente Carlos Luz. Segundo Campos (2016) este fato permitiu que durante décadas as duas maiores

torcidas de clubes da capital pudessem se deslocar por vias separadas para acessar o lugar onde está implantado o estádio. Isso denota um paradoxo interessante se pensarmos que, em função da violência com que as duas massas de usuários torcedores historicamente se trataram, tal aspecto de morfologia urbana foi positivo. Embora considerado – principalmente pela imprensa e pela Polícia Militar de Minas Gerais – um fator positivo, este pesquisador considera este aspecto de ordem negativa, já que isso também sinaliza um fator de segregação socioespacial. Naturalmente, a situação ideal seria que essa mesma massa de usuários torcedores pudesse conviver pacificamente. Entretanto essa é uma questão complexa que não abordaremos aqui de forma aprofundada pois se relaciona muito mais com uma discussão de escala urbana, que não é o foco da dissertação.

O interior do estádio Mineirão teve boa parte da morfologia original reformulada e reconfigurada. Além de criar nova ambientação a nova morfologia pretendia à época seguir as recomendações do Caderno de Engargos da FIFA e determinar novos padrões de ocupação e conforto para os usuários torcedores (FIGURA 42). As novas instalações deveriam atender também às novas Instruções Técnicas do Corpo de Bombeiros/MG e a Lei Geral da Copa, publicada em sua versão final no ano de 2012. O lanço de arquibancadas superior foi mantido e restaurado. Todos os outros sistemas escalonados originalmente executados em concreto armado moldado *in loco* foram demolidos e substituídos por módulos em concreto pré-fabricado.

FIGURA 41 – Aspecto interno do Mineirão e demolição de parte das arquibancadas.



FONTE: Gil Leronardo / SECOM. Disponível em <https://goo.gl/NQL253> Acesso em 08 Ago 2018.



FIGURA 43 – Perspectiva artística ilustrando o novo esquema de arquibancadas do Mineirão.

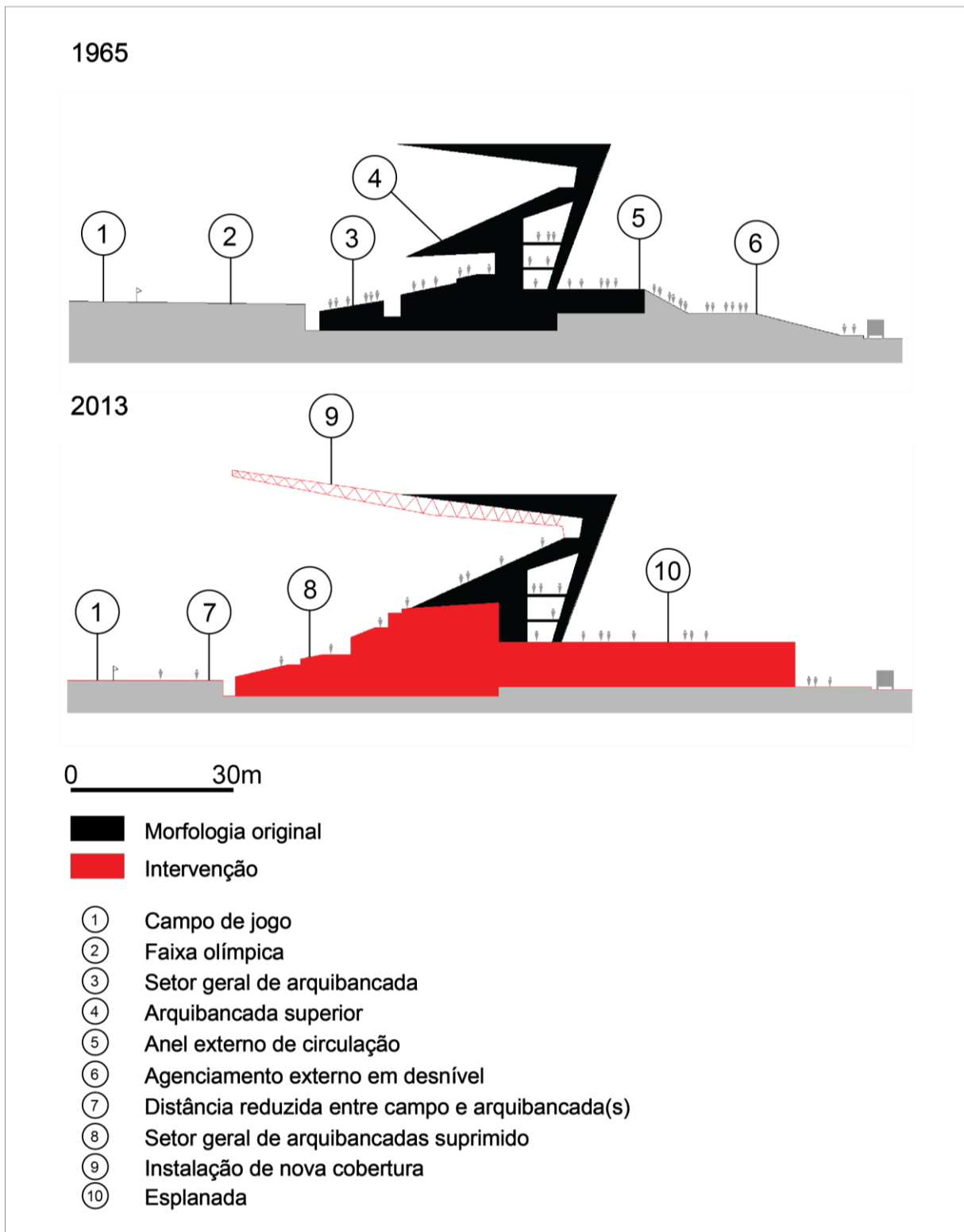


FONTE: BCMF Arquitetos. Disponível em <<https://goo.gl/mo6EsQ>> Acesso em 26 Jul 2018.

Ao vivenciar a nova morfologia, o usuário percebe que de fato a visibilidade do campo foi otimizada, muito em função da proximidade com o campo de jogo ter sido diminuída de 30 para 20 metros. Embora este seja um fator de melhoria na experiência do usuário do estádio, percebe-se aí uma atuação velada – e passivamente aceita pela sociedade – de filtragem e determinação de público do Mineirão. A geometria de poder inerente ao processo de elitização do futebol mostra-se bastante presente nessa intervenção, que a princípio parece pontual e pragmática mas que na realidade revela a agenda descrita por Mascarenhas (2017) e Oliveira (2012) no capítulo 1 desta dissertação.

A Fase 3 contemplou ainda o reforço estrutural da cobertura original e a instalação da cobertura de estrutura em treliça especial e manta tensionada. Isso permitiu que todos os assentos do estádio fossem cobertos.

FIGURA 44 – Cortes esquemáticos da morfologia das arquibancadas



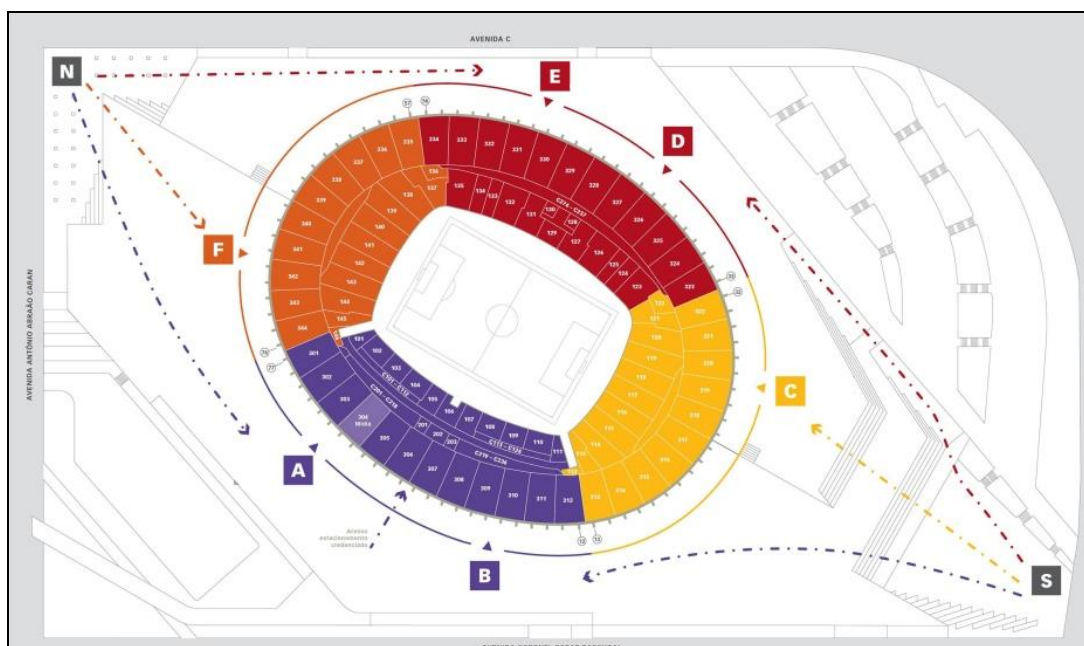
FONTE: Adaptado de BCMF Arquitetos. Disponível em <<https://goo.gl/zXVPWR>> Acesso em: 25 Jul 2018.

### 3.3 A CONSOLIDAÇÃO DA SEGREGAÇÃO PELA MORFOLOGIA

Como citado no início desta dissertação, a arquitetura é capaz de gerar segregação. Isso se mostra claro nessa parte da análise e será ratificado pelo próximo – e último capítulo. Ao adotar a estratégia da modificação completa da morfologia interna do estádio e principalmente ao excluir o setor geral de arquibancadas, geralmente com o valor do direito ao ingresso mais barato, a arquitetura tornou-se inerentemente um agente de segregação socioespacial.

Com isso, os usuários torcedores do equipamento urbano que não possuem potencial financeiro para adquirir os ingressos mais caros foram excluídos. Alia-se a este fator sistêmico a retirada também dos vendedores ambulantes ou das barracas de comida e bebida que ocupavam as margens do anel externo do estádio. De uma forma geral, fica clara a intenção de se elitizar o espaço, ressignificar o lugar e tornar o Mineirão não mais a “casa do povo”. Por povo, entendam-se todas as classes sociais envolvidas no sistema capitalista e integrantes da sociedade brasileira. O futebol então passa a privilegiar um público de poder aquisitivo mais elevado a partir da Fase 3 em claro detrimento às classes menos favorecidas.

FIGURA 45 – Setorização interna do Mineirão, Fase 3.



FONTE: Arquivo Jornal O Tempo. Disponível em <<https://goo.gl/hZ9sBH>> Acesso em 06 Ago 2018.

O setor geral foi durante décadas o lugar no estádio que as camadas mais frágeis da sociedade puderam ocupar, principalmente devido ao valor do direito ao ingresso menos oneroso. Fato interessante é que o setor geral do Mineirão admitia mesmo os usuários das classes mais favorecidas, ratificando claramente o aspecto plural e democrático do espaço. Isso foi excluído da dinâmica do lugar, modificando o perfil e o modo de ocupação. A pluralidade inerente ao processo de apropriação de espaços públicos se perde neste processo de filtragem social e expõe de forma clara os aspectos malignos da estratificação social, consolidado no sistema capitalista para uma grande parcela da sociedade.

A Fase 3 do Mineirão e suas alterações na morfologia ainda geraram a possibilidade de uma inversão na lógica do valor do direito ao ingresso, consolidada nas Fases 1 e 2. Ou seja, nas fases anteriores à reforma para a Copa do Mundo, o direito de ocupar os lugares mais próximos ao campo de jogo era menos oneroso do que os lugares mais altos e conseqüentemente, mais afastados. A partir da Fase 3, o direito ao ingresso nos lugares mais próximos ao campo se consolidou como o mais

orenoso ao usuário, o que nos leva ao capítulo seguinte e as consequências dos aspectos citados anteriormente.

#### 4. A CONSOLIDAÇÃO DA SEGREGAÇÃO PELO VALOR DO INGRESSO

##### 4.1 VALOR DO INGRESSO E POTENCIAL DE CONSUMO NO ESPORTE “MAIS POPULAR”

Neste capítulo procuraremos demonstrar de forma objetiva a relação entre o perfil de ocupação do Mineirão durante as fases elencadas para esta Dissertação e o valor do direito ao ingresso. Levaremos em consideração o evento, ano de realização, valor do salário mínimo vigente e valor dos ingressos, do menor ao maior. Espera-se com isso criar o entendimento de que, além dos aspectos de segregação socioespacial provocados pelas decisões de arquitetura, os agentes externos ao futebol elencados por Oliveira (2012) se mostram nítidos. Em uma analogia à teoria dos Campos de Poder de Bourdieu, as forças dos “donos” do jogo aliadas às forças dos agentes diretos responsáveis pelo jogo, apresentam aqui uma clara intenção de gerar mais receita com o esporte através do estabelecimento de relações de poder.

Resgatando conceitos expostos no capítulo 1 desta dissertação e para contextualizar o argumento acima, Oliveira (2012) nos permite identificar a atuação das forças do capital simbólico do futebol – empresas de difusão e mídia – ao vender um produto de forte apelo elitizado e do capital financeiro – os clubes – ao atuarem não só pelo esporte, mas pela intenção clara de participação mercadológica e geração de altas rendas e lucro.

Essa geração de altas rendas, a movimentação de grandes receitas e conseqüentemente, a otimização do montante financeiro que circula no futebol não seria possível sem a participação ativa da parcela da sociedade que dominam o capital financeiro. E para que isto se consolidasse, a arquitetura contribuiu com a retirada do setor que oferecia o valor menos oneroso do direito ao ingresso, em sua

maioria consumido pela população de menor renda. Concomitantemente, a população de maior renda viu a oportunidade de se inserir numa configuração elitizada do produto futebol e passou a consumi-lo efetivamente através de programas de sócio-torcedor ou adquirindo ingressos de valor mais elevado – se comparados aos das Fases 1 e 2.

Configura-se assim a segregação socioespacial trabalhada ao longo da dissertação. Nesta nova oferta do produto futebol, a parcela que possui menor acesso à renda foi excluída da oportunidade de frequentar o estádio, antes um lugar de referência e com reais possibilidades de ocupação e apropriação.

As tabelas 1, 2 e 3 são uma síntese das informações – disponíveis para consulta nos apêndices (de 1 a 12) desta dissertação – que ilustram a situação comentada acima. Nelas procuramos elencar e tabular os parâmetros que ilustram a segregação através do valor do direito ao ingresso no estádio. É importante ressaltar que embora o Mineirão tenha sido inaugurado no ano de 1965, para efeito de estatística, iremos apresentar dados a partir do ano de 1994, por dois motivos. O primeiro é a moeda do Brasil, que se estabilizou no governo de Itamar Franco, a partir do Plano Real implantado em 1994. Assim não será necessário adicionar ao cálculo fatores de correção de moeda ao longo de quatro décadas. O segundo motivo se baseia no fato de que julgamos o período de tempo elencado suficiente para gerar dados consistentes. Do início da análise até os dias atuais são 24 anos tabulados, exceto o período em que o estádio esteve fechado para as obras de reforma, entre 2010 e 2013.

Os dados para a elaboração das tabelas foram coletados do acervo do Museu do Futebol do Mineirão, administrado pela Minas Arena. São arquivos de fichas de jogos realizados no Mineirão desde a sua inauguração até os dias atuais. A composição das fichas de jogo que serviram de base para a elaboração das tabelas, assim como os dados informados e o meio pelo qual foram elaboradas, se modificaram ao longo do tempo. Naturalmente, as fichas físicas datilografadas até o ano de 2005 foram substituídas por fichas elaboradas via digital. A partir deste ano,

não são informados os valores do direito ao ingresso por setor. Como não tivemos acesso à essa informação, foi necessário pesquisar notícia relacionadas à venda de ingressos através da imprensa e de divulgação dos clubes. As fichas consultadas para a análise que gerou as tabelas 1 e 2 estão disponíveis para consulta física no Museu do Futebol do Mineirão ou pela página da Internet que o museu mantém. Sugere-se ao leitor a análise das tabelas disponibilizadas na seção de Apêndices da Dissertação antes da leitura da tabela 1, que faz um balanço das informações contidas nas tabelas citadas anteriormente.

TABELA 1 – Síntese dos dados tabulados dos apêndices 1 a 12.

ANO	NÚMERO DE JOGOS REALIZADOS	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS ONEROSO (em Reais) - MÉDIA	INGRESSO MENOS ONEROSO (em Reais) - MÉDIA
1994	31	67,39	11,16	2,67
1995	60	85	27,66	2,46
1996	46	106	21,73	4,41
1997	62	110	24,03	4,61
1998	31	115	20,49	4,4
1999	31	117	26,07	3,98
2000	31	143,5	14,35	3,97
2001	44	165,5	13,13	5,29
2002	45	200	16,73	4,15
2003	52	240	20,15	4,02
2004	61	260	20	7,42

FONTE: Elaborado pelo autor.

Os dados contidos na tabela acima nos permitem entender que o valor do direito ao ingresso menos oneroso custava 2,07% do valor do salário mínimo vigente em 1994 e 7,42% em 2004, tendo este último ano apresentado a maior discrepância entre os valores médios. Vale a pena ressaltar que em sua grande maioria, o ingresso menos

oneroso era oferecido no setor geral, às vezes custando um valor simbólico de R\$1,00. Isso denota o caráter popular que este setor do estádio apresentava. Nas oportunidades em que os clubes tinham interesse em que a massa de torcedores comparecessem em peso no estádio afim de apoiar o time nas partidas, eram oferecidas promoções com valores do direito ao ingresso populares e até simbólicos. Segundo Junior et al. (2016), a política de redução de preços e até a adoção da Lei da Meia Entrada, estabelecida em Minas Gerais em 1993, não criam um cenário economicamente positivo para quem está oferecendo o evento. Entretanto, o valor do ganho cultural oferecido à população é inestimável.

Vale lembrar que o período entre 2010 e 2013 em que o Mineirão esteve em obras os clubes de Belo Horizonte sediaram partidas como mandantes no Estádio Arena do Jacaré na cidade de Sete Lagoas, região metropolitana de Belo Horizonte e no Estádio Independência recém reformado. Desta forma, a análise contempla um período significativo de dez anos pré-reforma e o período pós-reforma para a Copa do Mundo de 2014. É importante ressaltar também que o Cruzeiro Esporte Clube ao firmar contrato com a Minas Arena garantiu o direito de realizar partidas como mandante no Mineirão com mais frequência que o Clube Atlético Mineiro e o América Futebol Clube, que realizaram a maioria das suas partidas na Arena Independência no mesmo período. Por este fato, existem mais dados de bilheteria daquele clube que dos citados por último.

TABELA 2 – Relação entre período de realização de partidas e valores do direito ao ingresso no Mineirão.

Período	Valor médio do salário mínimo (em Reais)	Valor médio do ingresso mais oneroso (em Reais)	Valor médio do ingresso menos oneroso (em Reais)
1994 a 2004	160,93	21,50	4,73
2013 aos dias atuais	856,60	152,25	47,70

FONTE: Elaborado pelo autor.

Ainda segundo Junior et al. (2016) a determinação de público em eventos culturais e/ou esportivos pode ser resultado da elevação do valor do direito ao ingresso,

impactando diretamente no valor da meia entrada. O período elencado entre 1994 e 2004 mostra claramente a intenção de ocupar o estádio, tendo a setorização como único critério de segregação de público. O desdobramento das informações das tabelas e principalmente dos períodos pós reforma, indica que o valor do ingresso sofreu um incremento considerável. Aliado à modificação na morfologia, com o fim do setor onde eram oferecidos os valores menos onerosos do direito ao ingresso, percebemos que a segregação socioespacial se estabelece também pela filtragem econômica.

TABELA 3 – Variação dos valores do direito ao ingresso, por períodos.

Período	Valor médio do salário mínimo (em Reais)	Porcentagem do salário do ingresso mais oneroso	Porcentagem do salário do ingresso menos oneroso
1994 a 2004	160,93	13%	2,93%
2013 aos dias atuais	856,60	17,7%	5,54%

FONTE: Elaborado pelo autor.

A tabela acima indica que o valor médio do direito ao ingresso no Mineirão no período pós reforma sofreu incremento. A variação entre os períodos em relação à própria variação do salário mínimo indica que para ir ao estádio, o usuário torcedor deve pagar valores mais onerosos do que antes. Ao sofrer incremento no valor do direito ao ingresso, o filtro econômico age de forma objetiva impedindo o perfil de público de menor renda tenha acesso aos jogos no estádio.

## CONCLUSÃO

Vimos no início deste trabalho que a segregação socioespacial é um efeito de separação e filtragem de perfil de público que atua em espaços de espetáculo desde a Antiguidade Clássica. Neste período, a setorização das arenas épicas distinguia e segregava o público a partir do prestígio social, tendo a lógica da distância do nível da arena como o critério. Na contemporaneidade, a segregação socioespacial se mostra inerente ao sistema capitalista, onde classes sociais disputam espaço e direito de apropriação de lugares. É um aspecto presente na dinâmica de uma cidade e estabelece parâmetros da vitalidade de um lugar.

A arquitetura do futebol apresenta tais aspectos ao longo da sua história, iniciada na Inglaterra no século XIX e consolidada no século XX. Os primeiros estádios de futebol na Inglaterra a princípio não apresentavam distinção de perfil de público. À medida que o esporte se popularizou entre a elite, houve a necessidade do estabelecimento de regras e da concepção de infraestruturas mais bem preparadas para receber tanto atletas quanto espectadores. A arquitetura dos estádios teve incremento em sua dimensão tecnológica, com desdobramentos importantes na dimensão simbólica desta tipologia.

No Brasil, embora o futebol já fosse praticado em clubes de imigrantes a consolidação do esporte esteve mais ligada à prática popular, na virada do século XIX para o século XX. Este fato coincide com o período da abolição da escravatura, reformas urbanas e a concepção de cidades planejadas como Belo Horizonte, por exemplo. Todo este cenário permitiu que os entusiastas praticassem o futebol em vazios urbanos de forma informal e desprezenciosa. Com a aceitação do esporte em praticamente todas as classes sociais, houve a necessidade de edificações de dimensão funcional voltadas especificamente para futebol já no início do século XX. Dadas as regras e demanda de infraestrutura relativamente simples para a prática do futebol, houve na primeira metade de século XX um intenso interesse político em consolidar o futebol como um manifesto popular, representativo dos povos e das nações. Na Europa, isso ficou claro com a política fascista de Benito Mussolini e no Brasil com o Estado Novo de Getúlio Vargas. Os estádios foram concebidos e replicados ao longo dos territórios. Este período contribuiu para que o estádio de futebol se tornasse a casa do povo, um local de representatividade e legibilidade. O equipamento urbano do futebol se tornou referência e passou a receber públicos de diversas classes sociais, mesmo com a setorização e a distinção do valor do direito ao ingresso.

Em Belo Horizonte, as décadas de 1950 e 1960 tiveram exemplos desse forte interesse político em viabilizar a construção de estádios de futebol, em um primeiro

momento com o Estádio Independência e em um segundo momento com o Mineirão, inaugurados em 1950 e 1965, respectivamente.

Episódios trágicos envolvendo vítimas fatais durante a década de 1980 e 1990 em estádios de futebol geraram um sentimento de responsabilidade do poder público. Isso criou condições para que mudanças no gerenciamento do esporte criassem o fenômeno que esta dissertação – e autores ligados à literatura do futebol – trata como a espetacularização do esporte. Inicia-se assim um intenso movimento de filtragem social afim de afastar camadas economicamente vulneráveis da vivência do estádio. O principal argumento consistia na participação dos *Hooligans* em diversos episódios com desdobramentos violentos na Europa, tendo a violência como principal pretexto.

A arquitetura teve sua contribuição e se mostrou também um agente de segregação socioespacial ao adotar parâmetros físicos determinados por governos e pela FIFA com o pretexto da melhoria da segurança e conforto para os usuários dos estádios de futebol. Assim a configuração física dos estádios passou a ser um agente de determinação de acesso do público ao evento. O movimento iniciado na Inglaterra a partir do Relatório Taylor se estendeu à todos os países que praticavam o futebol de forma profissional e sob a as normas da FIFA.

Com isso, o futebol se tornou oneroso ao usuário que apresenta menor poder de consumo e ressignificou o equipamento urbano do estádio. A casa do povo deixou de ser um espaço de apropriação plural e passou a privilegiar camadas de maior poder aquisitivo da sociedade. O futebol se estabeleceu como um esporte globalizado, com geração de rendas milionárias. Assim os clubes passaram a gerenciar o futebol a partir da lógica do capital, tendo o lucro como meta. Na contemporaneidade, as rendas geradas pelas bilheterias é a quinta fonte de receita dos clubes de futebol no Brasil, denotando claramente que o torcedor já não é mais um elemento importante como foi em períodos passados.

Além da atuação da FIFA neste sentido, há de se mencionar também a atuação dos diversos tipos de capital envolvidos no futebol, caracterizados pelos veículos de

mídia, pelos clubes, atletas, árbitros, federações e pela própria sociedade, que aceitou passivamente a transição do futebol de um esporte popular para um esporte de clara intenção elitizada. A consolidação do poder desses tipos de capital determinou mudanças profundas no caráter popular do futebol.

Todo este movimento permitiu que a segregação socioespacial atingisse também a morfologia dos estádios de futebol. A partir de recomendações da FIFA – entre outros aspectos, os estádios mais importantes habilitados a sediar partidas de eventos como a Copa do Mundo passaram por modificações significativas. No Brasil, o setor geral foi eliminado de todos os estádios reformados para o evento de 2014. A própria lógica da setorização se inverteu no estádio: setores mais onerosos se afastaram do campo de jogo na nova morfologia das arquibancadas. Aliado ao poder de filtragem que o valor do direito ao ingresso pode gerar, estabeleceu-se a segregação socioespacial no Mineirão pós 2014.

As tabelas apresentadas neste trabalho indicam que, embora setorizado, o Mineirão oferecia a possibilidade de camadas de menor poder de consumo se apropriar do setor geral e desfrutar do mesmo evento que o usuário que consumia o ingresso em sua configuração mais onerosa. Após a reforma do estádio para sediar as partidas da Copa da Confederações em 2013 e da Copa do Mundo em 2014, estabeleceu-se uma filtragem de perfil de público. A partir da decisão da retirada do setor geral, o valor do direito ao ingresso sofreu incremento, excluindo a parcela da população mais vulnerável economicamente da dinâmica do estádio. Esta é a segregação socioespacial caracterizada nesta dissertação, aplicada no espaço destinado à prática do futebol com maior representatividade em Belo Horizonte.

Ao ser questionado sobre o projeto que apresentara para o concurso de projeto do Maracanã no ano de 1947, Oscar Niemeyer admitiu que seu projeto era pior do que o vencedor. O arquiteto concebeu arquibancadas somente de um dos lados do campo de jogo. Segundo o próprio Niemeyer, em entrevista concedida no ano de 2004, um estádio deve ter dois lados de arquibancadas, para que uma massa de

torcedores possa ver a massa adversária no intuito de enaltecer o caráter de competitividade do futebol e da alegria do evento.

Entendemos que faz parte da mesma dinâmica a possibilidade da sociedade ser representada em todas as suas classes sociais em eventos e espaços ligados ao esporte, principalmente o futebol, que apresentou forte apelo popular ao longo da sua história. Isso denota o caráter sadio e tolerante que uma sociedade pode assumir. Por todos os aspectos tratados neste trabalho, chega-se à conclusão de que isso não acontece mais no Mineirão. O estádio, antes referência de todas as classes, se tornou um espaço majoritariamente apropriado por classes sociais com maior acesso à renda e poder de consumo. Isso ocorre em claro detrimento às classes sociais mais vulneráveis, que não tem mais acesso à este bem cultural valioso.

O Mineirão não é mais a casa do povo.

## REFERÊNCIAS

ALOIA, Andrew. **Premier League: 11 of 20 clubs could have made profits in 2016-17 without fans at games.** Disponível em <<https://www.bbc.com/sport/football/44850888>> Acesso em 15 Ago 2018.

AMARAL, Gustavo Garcia do. **O estádio contemporâneo: uma arquitetura regeneradora de seu tecido urbano.** Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 198p., 2013.

ARAÚJO, Guyanne. **Com 176 amortecedores, Mineirão vai balançar menos após reforma.** Uol Esporte, 2011. Disponível em <<https://goo.gl/LDisP4>> Acesso 24 Jul 2018.

ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles. **O Temp(l)o das Geraes. Uma nova ordem do futebol brasileiro.** Montes Claros: Unimontes, 2005.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Linguagem e arquitetura: o problema do conceito. **Interpretar Arquitetura**, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual.** Buenos Aires: Motressor, 2002.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BROMBILLA, Douglas de Castro. **Evacuação emergencial em locais de reunião de público: caso de estádios de futebol brasileiros.** Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.257, 2014.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo.** Ed. 34, São Paulo, 2000.

CAMPOS, Bruno. **Entrevista concedida à Galeria da Arquitetura, com texto de Taís Mello.** Disponível em <[https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/bcmf-arquitetos\\_novo-mineirao/205](https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/bcmf-arquitetos_novo-mineirao/205)> Acesso em 30 Jul 2018.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **As formas de uso e apropriação do Mineirão após a reforma.** Tese (Doutorado) Universidade Federal de Campinas, Campinas, 313p, 2016.

DA CRUZ SANTOS, Irlan Simões. **O público dos estádios: marcos históricos da atual elitização e arenização do futebol brasileiro.** XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa, 2014.

DARN, Telma. **Reflexões sobre o território do futebol e a Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil.** Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 219p, 2011.

EBLING, João Carlos Souto. **O preço da elitização do futebol brasileiro.** Monografia (Graduação) Centro Universitário de Brasília, Brasília, 76p, 2016.

FIFA, Fédération Internationale de Football Association. **Football stadiums, technical recommendations and requirements.** 4 ed. Zurich, 2007.

FRATTARI, Najla Franco. Insegurança e medo no mundo contemporâneo: uma leitura de Zygmunt Bauman. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 11, n.2, Jul/Dez 2008. Rio de Janeiro, 2008.

FREITAS, Simone Aparecida et al. Fenomenologia da percepção segundo Maurice Merleau-Ponty. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, v. 23, 2014.

GERHART, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. UAB/UFGRS. Porto Alegre: Ed. UFGRS, 2009.

GUSTAVO, Michel. **Pra frente, Brasil**. Rio de Janeiro: Discos Copacabana, 1970.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil. Uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2014.

HOLANDA, Frederico de. **O espaço de exceção**. Ed. FRBH, Brasília, 2018.

JUNIOR, Wink et al. Os efeitos da criação de leis de meia entrada para estudantes sobre o consumo de bens e serviços culturais no Brasil. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 46, n. 4, p. 745-781, 2016.

KALIL, Alexandre. Entrevista concedida a Pedro Antonio de Freitas Brito. 15 mar. 2018. Transcrição disponível no Apêndice X.

KOVARICK, Lúcio. **Viver em risco. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. Ed. 34, São Paulo, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011.

LUEDTKE, Brandon. Playing fields and battlefields: the football pitch, England and the First World War. **Britain and the world**. Edinburgh: Edinburgh University Press, p. 96-115, 2012

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MALARD, Maria Lucia. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, Jan./Dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Do campinho ao grande estádio: lugares e expressões na cultura do futebol. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 57-68, 2007.

\_\_\_\_\_. Encontros e desencontros da cidade: a reinvenção do estádio de futebol. **Futebol, linguagem, arte e lazer. Vol II**. Rio de Janeiro: Ed. Jaguatirica, 2017.

MARTINS, Tião. **Mineirão**. Belo Horizonte: Conceito, 2014.

MARTINEZ, Dolores; MUKHARJI, Projit B.. **Football: from England to the World**. Nova Iorque: Routledge, 2013.

MICHAELIS. **Dicionário da língua portuguesa online**, 2018. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/segrega%C3%A7%C3%A3o/> Acesso em: 28 Jan 2018.

MINAS GERAIS. **Descrição do complexo do Mineirão e da região onde está inserido**. 2010. Disponível em <[http://www.compras.mg.gov.br/images/stories/ArquivosLicitacoes/PPP\\_mineirao/20100614-Anexo\\_IX-Descricao\\_do\\_Complexo\\_do\\_Mineirao.pdf](http://www.compras.mg.gov.br/images/stories/ArquivosLicitacoes/PPP_mineirao/20100614-Anexo_IX-Descricao_do_Complexo_do_Mineirao.pdf)> Acesso em: 26 Jul 2018.

MONTEIRO, Adriana Roseno; DE REZENDE VERAS, Antonio Tolrino. A questão habitacional no Brasil. **Mercator**, v. 16, 2017.

NASCIMENTO, Denise Morado. **A Arquitetura como Procedimento e o Diagrama como Seu Instrumento de Projeto**. 2011. Disponível em: [http://praxis.arq.ufmg.br/textos/morado\\_projetar.pdf](http://praxis.arq.ufmg.br/textos/morado_projetar.pdf) Acesso em 13 Mar. 2018.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **A construção de sentido na arquitetura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

NOLASCO, Carlos. Jogando com o risco. Breve abordagem à violência nos eventos desportivos. **Observatório do Risco**, 2016. Disponível em <[http://www.ces.uc.pt/osiris/media/OSIRIS\\_Texto%20DESPORTO%20RISCO\\_Carlos\\_Nolasc o.pdf](http://www.ces.uc.pt/osiris/media/OSIRIS_Texto%20DESPORTO%20RISCO_Carlos_Nolasc o.pdf)> Acesso em: 20 Jan. 2018.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **Revista brasileira de futebol e futsal**. São Paulo, v.4, n.13, p.170-174, set-out. 2012.

OLIVEIRA, Nelma Gusmão de. **O poder dos jogos e os jogos do poder: os interesses em campo na produção da cidade para o espetáculo esportivo**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 309p. 2012.

PLATNER. Samuel Ball. **A topographical dictionary of Ancient Rome**. Londres: Oxford, 1929. Disponível em: <[http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Places/Europe/Italy/Lazio/Roma/Rome/\\_Texts/PLATOP\\*/Amphitheatrum\\_Flavium.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Places/Europe/Italy/Lazio/Roma/Rome/_Texts/PLATOP*/Amphitheatrum_Flavium.html)> Acesso em 06 nov. 2017.

PRÊTA, Lucas Catta. **Reinaugurado, Independência tem “novos” problemas de visibilidade**. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/mg/noticia/2012/04/torcedores-reclamam-de-visibilidade-prejudicada-no-novo-independencia.html> Acesso em 26 jun. 2018.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REIS, Thiago. Entrevista concedida a Pedro Antonio de Freitas Brito. Belo Horizonte, 16 Mar. 2018. Transcrição disponível no Apêndice X.

RICHARDSON, William. Identifying the cultural causes of disasters: An analysis of the Hillsborough football stadium disaster. **Journal of Contingencies and Crisis Management**, v. 1, n. 1, p. 27-35, 1993.

SANTOS, André Carazza dos. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. **Efdeportes Revista Digital**. Buenos Aires, n. 87, p.1-1, 2005.

SHEARD, Rod. **The Stadium: architecture for a new global culture**. Singapore: Periplus, 2004.

SOMMOGI, Amir. **Finanças dos clubes brasileiros em 2016**. LinkedIn, 2017. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/AmirSomoggi/finanas-dos-clubes-brasileiros-em-2016-maio-de-2017-amir-somoggi>>. Acesso em 20 Fev. 2018.

SOUZA, Lucas. Os primeiros campos. **Campos Invisíveis**, 2017. Disponível em: <<http://camposinvisiveis.com/primeiros.html>>. Acesso em: 20 jan 2017.

TEIXEIRA, Rogério Othon; SILVA, Silvio Ricardo da; SOUZA NETO, Georgino Jorge; Soutto Mayor. O football precipitando a vida: os primeiros anos do esporte bretão em Belo Horizonte (1904-1933). **Licere** - Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online, v. 17, p. 1-23, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/354>>. Acesso em 18 fev. 2018.

VIEIRA, Alexandre Bergamin; MELAZZO, Everaldo Santos. Introdução ao conceito de segregação socioespacial. **Formação**, v. 1, n. 10, 2003.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio. O futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## ANEXOS

## ANEXO 1 – Exemplo de ficha de jogo elaborada pela ADEMG, 1994.

(24)

Jogo - Cruzeiro 1 x 1 Atlético 17:00 hs, 01/05/94

Motivo- Campeonato Mineiro/94

Público- 32.060 - Renda CR\$ 208.791.500,00 (g 4.000, /a 7.000, /cs 15.000,  
Piso Salarial CR\$

Juiz- Lincoln Afonso Borjaile Bicalho

Auxs- Marco Antônio de Souza Machado e Marco Antônio Gomes

Juiz- Reserva- Aguiner Faria Mozzer e Antônio Gomes de Oliveira

Gols- Gaúcho 31'1º para o Atlético. Cleison 08'2º para o Cruzeiro

Cruzeiro- Dida; Paulo Roberto, Célio Lúcio, Luizinho e Nonato; Ademir,  
Toninho Cerezo e Cleison; Macalé, Ronaldo e Roberto Gaúcho  
(Catê 36'2º).

Téc. Enio Andrade

Atlético- Huberto; Luiz C. Wink, Adilson, Kanapkis e Paulo Roberto;  
Eder Lopes, Darci e Zé Carlos; Renato Gaúcho, Gaúcho (Clay-  
ton 34'2º) e Eder Aleixo (Reinaldo 20'2º).

Téc. Valdir Espinosa

2380

FONTE: Acervo Museu do Futebol do Mineirão, Minas Arena. Disponível em  
<[http://estadiomineirao.com.br/wp-content/uploads/2016/07/1994\\_24.jpg](http://estadiomineirao.com.br/wp-content/uploads/2016/07/1994_24.jpg)> Acesso  
em 06 Ago 2018.

ANEXO 2 – Exemplo de ficha de jogo elaborada pela ADEMG, 1997.

Jogo = Cruzeiro 1 x 0 Sporting Cristal 21h30 hs. 13/08/97<sup>(50)</sup>  
 Motivo: Final da Taça Libertadores/97  
 Público: 95.152 = Renda: R\$888.072,50 (G 5,00/A 10,00/CS 20,00/CE 30,00  
 Piso salarial R\$120,00  
 Jui: Javier Castrilli (Argentina)  
 Aux: Luis Olivetto e Seraldo Bertone (Arg.)  
 Reserva: Oscar Roberto de Godol (SP)  
 Gol: Elivelton 29'20 para o Cruzeiro.  
 Cruzeiro: Dida; Vitor, Celso Baresi, Wilson Gottardo e Renato;  
 Fabinho, Ricardinho (Da Silva 26'20), Paiminha e Donizete;  
 Marcelo e Elivelton.  
 Téc. Paulo Artuosi  
 Cristal: Ballerio; Solano, Asteggiano, Mbrenço e Torres (Serrano  
 36'20); Gary, Soto, Rivera e Amado (Camacho 11'20);  
 Julinho e Bonnet.  
 Téc. Sérgio Markarian  
 NOTA: CRUZEIRO BI CAMPEÃO DA LIBERTADORES  
 2569

FONTE: Acervo Museu do Futebol do Mineirão, Minas Arena. Disponível em  
 <[http://estadiomineirao.com.br/wp-content/uploads/2016/07/1997\\_50.jpg](http://estadiomineirao.com.br/wp-content/uploads/2016/07/1997_50.jpg)> Acesso  
 em 06 Ago 2018.

## ANEXO 2 – Exemplo de ficha de jogo elaborada pela Minas Arena, 2013.

<b>FICHA DE JOGOS NO MINEIRÃO</b>						
<b>JOGO:CLUBE ATLÉTICO MINEIRO (4) 2X 0 (3) CLUB OLIMPIA</b> <b>DATA:24/07/2013HORÁRIO:21h50</b> <b>MOTIVO: COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA</b> <b>ÁRBITRO: WILMAR ROLDAN (COL)</b> <b>ASSISTENTE 1: HUMBERTO CLAVIJO(COL)</b> <b>ASSISTENTE 2: EDUARDO RUIZ(COL)</b>						
<b>GOLS</b>						
<b>TIME: ATLÉTICO</b> <b>1º TEMPO: -</b> <b>2º TEMPO: 1 min (07- JÔ) / 42 min (03- LEONARDO SILVA)</b> <b>PÊNALTIS: ALECSANDRO, GUILHERME, JÔ E LEONARDO SILVA</b>			<b>TIME:OLIMPIA</b> <b>1º TEMPO: -</b> <b>2º TEMPO: -</b> <b>PÊNALTIS: FERREYRA, CANDIA E ARANDA</b>			
<b>CLUBES</b>	<b>ATLÉTICO</b>	<b>SUBSTITUIÇÕES</b>	<b>OLIMPIA</b>	<b>SUBSTITUIÇÕES</b>		
<b>T I T U L A R E S</b>	D1 VICTOR		D1 MARTIN SILVA			
	29 MICHEL	19-ALECSANDRO (27min2ºT)	19 CANDIA			
	03 LEONARDO SILVA		05 MANZUR			
	04 RÉVER		15 MIRANDA			
	06 JÚNIOR CÉSAR		24 MAZACOTTE			
	05 PIERRE	18-ROSINEI (INT)	17 BENITEZ			
	28 JOSUÉ		08 PITTONI			
	10 RONALDINHO		14 ARANDA			
	09 DIEGO TARDELLI	17-GUILHERME (34min2ºT)	03 ALEJANDRO SILVA	04-GIMENEZ (25min2ºT)		
	11 BERNARD		10 SALGUEIRO	23-BAEZ (37min2ºT)		
07 JÔ		16 BAREIRO	09-FERREYRA (INT)			
<b>R E S E R V A S</b>	12 GIOVANI		25 HERMOSILLA			
	08 LEANDRO DONIZETE		13 PAREDES			
	15 GILBERTO SILVA		06 MEZA			
	18 ROSINEI		23 BAEZ			
	19 ALECSANDRO		04 GIMENEZ			
	27 LUAN		09 FERREYRA			
17 GUILHERME		11 CASTARINO				
TÉCNICO:CUCA			TÉCNICO:EVER ALMEIDA			
<b>ANORMALIDADES: EXPULSÃO: 30min 2ºT: 05- MANZUR (OLIMPIA)</b> <b>PÚBLICO PRESENTE: 58.820      PÚBLICO PAGANTE: 58.557      RENDA: R\$ 14.178.146,00</b>						

FONTE: Acervo Museu do Futebol do Mineirão, Minas Arena. Disponível em <[http://estadiomineirao.com.br/wp-content/uploads/2016/07/14-\\_24-07-13-\\_Atl%C3%A9tico\\_\(4\)\\_2\\_X\\_0\\_\(3\)\\_Olimpia.pdf](http://estadiomineirao.com.br/wp-content/uploads/2016/07/14-_24-07-13-_Atl%C3%A9tico_(4)_2_X_0_(3)_Olimpia.pdf)> Acesso em 06 Ago 2018.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 1994;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Copa do Brasil Atlético x Vasco da Gama	1994	67,39	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Portuguesa	1994	67,39	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Santos	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Paysandu	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vasco da Gama	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Vitória	1994	67,39	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Botafogo	1994	67,39	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Bahia	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Remo	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x São Paulo	1994	67,39	10,00 CE	2,00 GE
Supercopa Cruzeiro x Olimpia (PAR)	1994	67,39	PREÇO ÚNICO 5,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Guarani	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Criciúma	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x União São João	1994	67,39	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vitória	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Supercopa Cruzeiro x Estudiantes (ARG)	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Bragantino	1994	67,39	10,00 CE	2,00 GE

Supercopa Cruzeiro x Independiente (ARG)	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Náutico	1994	67,39	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Cruzeiro	1994	67,39	15,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x União São João	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Náutico	1994	67,39	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Bragantino	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Náutico	1994	67,39	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Remo	1994	67,39	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Vitória	1994	67,39	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Náutico	1994	67,39	PREÇO ÚNICO 6,00	
Campeonato Brasileiro Atlético x Criciúma	1994	67,39	15,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Atlético	1994	67,39	10,00 CS	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Botafogo	1994	67,39	15,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Corinthians	1994	67,39	20,00 CE	3,00 GE

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 2 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 1995;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Campeonato Mineiro Atlético x Mamoré	1995	85	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Tupi	1995	85	10,00 CE	3,00 GE
Amistoso Atlético x Flamengo	1995	85	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x URT	1995	85	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Rio Branco	1995	85	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Caldense	1995	85	10,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Uberlândia	1995	85	15,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro América x Atlético	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Copa Master Cruzeiro x Olimpia (PAR)	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Copa do Brasil Atlético x Sport	1995	85	15,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x América	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Valeriodoce	1995	85	15,00 CE	4,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Criciúma	1995	85	10,00 CE	3,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x CSA	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x URT	1995	85	PREÇO ÚNICO 5,00	
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Democrata	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Rio Branco	1995	85	15,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Democrata	1995	85	20,00 CE	4,00 GE

Campeonato Mineiro Atlético x Democrata	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Bahia	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Copa do Brasil Atlético x Vitória	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Uberlândia	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x América	1995	85	25,00 CE	4,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Flamengo	1995	85	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Cruzeiro	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Atlético x Vasco da Gama	1995	85	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Mamoré	1995	85	20,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Democrata	1995	85	15,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	1995	85	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Corinthians	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Portuguesa	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Sport	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Santos	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vitória	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Supercopa Cruzeiro x Colo Colo (CHI)	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Amistoso Brasil x Romênia	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Inter	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Botafogo	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Guarani	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Fluminense	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Cruzeiro	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vasco da Gama	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro	1995	85	20,00 CE	5,00 GE

Atlético x Guarani				
Campeonato Brasileiro Atlético x Bragantino	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Supercopa Cruzeiro x São Paulo	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Goiás	1995	85	10,00 AR/CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Palmeiras	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x São Paulo	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x União São João	1995	85	PREÇO ÚNICO 5,00	
Copa Conmebol Atlético x Mineros (BOL)	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Flamengo	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Grêmio	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Flamengo	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Criciúma	1995	85	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Paysandu	1995	85	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Bahia	1995	85	PREÇO ÚNICO 5,00	
Copa Conmebol Atlético x America Cali (COL)	1995	85	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Botafogo	1995	85	25,00 CE	5,00 GE
Copa Conmebol Atlético x Rosario Central (ARG)	1995	85	25,00 CE	5,00 GE

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 3 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 1996;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	1996	106	25,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Flamengo	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x América	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x URT	1996	106	10,00 CE	3,00 GE
Copa Brasil Cruzeiro x Palmeiras	1996	106	30,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Uberlândia	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Cruzeiro	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	1996	106	30,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Vila Nova	1996	106	10,00 CE	5 CE
Campeonato Mineiro América x Atlético	1996	106	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	1996	106	30,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x América	1996	106	25,00 CE	4,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Caldense	1996	106	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x América	1996	106	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Corinthians	1996	106	30,00 CE	10,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético x Paraná Clube	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vitória	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Flamengo	1996	106	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Inter	1996	106	20,00 CE	5,00 GE

Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Juventude	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Goiás	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Bragantino	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Portuguesa	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Palmeiras	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Fluminense	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Criciúma	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Palmeiras	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Bahia	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Supercopa Cruzeiro x Nacional (URU)	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Grêmio	1996	106	20,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Guarani	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x São Paulo	1996	106	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Bragantino	1996	106	20,00 CE	3,00 GE
Supercopa Cruzeiro x Boca Juniors (ARG)	1996	106	20,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Botafogo	1996	106	25,00 CE	5,00 GE
Supercopa Cruzeiro x Colo Colo (CHI)	1996	106	20,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Atlético	1996	106	30,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Vasco da Gama	1996	106	25,00 CE	10,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Coritiba	1996	106	PREÇO ÚNICO 10,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Sport	1996	106	20,00 CE	3,00 GE

Supercopa Cruzeiro x V. Sarsfield (ARG)	1996	106	30,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Atlético-PR	1996	106	25,00 CE	10,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Santos	1996	106	20,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Atlético-PR	1996	106	30,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Portuguesa	1996	106	15,00 CE	3,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Portuguesa	1996	106	30,00 CE	5,00 GE

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 4 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 1997;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Copa do Brasil Cruzeiro x Grêmio	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Vila Nova	1997	110	20,00 CE	5,00 GE/AR
Amistoso Atlético x Defensor (URU)	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x América	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Social	1997	110	10,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Vila Nova	1997	110	10,00 CE	5 CE
Campeonato Mineiro América x Atlético	1997	110	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Copa Libertadores Cruzeiro x Alianza (PER)	1997	110	15,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Atlético x Remo	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Democrata	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Santa Cruz	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Mamoré	1997	110	10,00 CE	5 CE
Campeonato Mineiro Atlético x Uberlândia	1997	110	10,00 CE	5 CE
Copa do Brasil Atlético x Corinthians	1997	110	30,00 CE	5,00 GE
Copa Libertadores Cruzeiro x Sporting Cristal (PER)	1997	110	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Caldense	1997	110	10,00 CE	5,00 GE

Campeonato Mineiro Cruzeiro x América	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Valeriodoce	1997	110	PREÇO ÚNICO 5,00	
Campeonato Mineiro Atlético x Vila Nova	1997	110	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Montes Claros	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Atlético	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Democrata	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Mamoné	1997	110	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	1997	110	25,00 CE	5,00 GE
Copa Libertadores Cruzeiro x El Nacional (EQU)	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Montes Claros	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Vila Nova	1997	110	10,00 CE	3,00 GE
Copa Libertadores Cruzeiro x Grêmio	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Cruzeiro	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Vila Nova	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x América	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Guarani	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Palmeiras	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Inter	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x São Paulo	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Cruzeiro	1997	110	25,00 CE	5,00 GE
Copa Libertadores Cruzeiro x Colo Colo (CHI)	1997	110	25,00 CE	5,00 GE
Copa Centenário Atlético x Milan (ITA)	1997	110	20,00 AR	5,00 GE

Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Atlético	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Copa Centenário Cruzeiro x Benfica (POR)	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Centenário Flamengo x Olimpia (PAR)	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Centenário América x Atlético	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Centenário Corinthians x Milan (ITA)	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Centenário Flamengo x Benfica (POR)	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Centenário Cruzeiro x Olimpia (PAR)	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Centenário Atlético x Corinthians	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Centenário Cruzeiro x Flamengo	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Centenário Atlético x Cruzeiro	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Centenário Benfica (POR) x Olimpia (PAR)	1997	110	20,00 AR	5,00 GE
Copa Libertadores Cruzeiro x Sporting (PER)	1997	110	30,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Flamengo	1997	110	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Juventude	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Criciúma	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Sport	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Bahia	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Bragantino	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Portuguesa	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Santos	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Paraná	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x União São João	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Fluminense	1997	110	20,00 CE	5,00 GE

Campeonato Brasileiro Atlético x Portuguesa	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Supercopa Cruzeiro x Independiente (ARG)	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Coritiba	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Goiás	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vasco da Gama	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Grêmio	1997	110	25,00 CE	5,00 GE
Supercopa Cruzeiro x Colo Colo (CHI)	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Copa Conmebol Atlético x América (COL)	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Corinthians	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Supercopa Cruzeiro x Boca Juniors (ARG)	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x América (RN)	1997	110	25,00 CE	5,00 GE
Copa Conmebol Atlético x Universitario (PER)	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Botafogo	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Vitória	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Santos	1997	110	30,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Palmeiras	1997	110	30,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Internacional	1997	110	20,00 CE	5,00 GE
Copa Conmebol Atlético x Lanús (ARG)	1997	110	20,00 CE	5,00 GE

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 5 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 1998;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Guarani (DIV)	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Atlético x Avaí	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x América	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Atlético x Alvorada	1998	115	10,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Ipiranga	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	1998	115	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Atlético	1998	115	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Valeriodoce	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Nacional	1998	115	10,00 CE	5,00 GE/AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Vila Nova	1998	115	10,00 CE	5,00 GE/AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Caldense	1998	115	10,00 CE	5,00 GE/AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Mamoré	1998	115	10,00 CE	5 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Uberlândia	1998	115	10,00 CE	5 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Corinthians	1998	115	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Guarani (DIV)	1998	115	20,00 CE	5 GE
Copa do Brasil Atlético x Paraná Clube	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Social	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Ipiranga	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Vasco da Gama	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Vitória	1998	115	20,00 CE	3,00 GE

Campeonato Mineiro Atlético x Caldense	1998	115	20,00 CE	5 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Democrata	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Atlético	1998	115	20,00 CE	3,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Vasco da Gama	1998	115	20,00 CE	3,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x América	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Palmeiras	1998	115	30,00 CE	3,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Vila Nova	1998	115	10,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	1998	115	30,00 CE	5,00 GE
Copa Conmebol Atlético x Cerro Corá (PAR)	1998	115	20,00 AR	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	1998	115	25,00 CE	5,00 GE
Copa Centenário Atlético x Cruzeiro	1998	115	20,00 AR	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Guarani	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Santos	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Copa Conmebol Atlético x J. Wilsterman (BOL)	1998	115	20,00 AR	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Ponte Preta	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Corinthians	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x América (RN)	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Copa Conmebol Cruzeiro x São Paulo	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Bragantino	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Portuguesa	1998	115	10,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vitória	1998	115	10,00 CE	5,00 GE

Campeonato Brasileiro Atlético x São Paulo	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Flamengo	1998	115	10,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Atlético PR	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Vasco da Gama	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Coritiba	1998	115	10,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Atlético PR	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x América	1998	115	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Botafogo	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Inter	1998	115	30,00 CE	5,00 GE
Copa Mercosul Cruzeiro x Colo Colo (CHI)	1998	115	PREÇO ÚNICO 5,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Grêmio	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Goiás	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Palmeiras	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Sport	1998	115	25,00 CE	5,00 GE
Copa Mercosul Cruzeiro x River Plate (ARG)	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Juventude	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Palmeiras	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Portuguesa	1998	115	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Corinthians	1998	115	35,00 CE	5,00 GE
Copa Mercosul Cruzeiro x Palmeiras	1998	115	20,00 CE	3,00 GE

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 6 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 1999;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Copa dos Campeões de MG Atlético x América	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG Cruzeiro x Vila Nova	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG América x Vila Nova	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG Atlético x Cruzeiro	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Caxias (RS)	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG Cruzeiro x América	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG Vila Nova x Atlético	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG América x Cruzeiro	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG Atlético x Vila Nova	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG Cruzeiro x Atlético	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG Vila Nova x América	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Atlético	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Atlético x Bahia	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa dos Campeões de MG Atlético x Cruzeiro	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Caldense	1999	117	20,00 CE	1,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Valeriodoce	1999	117	20,00 CE	1,00 GE

Campeonato Mineiro Cruzeiro x Democrata	1999	117	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro América x URT	1999	117	15,00 CE	5,00 GE
Copa Centro-Oeste Cruzeiro x Vila Nova (GO)	1999	117	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Vila Nova	1999	117	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro América x Atlético	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Democrata	1999	117	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro América x Caldense	1999	117	15,00 CE	10,00 AR
Campeonato Mineiro América x Cruzeiro	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Vila Nova	1999	117	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x URT	1999	117	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Vila Nova	1999	117	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x América	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Democrata	1999	117	15,00 CE	10,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Caldense	1999	117	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Valeriodoce	1999	117	15,00 CE	10,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético x URT	1999	117	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x América	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Valeriodoce	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Atlético	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x América	1999	117	20,00 CE	5,00 GE

Campeonato Mineiro América x Atlético	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Amistoso Sel. Mineira x Sel. Paulista	1999	117	15,00 CE	1,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Botafogo	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Copa Mercosul Cruzeiro x River Plate (ARG)	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Inter	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x São Paulo	1999	117	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Atlético	1999	117	15,00 CE	5,00 GE
Copa Mercosul Cruzeiro x Racing (ARG)	1999	117	15,00 CE	5,00 GE
Camp. Brasileiro Série B América x Bragantino	1999	117	PREÇO ÚNICO 10,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Corinthians	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Camp. Brasileiro Série B América x Desp. Ferrov.	1999	117	PREÇO ÚNICO 10,00	
Camp. Brasileiro Série B América x Criciúma	1999	117	PREÇO ÚNICO 10,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Sport	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Camp. Brasileiro Série B América x Tuna Luso	1999	117	PREÇO ÚNICO 10,00	
Campeonato Brasileiro Atlético x Flamengo	1999	117	20,00 CE	1,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Atlético	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Camp. Brasileiro Série B América x Remo	1999	117	PREÇO ÚNICO 10,00	
Campeonato Brasileiro Atlético x Santos	1999	117	20,00 CE	1,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Palmeiras	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Juventude	1999	117	20,00 CE	1,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Guarani	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Ponte Preta	1999	117	20,00 CE	1,00 GE

Camp. Brasileiro Série B América x XV Novembro	1999	117	PREÇO ÚNICO 10,00	
Camp. Brasileiro Série B América x ABC (RN)	1999	117	10,00 CE	2,00 GE
Camp. Brasileiro Série B América x Goiás	1999	117	PREÇO ÚNICO 2,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Palmeiras	1999	117	5,00 CE	1,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Botafogo	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vasco da Gama	1999	117	15,00 CE	1,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Paraná Clube	1999	117	15,00 CE	1,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Grêmio	1999	117	15,00 CE	1,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Cruzeiro	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Atlético	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Vitória	1999	117	20,00 CE	5,00 GE
Seletiva Libertadores Cruzeiro x Guarani	1999	117	10,00 CE	1,00 GE
Seletiva Libertadores Cruzeiro x Vasco da Gama	1999	117	10,00 CE	1,00 GE
Seletiva Libertadores Cruzeiro x Vitória	1999	117	10,00 CE	1,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Corinthians	1999	117	40,00 CE	5,00 GE
Seletiva Libertadores Cruzeiro x Atlético	1999	117	10,00 CE	1,00 GE

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 7 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 2000;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Copa Sul-Minas Atlético x Grêmio	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa Sul-Minas Cruzeiro x Juventude	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa Sul-Minas Atlético x Figueirense	2000	143,5	10,00 CE	5,00 GE
Copa Sul-Minas Cruzeiro x Maringá	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa Sul-Minas Cruzeiro x Coritiba	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa Sul-Minas Atlético x Paraná Clube	2000	143,5	10,00 CE	2,00 GE
Copa Libertadores Atlético x Bolívar (BOL)	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa Sul-Minas Cruzeiro x Paraná Clube	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa Sul-Minas América x Cruzeiro	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa Sul-Minas Cruzeiro x América	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Amistoso Cruzeiro x Universal (RJ)	2000	143,5	SEM INFORMAÇÃO	
Copa Libertadores Atlético x Bella Vista	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Gama (DF)	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Rio Branco	2000	143,5	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Ipatinga	2000	143,5	10,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Cruzeiro	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa Libertadores Atlético x Cobreloa (CHI)	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Villa Nova	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro América x Atlético	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE

Campeonato Mineiro Cruzeiro x Democrata	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Cruzeiro	2000	143,5	20,00 CE	5,00 GE
Copa Libertadores Atlético x Atlético PR	2000	143,5	20,00 CE	5,00 AR
Copa do Brasil Cruzeiro x Caxias (RS)	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Villa Nova	2000	143,5	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Rio Branco	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x América	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético x Democrata	2000	143,5	10,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro América x Ipatinga	2000	143,5	PREÇO ÚNICO 5,00	
Copa Libertadores Atlético x Corinthians	2000	143,5	30,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético x América	2000	143,5	10,00 CE	2,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Atlético	2000	143,5	15,00 CE	10,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE
Copa do Brasil Atlético x Portuguesa	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	2000	143,5	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	2000	143,5	30,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Botafogo	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Amistoso Atlético x Sel. Jamaica	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE
Copa do Brasil Atlético x Fluminense	2000	143,5	20,00 CE	2,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Santos	2000	143,5	15,00 CE	2,00 AR
Copa do Brasil Cruzeiro x São Paulo	2000	143,5	30,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Atlético x São Paulo	2000	143,5	15,00 CE	2,00 AR

Copa J. Havelange Cruzeiro x Atlético	2000	143,5	20,00 CE	5,00 GE
Copa J. Havelange Atlético x Bahia	2000	143,5	20,00 CE	5,00 GE
Copa Mercosul Cruzeiro x Independiente (ARG)	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa J. Havelange Atlético x Santos	2000	143,5	20,00 CE	5,00 AR
Copa Mercosul Atlético x Peñarol (URU)	2000	143,5	20,00 CE	2,00 GE
Copa J. Havelange Cruzeiro x Vitória	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa Mercosul Atlético x Vasco da Gama	2000	143,5	20,00 CE	2,00 GE
Copa J. Havelange Atlético x Flamengo	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE
Copa J. Havelange Cruzeiro x Inter	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa J. Havelange América x Botafogo	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa J. Havelange Atlético x Corinthians	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE
Copa J. Havelange Cruzeiro x Gama (DF)	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa Mercosul Atlético x San Lorenzo (ARG)	2000	143,5	15,00 CE	2,00 GE
Copa J. Havelange Atlético x Fluminense	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa J. Havelange América x Santa Cruz (PE)	2000	143,5	PREÇO ÚNICO 5,00	
Copa J. Havelange América x Inter	2000	143,5	PREÇO ÚNICO 5,00	
Copa Mercosul Cruzeiro x Univ Cat (CHI)	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa J. Havelange Atlético x Cruzeiro	2000	143,5	20,00 CE	5,00 GE
Copa J. Havelange América x Juventude	2000	143,5	20,00 CE	5,00 GE
Copa J. Havelange América x Portuguesa	2000	143,5	PREÇO ÚNICO 5,00	
Copa J. Havelange Atlético x Goiás	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE

Copa J. Havelange Cruzeiro x Santa Cruz	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa J. Havelange Cruzeiro x Juventude	2000	143,5	15,00 CE	5,00 GE
Copa J. Havelange Atlético x Coritiba	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa J. Havelange Atlético x Grêmio	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa J. Havelange Cruzeiro x Portuguesa	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa J. Havelange América x Vitória	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa Mercosul Atlético x Boca Juniors (ARG)	2000	143,5	20,00 CE	5,00 GE
Copa J. Havelange Atlético x América	2000	143,5	20,00 CE	10,00 AR
Copa J. Havelange Cruzeiro x Corinthians	2000	143,5	20,00 CE	10,00 AR
Copa Mercosul Cruzeiro x Palmeiras	2000	143,5	5,00 CE	1,00 GE
Copa J. Havelange Atlético x Juventude	2000	143,5	5,00 CE	2,00 AR
Copa J. Havelange Cruzeiro x Ponte Preta	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa J. Havelange América x Corinthians	2000	143,5	10,00 CE	2,00 AR
Copa J. Havelange Atlético x Sport	2000	143,5	10,00 CE	2,00 AR
Copa J. Havelange Cruzeiro x Malutron	2000	143,5	15,00 CE	5,00 AR
Copa Mercosul Atlético x Palmeiras	2000	143,5	10,00 CE	2,00 GE
Copa J. Havelange Cruzeiro x Inter	2000	143,5	20,00 CE	5,00 AR
Copa J. Havelange Cruzeiro x Vasco da Gama	2000	143,5	30,00 CE	5,00 AR

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 8 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 2001

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Copa Sul-Minas Atlético x Atlético (PR)	2001	165.50	10,00 CE	5,00 AR
Copa Sul-Minas Cruzeiro x Paraná Clube	2001	165.50	20,00 CE	10,00 AR
Camponeanto Mineiro Atlético x Mamoré	2001	165.50	20,00 CE	10,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético X Guarani	2001	165.50	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	2001	165.50	20,00 CE	10,00 AR
Copa Sul-Minas Atlético x Cruzeiro	2001	165.50	20,00 CE	10,00 AR
Copa Sul Minas Cruzeiro x Coritiba	2001	165.50	20,00 CE	10,00 AR
Copa Libertadores Cruzeiro x Emelec	2001	165.50	20,00 CE	10,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Villa Nova	2001	165.50	15,00 CE	5,00 GE
Copa Libertadores Cruzeiro x Sporting Cristal	2001	165.50	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético x Rio Branco	2001	165.50	15,00 CE	5,00 AR
Copa do Brasil Atlético x Goiás	2001	165.50	3,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Ipatinga	2001	165.50	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Ipatinga	2001	165.50	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético x Mamoré	2001	165.50	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro América x Cruzeiro	2001	165.50	10,00 CE	5,00 AR
Copa Libertadores Cruzeiro x El Nacional	2001	165.50	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Caldense	2001	165.50	10,00 CE	2,00 AR
Campeonato Mineiro América x Atlético	2001	165.50	SEM INFORMAÇÃO	

Copa Libertadores Cruzeiro x Palmeiras	2001	165.50	15,00 CE	2,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético x América	2001	165.50	15,00 CE	2,00 GE
Copa Mercosul Cruzeiro x Colo Colo	2001	165.50	20,00 CE	10,00 AR
Copa do Brasil Atlético x Coritiba	2001	165.50	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Santa Cruz	2001	165.50	20,00 CE	10,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Independiente	2001	165.50	20,00 CE	10,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Goiás	2001	165.50	20,00 CE	10,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Juventude	2001	165.50	20,00 CE	10,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Atlético	2001	165.50	30,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Atlético	2001	165.50	20,00 CE	10,00 GE
Campeonato Brasileiro América x Gama	2001	165.50	PREÇO ÚNICO 5,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Corinthians	2001	165.50	20,00 CE	10,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético x Santos	2001	165.50	20,00 CE	1,00 G
Campeonato Brasileiro América X Botafogo	2001	165.50	PREÇO ÚNICO 5,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Fluminense	2001	165.50	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético x Portuguesa	2001	165.50	15,00 CE	2,00 AR
Campeonato Brasileiro America X Coritiba	2001	165.50	PREÇO ÚNICO 5,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X São Caetano	2001	165.50	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Flamengo	2001	165.50	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético X Vasco da Gama	2001	165.50	15,00 CE	2,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético X Palmeiras	2001	165.50	15,00 CE	2,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X São Paulo	2001	165.50	10,00 CE	2,00 AR

Campeonato Brasileiro Atlético X Grêmio	2001	165.50	10,00 CE	2,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Internacional	2001	165.50	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético X Grêmio	2001	165.50	30,00 CE	5,00 AR

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

---

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 9 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 2002;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Copa Sul-Minas Cruzeiro X Juventude	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Copa Sul-Minas Cruzeiro x Coritiba	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Copa Sul Minas Cruzeiro X América	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Copa Brasil Atético X Juventude	2002	200	15,00 CE	2,00 AR
Copa Sul Minas Atlético x Cruzeiro	2002	200	30,00 CE	5,00 AR
Copa Sul-Minas Cruzeiro X Malutrom	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Copa do Brasil Cruzeiro x Londrina	2002	200	10,00 CE	2,00 AR
Copa Libertadores Atético X Sport Recife	2002	200	20,00 CE	2,00 AR
Copa Sul Minas América x Atlético	2002	200	20,00 CE	5,00 GE
Copa Sul Minas Cruzeiro x Criciúma	2002	200	15,00 CE	3,00 AR
Copa Sul Minas Atético x Joinville	2002	200	20,00 CE	5,00 AR
Copa Sul Minas Cruzeiro X Grêmio	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Copa Do Brasil Atlético x Internacional	2002	200	20,00 CE	5,00 AR
Copa Sul Minas Atlético X Internacional	2002	200	20,00 CE	5,00 AR
Copa do Brasil Cruzeiro X Corinthians	2002	200	20,00 CE	3,00 AR
Copa Sul Minas Atlético X Pelotas	2002	200	20,00 CE	5,00 AR
Copa do Brasil Atlético X Bahia	2002	200	20,00 CE	2,00 AR
Copa SuL Minas Cruzeiro x Tubarão	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Copa Sul Minas Atlético X Cruzeiro	2002	200	25,00 CE	5,00 AR

Copa do Brasil Atlético X Brasilense	2002	200	20,00 CE	2,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético X América	2002	200	15,00 CE	2,00 GE
Copa Sul Minas Cruzeiro x Atlético PR	2002	200	25,00 CE	3,00 AR
Copa do Sul Minas Cruzeiro x Atlético	2002	200	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético X Caldense	2002	200	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Mamoré X América	2002	200	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Mamoré X Atlético	2002	200	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América X Cruzeiro	2002	200	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Mamoré	2002	200	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro América x Caldense	2002	200	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Atlético	2002	200	15,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Caldense X Mamoré	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Caldense X Cruzeiro	2002	200	15,00 CE	5,00 G
Campeonato Mineiro América X Atlético	2002	200	15,00 CE	5,00 G
Campeonato Brasileiro Atlético X Corinthians	2002	200	20,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Palmeiras	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Botafogo	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Bahia	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético X Paraná Clube	2002	200	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Atlético X Flamengo	2002	200	20,00 CE	2,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Vasco da Gama	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético x Figueirense	2002	200	20,00 CE	5,00 AR

Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Juventude	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Santos	2002	200	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Atlético	2002	200	20,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético X Corinthians	2002	200	25,00 CE	1,00 AR

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 10 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 2003;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Caldense	2003	240	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético x América	2003	240	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Atlético	2003	240	25,00 CE	10,00 AR
Copa do Brasil Atlético x CRB	2003	240	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Mamoré	2003	240	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Guarani	2003	240	10,00 CE	2,00 AR
Campeonato Mineiro América x Cruzeiro	2003	240	15,00 CE	10,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético x Caldense	2003	240	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x São Caetano	2003	240	20,00 CE	5,00 AR
Copa do Brasil Cruzeiro x Corinthians	2003	240	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético x Santos	2003	240	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Ponte Preta	2003	240	20,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético x Guarani	2003	240	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Ponte Preta	2003	240	20,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Vila Nova	2003	240	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Brasileiro Atlético x Coritiba	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Atlético	2003	240	15,00 CE	2,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Vasco da Gama	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x São Paulo	2003	240	20,00 CE	2,00 GE

Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Corinthians	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Goiás	2003	240	15,00 CE	2,00 GE
Copa do Brasil Cruzeiro x Flamengo	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Criciúma	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Atlético	2003	240	40,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Grêmio	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Inter	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Paysandu	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Fortaleza	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Flamengo	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vasco da Gama	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Paraná Clube	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Juventude	2003	240	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Bahia	2003	240	25,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Vitória	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Camp Brasil Série B América x Ceará	2003	240	8,00 AR	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x São Paulo	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Corinthians	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Atlético PR	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Coritiba	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético x Bahia	2003	240	20,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x São Caetano	2003	240	25,00 CE	5,00 GE

Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Guarani	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Copa Sulamericana Atlético x Fluminense	2003	240	20,00 CE	0,50 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Santos	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Vitória	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Flamengo	2003	240	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Atlético x Cruzeiro	2003	240	50,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Juventude	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Figueirense	2003	240	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Grêmio	2003	240	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Paysandu	2003	240	40,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Cruzeiro x Fluminense	2003	240	40,00 CE	5,00 GE

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 11 – TABELA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 2004;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Valeriodoce	2004	260	20,00 CE	3,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético X Social	2004	260	20,00 CE	10,00 AR
Copa Libertadores Cruzeiro X Caracas	2004	260	20,00 CE	3,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro X América	2004	260	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético X Guarani	2004	260	20,00 CE	10,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Rio Branco	2004	260	20,00 CE	3,00 GE
Copa Libertadores Cruzeiro x Santos Laguna	2004	260	20,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético X Caldense	2004	260	20,00 CE	10,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Uberaba	2004	260	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético X Cruzeiro	2004	260	20,00 CE	5,00GE
Copa do Brasil Atlético x Catuense	2004	260	20,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Villa Nova	2004	260	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético x Tupi	2004	260	20,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x U.R.T	2004	260	10,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro América X Atlético	2004	260	20,00 CE	5,00 GE
Libertadores Cruzeiro x Universidade Concepcion	2004	260	15,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Atlético X Mamoré	2004	260	20,00 CE	5,00 AR
Campeonato Mineiro Cruzeiro x Ipatinga	2004	260	15,00 CE	5,00 AR

Campeonato Mineiro Cruzeiro X América	2004	260	30,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Atlético X Caldense	2004	260	15,00 CE	2,00 GE
Campeonato Mineiro América X Cruzeiro	2004	260	30,00 CE	5,00 GE
Copa do Brasil Atlético X Santos André	2004	260	15,00 CE	5,00 AR
Copa do Sul Minas Cruzeiro x Atlético	2004	260	25,00 CE	5,00 GE
Campeonato Mineiro Cruzeiro X Atlético	2004	260	40,00 CE	5,00 GE
Campeonato Brasileiro Atlético X Vasco da Gama	2004	260	30,00 CE	15,00 A
Campeonato Brasileiro Atlético X Corinthians	2004	260	30,00 CE	15,00 A
Libertadores Cruzeiro X Deportivo Cali	2004	260	30,00 CE	10,00 AR
Eliminatória Copa Mundo Seleção Brasileira X Seleção Argentina	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Atlético X Santos	2004	260	25,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X São Paulo	2004	260	30,00 CE	15,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Paysandu	2004	260	25,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Atlético X Fluminense	2004	260	25,00 CE	15,00 CS
Campeonato Mineiro Atlético X Atlético PR	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Coritiba	2004	260	20,00 CE	5,00 CS
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Guarani	2004	260	20,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Atlético X Cruzeiro	2004	260	20,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Atlético X Vitória	2004	260	25,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Botafogo	2004	260	25,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Atlético X Goiás	2004	260	25,00 CE	20,00 CS
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Internacional	2004	260	20,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Flamengo	2004	260	20,00 CE	15,00 CS

Campeonato Brasileiro Atlético X Palmeiras	2004	260	25,00 CE	15,00 AR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Goiás	2004	260	20,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Santos	2004	260	20,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Paraná Clube	2004	260	20,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Atlético X Juventude	2004	260	25,00 CE	20,00 CS
Campeonato Brasileiro Atlético X Coritiba	2004	260	25,00 CE	20,00 CS
Campeonato Brasileiro América X CRB	2004	260	PREÇO ÚNICO 1,00	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Atlético	2004	260	20,00 CE	15,00 CS
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Goias	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Atlético X Internacional	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Figueirense	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Ponte Nova	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Copa Nissan Sudamerica Cruzeiro X Internacional	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Atlético	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Grêmio	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Vasco da Gama	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Corinthians	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Fluminense	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Vitória	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	
Campeonato Brasileiro Atlético X São Caetano	2004	260	SEM INFORMAÇÃO	

Legenda dos setores: GE – Geral, AR – Arquibancada inferior, CS – Arquibancada superior, CE – Cadeira especial.

FONTE: Elaborado pelo autor com base nos dados divulgados pela Minas Arena e IBGE, através de informações compiladas pelo IPEA. Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/jogos-e-eventos>> e <<https://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/rendimentos-e-precos/tabelas-de-rendimentos.html>>, respectivamente. Acesso em 30 Jul 2018.

## APÊNDICE 12 – TABELA DE JOGO E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 2013

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Copa Libertadores Atlético x Olimpia (PAR)	2013	678	500,00 RS	100 LS

Legenda dos setores: LS – Laranja Superior, RS – Roxo superior

FONTE: Elaborado pelo autor. Base de dados disponível em <<https://goo.gl/Reeqvp>> . Acesso em 07 Ago 2018.

## APÊNDICE 12 – TABELA RESUMIDA DE JOGOS E VALORES DO DIREITO AO INGRESSO, 2013 a 2018;

EVENTO / PARTIDA	ANO	SALÁRIO MÍNIMO VIGENTE (em Reais)	INGRESSO MAIS CARO (em Reais) E SETOR	INGRESSO MAIS BARATO (em Reais) E SETOR
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Portuguesa	2013	510	84,00 RS	35,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Santos	2013	510	60,00 RS	35,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Atlético	2013	510	200,00 CV	60,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Vitória	2013	510	170,00 CV	70,00 AI
Copa do Brasil Cruzeiro X Santos	2014	724	700,00 VI	200,00 AI
Copa do Brasil Cruzeiro X Atlético	2014	724	170,00 IR	50,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Goiás	2014	724	200,00 CV	50,00 IL
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Atlético PR	2014	724	200,00 CV	35,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Flamengo	2015	788	170,00 CV	50,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Inter	2015	788	130,00 VI	50,00 AI

Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Figueirense	2015	788	90,00 RI	40,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Atlético	2015	788	130,00 VI	50,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Atlético	2016	880	130,00 VI	50,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Chapecoense	2016	880	120,00 RS	40,00 IL
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Sport	2016	880	80,00 VS	40,00 IL
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X São Paulo	2016	880	120,00 RS	40,00 IL
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Vasco da Gama	2017	937	100,00 SETOR NÃO INFORMADO	10,00 SETOR NÃO INFORMADO
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Grêmio	2017	937	100,00 IR	20,00 VI
Copa do Brasil Cruzeiro X Avaí	2017	937	100,00 RS	30,00 AI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Botafogo	2017	937	120,00 RS	40,00 VI
Copa do Brasil Cruzeiro X Santos	2018	937	150,00 RS	50,00 SL
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X São Paulo	2018	937	150,00 RS	40,00 IL
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X América	2018	937	120,00 RS	50,00 VI
Campeonato Brasileiro Cruzeiro X Bahia	2018	937	60,00 RS	10,00 VI

Legenda dos setores: AI – Amarelo inferior, CV – Cadeira VIP, RI – Roxo inferior, VI – Vermelho inferior,

FONTE: Elaborado pelo autor. Base de dados disponível em: <<https://goo.gl/GJvdVX>>, <<https://goo.gl/VrRFEr>>. Acesso em 18 Ago 2018

